

MANUEL CELSO DA SILVA CUNHA



.11/.12)

MINHO - Cartaz típico

Minhota:

Envergando trajo
regional de
Barcelos.

(Reprodução proibida)

Concomente ao Trênis
Gomes Pereira - 1964. 1a
Comissão Municipal de
Turismo de Barcelos

C.M.B.
Biblioteca

MINHO

CARTAZ TÍPICO

MINHO
CARIAZ BRICO

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA «GIL VICENTE»
— BARCELOS —

MANUEL CELSO DA SILVA CUNHA

MINHO

CARTAZ TÍPICO

(PROSA E VERSO)



Barcelone
Perm

1 9 6 1

DO AUTOR

Em preparação:

MIGALHAS DE PÃO (Novela Típica)

RETALHOS DE PORTUGAL (Etnográfico e Folclórico)

À MINHA QUERIDA MÃE

A MEU PAI

E AVÓ

Com eterna e desvanecida gratidão

DIÁLOGO...

MINHO... profusão de terras amplas, ricas de seiva e de vida. Terra onde a gente se espreguiça ao sol e 'dormita na sombra, onde as noites são de veludo azul e as cachopas de espuma de borracha.

— Pátria de um bucolismo de cromos tão instantâneos que se prepara ante o nosso olhar cheio de pontos de interrogação e exclamação????!! Uma província nova, cartaz vivo de trabalho, lealdade e independência.

O Minhoto, com tempo de sobra para se espreguiçar ao sol, dormir na sombra e dançar com a frescura da alma moça na profundidade desconcertante do ritmo, vive com os pés envoltos na areia branca do oceano azul e com os olhos puros na beleza imortal dos campos.

DEUS CRIOU O MINHO — numa aguarela, dilatando os horizontes e envolvendo as encostas com a robustez das papoilas...

O homem continua consorciando-se às telas multicores e desenhando com a mesma paleta a silhueta luxuriante que emoldura a hospitalidade do Minhoto.

«MINHO — CARTAZ TÍPICO» — é o pão da minha boca gerado pelos pensamentos castos da minha vastidão de Jovem e ofertado dos meus lábios ao pôr do sol. — Depois de tanta luta, ódio e sangue, de tanta inocência mutilada, de verificarmos tanta revolução de ideologias no seio da JUVENTUDE, a nossa alma vibra e sente tantos gritos mal dominados, que dá vontade a penetrar somente nesta belíssima região com o coração eternamente aberto.

O AUTOR



Rota de Prodígios

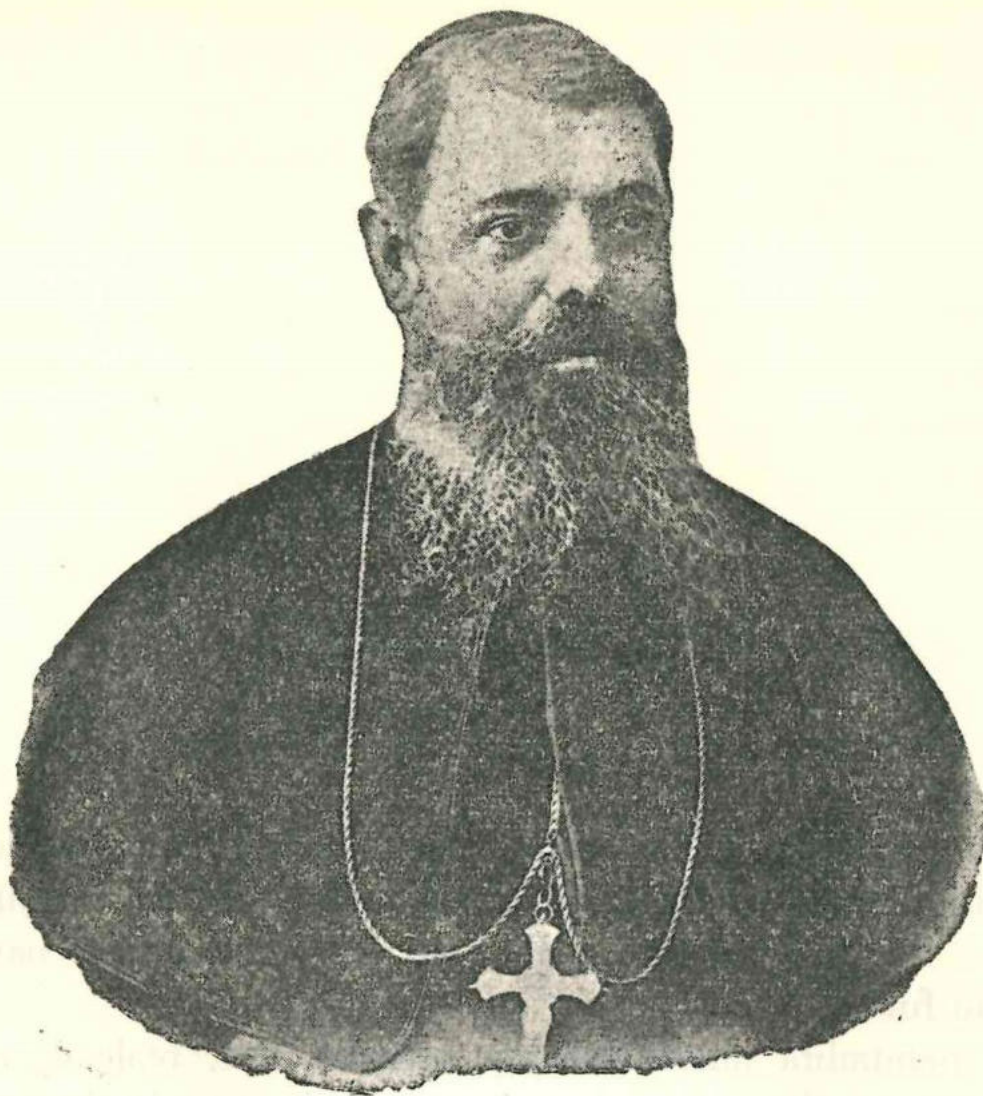
ESTA província é um rincão formosíssimo envolvendo num nimbo de poesia e de lenda que atrai as imaginações.

As tradições são a alma do passado a reviver nas esperanças do futuro.

Da penumbra misteriosa dos tempos idos, realçam homens e mulheres envoltos numa vaporosa e rútila auréola de espiritualidade, heroicidade e intelectualidade; constelando a nebulose do passado num lampejo imortal de nobreza lusa.

Tudo no MINHO é beleza; o ar, a luz, os matizes variados da paisagem, o arfar idílico do mar e dos rios, a reza rumorosa e elegíaca das estâncias, o gorjeio dos cantares e a inebriante mistura, condimentada numa noite de luar. Magia que atrai, subjuga e inspira a poemas líricos. Deus baptizou esta província com todos os dons da graça e da atracção convertendo a alma do viajante, do peregrino em éter subtil, erudição e arte.

Apresenta-se junto de um piano encantado. Na mão esquerda estendida, o violino e o arco. Com o braço direito enlaça pela cintura a beldade dos campos em vestido de soirée, vergada pela



D. ANTÓNIO BARROSO

veemência do seu beijo. O tamborete do piano que é a natureza gritante, tombando, explica claramente o que acontecera. O inibido MINHO, violinista estivera tocando uma serenata, enquanto a dama indolentemente dedilhava o acompanhamento.

« — É por isso que eu tanto sinto os teus olhos
Terra dos meus saudosos olhos... »

Tal como o poeta ANTERO DE QUENTAL levou certo dia seu pensamento:

« — Na mão de DEUS, na sua mão direita
Repousa afinal meu coração. »

E se o poeta repousou na mão de DEUS, tantos repousaram no regaço virginal desabrochando nos lábios duma camponesa, na graça ondulante da filigrana como adorno dos colos torneados e refluídos pela cambraia fina da blusa e sobraçando as saias que revelam tantos metros de rendas ricas.

« — QUE TENTAÇÕES ESCONDIDAS
EM TEU CORPETE ENCARNADO;
MOÇOILA DO MEU ENLEIO,
— ONDE ME TENS APERTADO? »

Mas... no MINHO não há só mulheres formosas, rios de prata, poemas de oração dispersos pela imensidade do espaço, flores prodigiando de perfumes; há telas preciosas de escultores medievos vividos em plena renascença. O homem moderno ainda tem tendências, embora o humilde pela arte tipicamente regional.

Nesta região vivem primorosos artistas que merecem as honras de especial menção. Dum bloco de barro inerte, parece palpitar faces cavadas de sulcos profundos, contracções torturadas de um insaciado de emoções e de um imaginativo criador; mas o artista quando calejado ressurgue activamente no seu atelier e das pequeninas fracções de argila faz lapidar soberbos monumentos da literatura, rendendo culto à memória do génio português, assinalando uma fase do renascimento da arte nacional.

Quantos homens honraram a Pátria e foram Filhos ilustres da Terra Minhota?

Tantos, como bordados de ouro e musgosos castelos. — Reis, historiadores, músicos célebres, poetas, guerreiros e santos.

«D. AFONSO HENRIQUES, que no dizer de Alexandre Herculano «lançou a pedra angular da monarquia lusitana» ANTÓNIO FEIJÓ, nascido em Ponte de Lima, o poeta pessimista das «TRANSFIGURAÇÕES» e do lirismo admirável exaltados pelos motivos da vida familiar e da suave terra minhota.

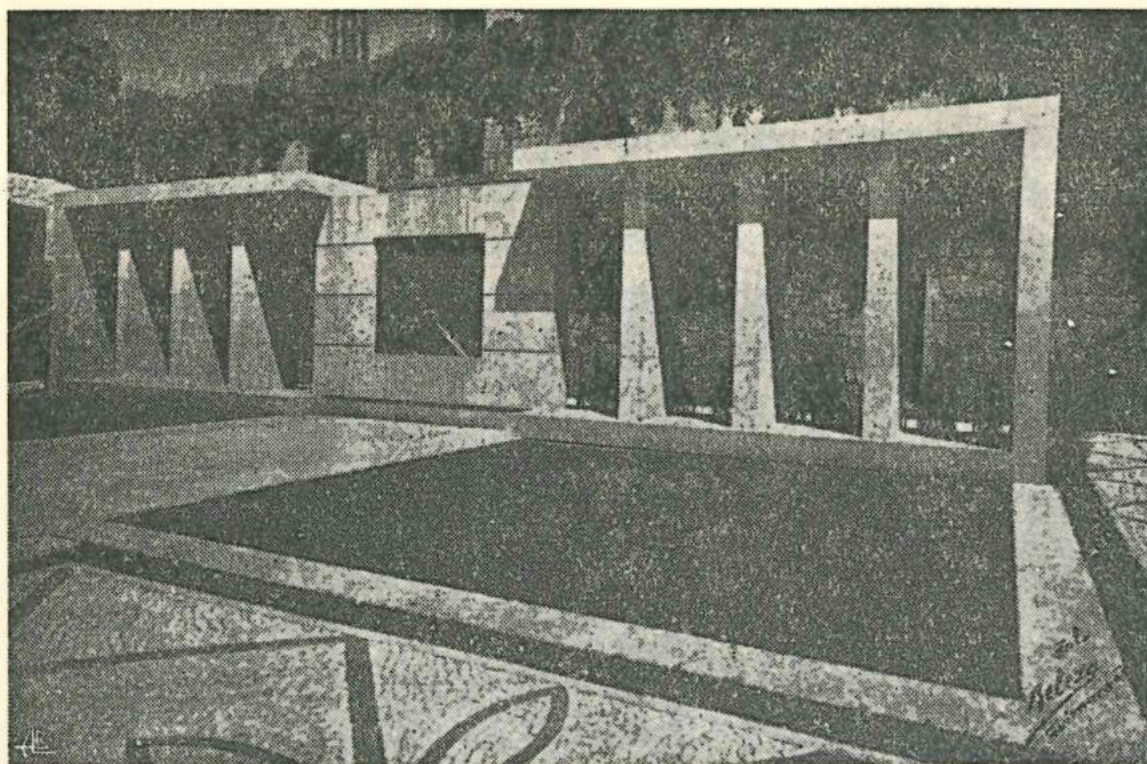
D. ANTÓNIO BARROSO, natural de Remelhe e que ocupa por direito próprio um lugar de destaque entre as grandes figuras que Portugal deu à Igreja. A sua obra de fé implantada em África, Moçambique e Índia, deixou a sua fronte aureolada com o diadema dos Santos.

FOGAÇA e ANTÓNIO MALHEIRO, poetas barcelenses que escreveram vários poemas extraordinários de viveza e cor. Destaco de ANTÓNIO MALHEIRO a primeira parte de um soneto escrito em 1882 e dedicado à viúva de um barão vianense:

«FICA-TE BEM CHORAR! A DOR QUE TE EXPEDAÇA,
QUE TE VEM SOBRAÇAR NA TUA IMENSIDADE,
NÃO PERTENCE A TI SÓ, PERTENCE À HUMANIDADE
A MIM, A TODOS NÓS DESPOTICA SE ABRAÇA!

ELE ERA JUSTO E BOM; SE AO VÍCIO ERA AMEAÇA
O GESTO ESMAGADOR DA SUA AUSTERIDADE,
À MORBIDA VELHICE, À PÁLIDA ORFANDADE
JAMAIS A SUA MÃO FORA D'ALIVIO ESCASSA.»

ALBERTO SAMPAIO, nascido em Guimarães e embora pouco conhecido do público, ficará para a posteridade como grande historiador. Foi companheiro e íntimo amigo do poeta Antero de Quental, deixou uma obra considerável e preciosa que muito contribui para um mais vasto conhecimento da dominação romana e visigótica.



MONUMENTO AO HISTORIADOR VIMARANENSE
DR. ALBERTO SAMPAIO

DIOGO BERNARDES (1520-1605) natural de Ponte de Lima, poeta insigne autor de magníficos poemas repassados de verdadeiro sentimento.

Eis as suas obras principais:

- a) Rimas ao Bom Jesus, de carácter espiritual e místico.
- b) Flores do Lima, sonetos e cantigas.
- c) O Lima, contendo vinte églogas e trinta e três cartas.
- d) Santa Ursula, cinco églogas e outros poemas.

O mavioso poeta e cantor do Lima revelou-se como um dos mais felizes cultores do género bucólico.

MIGUEL ÂNGELO, músico e compositor célebre, nasceu em Barcelinhos, MARTINS SARMENTO (1833-1899) vimaranense ilustre, JOÃO PENHA, talentoso na literatura e na política, bracaraense notável.

Além destes grandes Filhos do MINHO, pequeno monumento da impressionante unidade cultural e artística, vinculados por uma tradição ininterrupta no indelével perfil das gerações, precisam de menção e reconhecimento, pela envolvente coesão dos seus meios



CASTELO DE GUIMARÃES

«Corpo e alma do seu Rei Primeiro
e signo onde nasceu Portugal...»

de estilo e pela universalidade de um pensamento; dois Homens, duas grandezas da Língua Portuguesa, que, embora não fossem do MINHO aqui viveram e destas partiram para a eternidade.

—CAMILO CASTELO BRANCO, romancista e ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA, poeta.

A terra minhota, acolchoada de fofa vegetação alaga as encostas e as olhalvas, evocam castelos e solares entre varandas rendilhadas

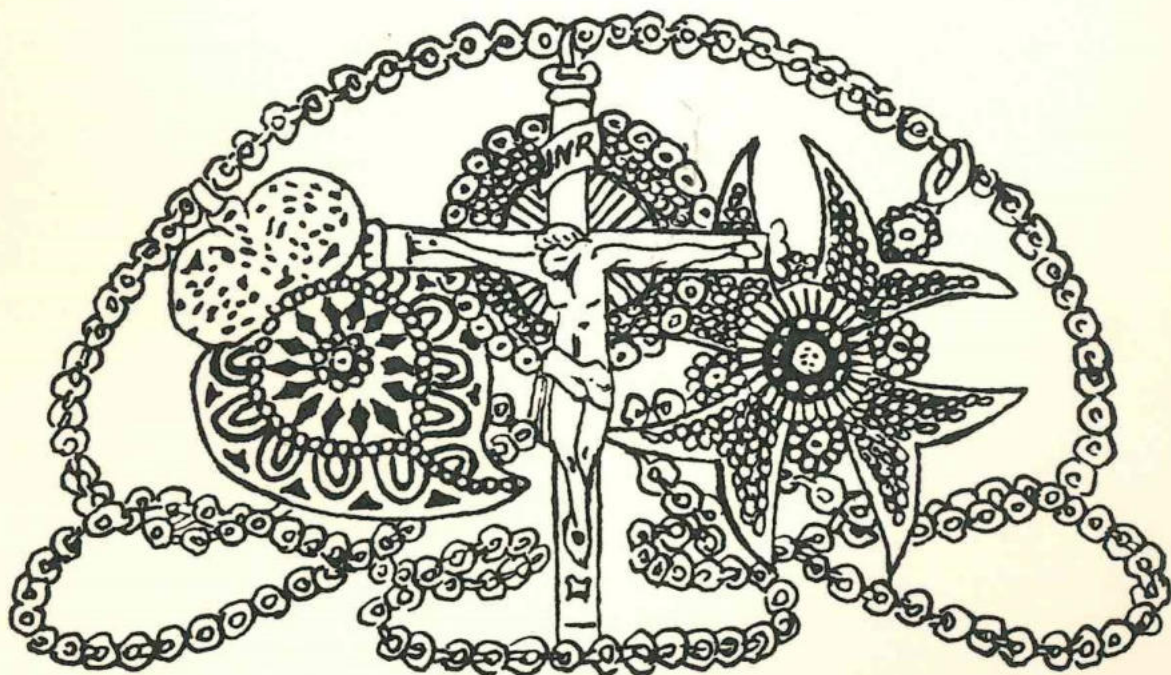
—essa, alada e quase diáfana, fábrica de inspiração gótica, ritmo ousado de uma dinastia de arquitectos e escultores que gastaram o melhor de alguns séculos, para eternizar numa densa oração de pedra a magnificência artística. Cada pedra de museu, cada ornato de catedral, cada cinzeladura de solar, rezaará cantando, por toda a eternidade o heroísmo lusíada.

A índole desta rota é precisamente transpor a verdejante epopeia, prodigiosa de belezas lendárias que mais parece um pedaço da alma do próprio Deus.

Bem meditada esta rota de prodígios, sentida até com os olhos ébrios de paisagem, bebida ao longo da jornada pelo re-bordo dos campos que começam à raiz dos montes, à ascês da fé simples, humilde e rude, e terminam em seus castelos, mosteiros, solares e ermidas que guardam além do culto histórico, o de SANTA MARIA, que, desde o berço da nacionalidade, se levanta para saudar a gesta lusíada em todos os momentos de glória.

Só podemos desfiar o rosário da poesia, galgando os horizontes rendilhados desta encantadora Província do MINHO.

Afastem-se dela, aqueles que não puderem aceitar o seu desafio.

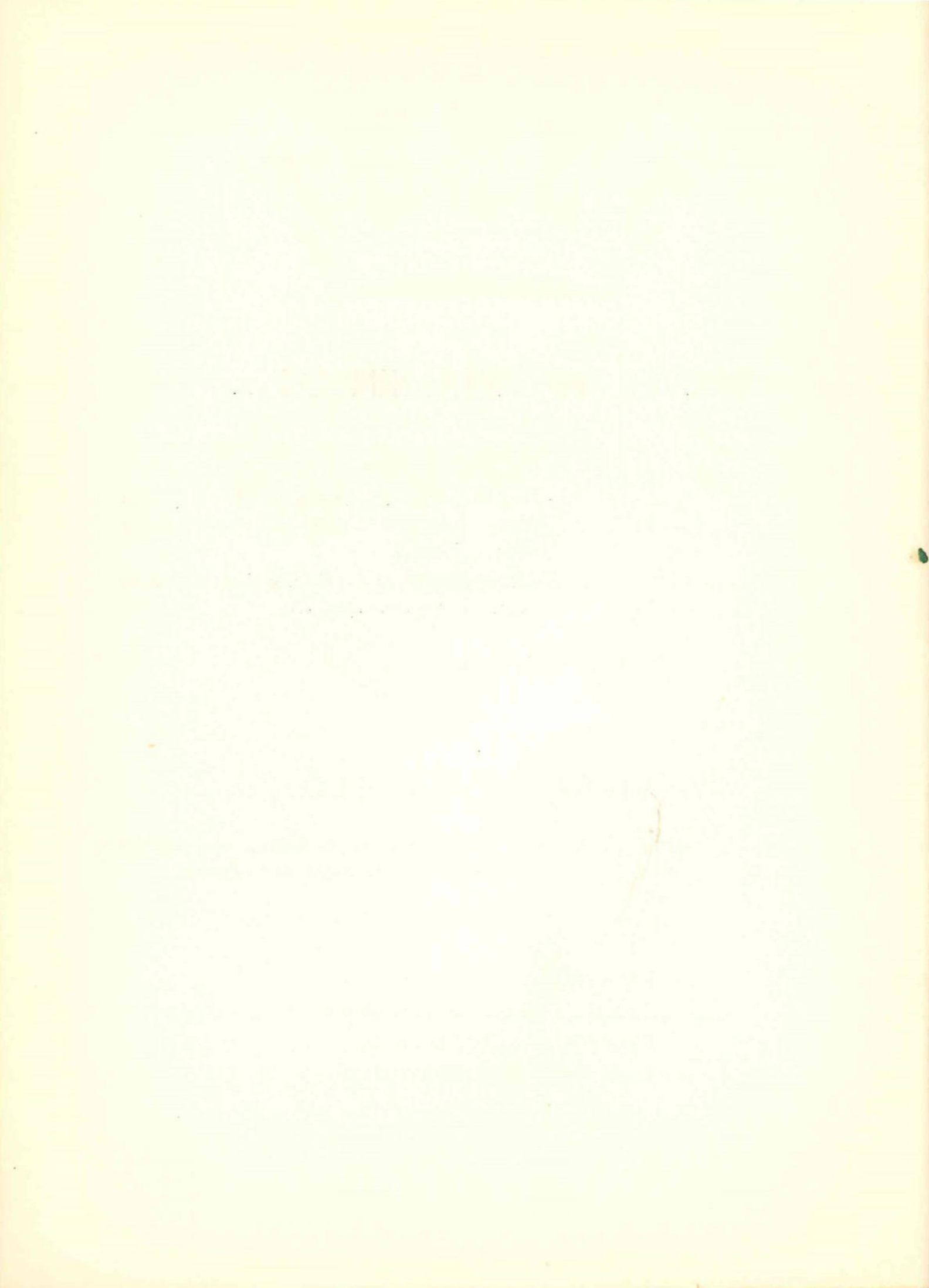


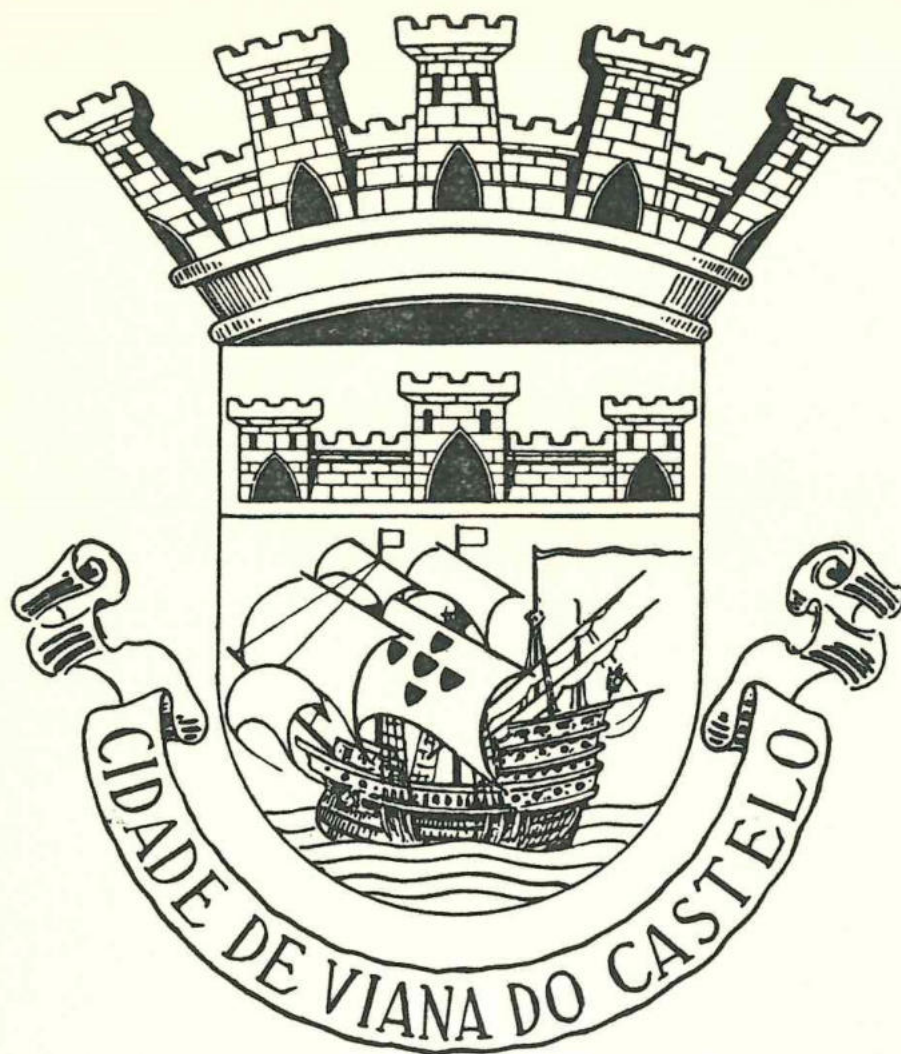
I
PARTE

BREVES APONTAMENTOS...

« Para melhor se conhecer o MINHO é preciso conhecerem-se as suas pitorescas e encantadoras Cidades e Vilas...

Onde se encontrará a calma, o descanso ou os prazeres da vida mundanos...





VIANA DO CASTELO

É um requinte de Beleza, uma instintiva
e intuitiva definição de Progresso...

« VIANA DO MEU SONHO
TERRA LINDA DE CANÇÕES
PADROEIRA DE AMORES,
COM RAIZ NOS CORAÇÕES... »

VIANA — «Beldade em Apuros»

ENTRE todas as briosas cidades de PORTUGAL, há uma que é das mais belas... Construída em pleno Alto-Minho, VIANA faz pensar que a natureza a transformou com o seu turbante colorido e a pôs a boiar sobre o cintilante Oceano Atlântico.

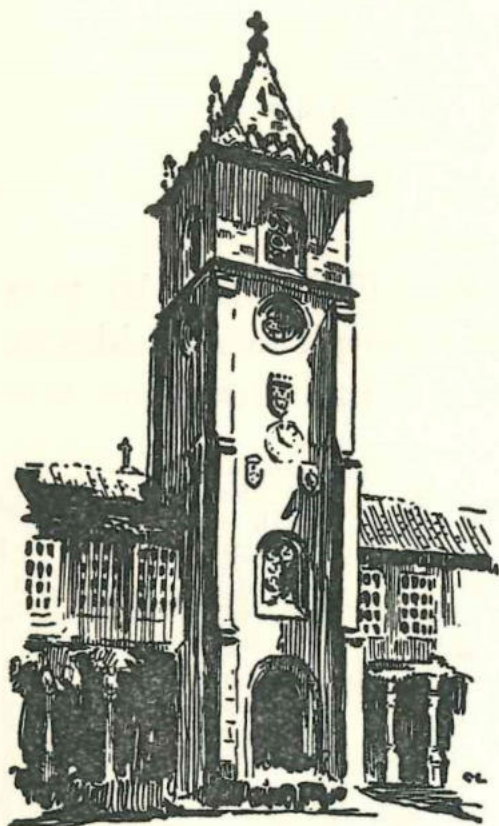
Dir-se-ia uma cidade encantada, a mais sumptuosa sala de visitas da Europa. Ali, num deslumbramento de luz e cor, os vetustos palácios se erguem dos horizontes rutilantes, fantásticas construções quinhentistas, com as suas colunas retorcidas e seus arcos entrelaçados, apoiados uns nos outros, tapizados de flores oscilando às soleiras das portas. VIANA, com as suas cantigas tipicamente seculares, os repiques dos sinos dos seus mosteiros e ermidas, na brincadeira garrida



CASA DOS ARCOS

da juventude, com a sua gente e os turistas, impressiona-nos como o coro maravilhoso de uma ópera infindável.

Ao referir-me aos seus monumentos, quero destacar uns tantos, dignos de registo e admiração: — A Casa dos Arcos, monumento nacional dos mais interessantes, em estilo flamengo do século XV. A torre manuelina do Antigo Convento de



CONVENTO DE SANTA ANA

Santa Ana, formosa na sua talha. O maravilhoso pórtico quinhentista da Matriz. Os Santuários de Nossa Senhora da Agonia e Santa Luzia, etc. Nos meios intelectuais e artísticos, VIANA DO CASTELO é alfobre de valores, que deixaram para sempre iluminados os anais do historial minhoto: — O célebre romancista Dr. PEDRO BARBOSA, nascido em 15 de Julho de 1606. ANTÓNIO PEREIRA DA CUNHA, poeta maviioso (1819-1890) ERNESTO DE SOUSA CALDAS (1842-1932) escritor e jornalista dos mais sólidos e notáveis.

A pátria do folclore, rica de terras, voltou-se quase inteira para o mar e o mar tornando-a grande. Aí mourejam diariamente milhares de operários na construção de navios, quer os de frota piscatória, quer os de carga, construindo para PORTUGAL uma grandeza no campo económico e industrial.

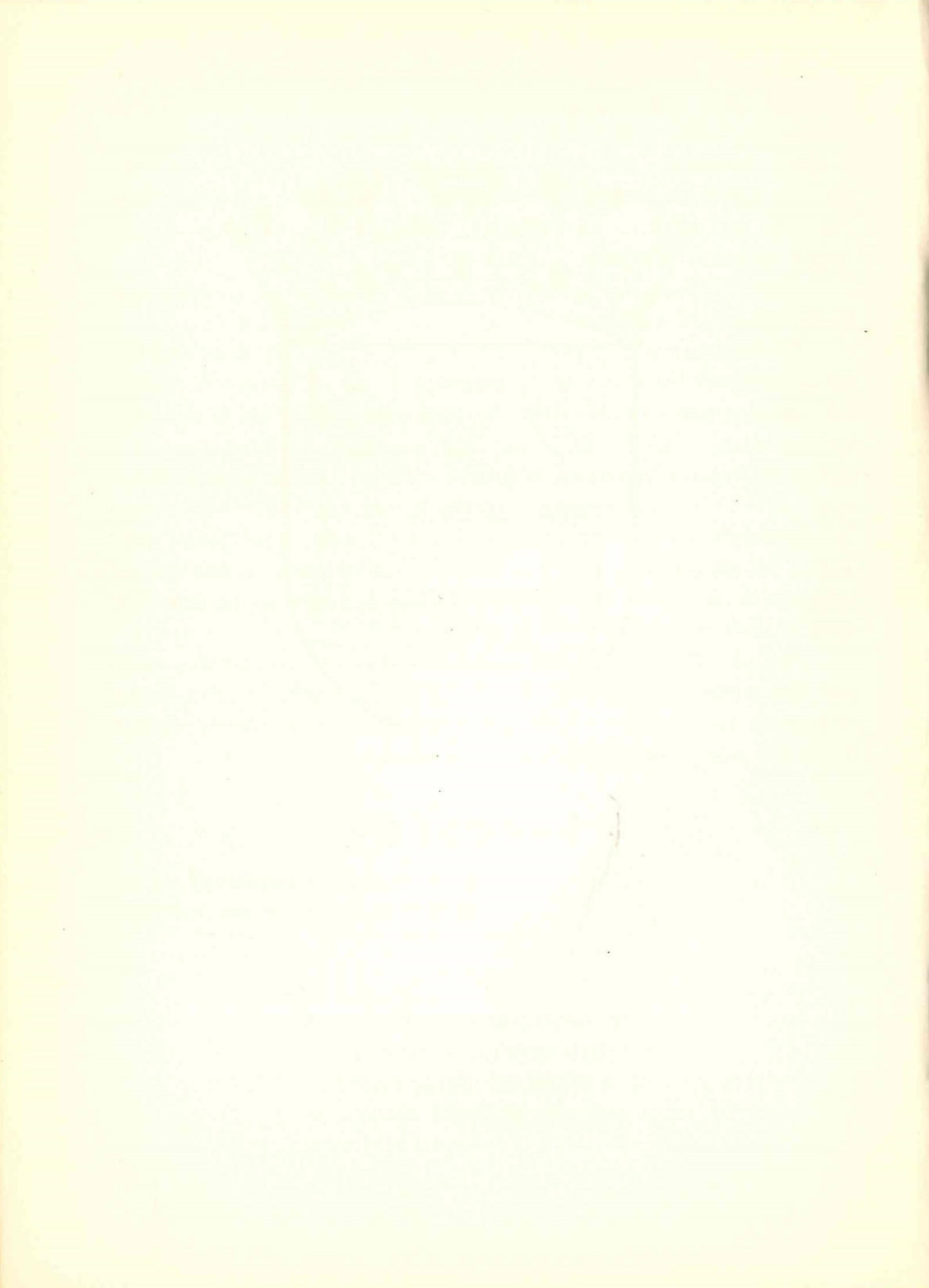
Por trás da sua máscara alegre e do colete ornado de lentes-joulas, por baixo do seu vestido de fantasia secular, VIANA é a menina de olhos verdes e moça que encerra orgulhosamente a doçura de um bolo de noiva. À medida que grimpamos a bela encosta, o ar cheira a jasmim, a madressilva, a cravos e a urzes.

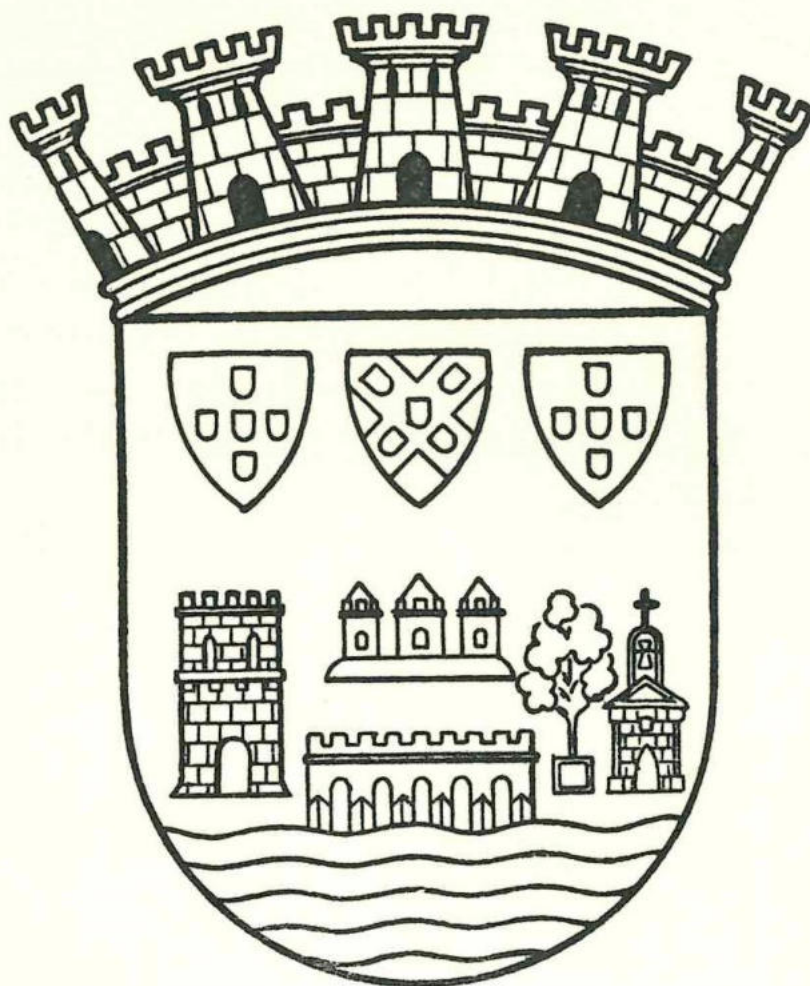
Entrementes, a cidade se vai desdobrando, as flores, os pinheiros abertos como um guarda-sol de cores pálidas com seus ocultos jardins em volta, o rio e mar límpido e faiscante de safira líquida... Tudo é demasiado belo para a gente acreditar! Sente-se em volta de nós numa atmosfera sorridente que vem dos habitantes desta Beldade em Apuros, que vem da vida, de alguma coisa que já quase se sumiu do nosso planeta — a paz.

Certo filósofo ao percorrer a área minhota e ao encontrar tanta coisa bela, exclamou «Vivat scientia!» (viva a ciência).

Efectivamente nós para destronar tal atitude do famoso cientista, dizemos mais exuberantemente: vivam as flores do campo, os pássaros nas árvores, vivam as honradas gentes do Minho por muitos anos. VIANA DO CASTELO, ao fim da tarde, quando o sol se reclina no horizonte, cobrindo o céu de reflexos sanguíneos, que se infiltram pelas nuvens claras, emprestando-lhe tonalidades tão maravilhosas e contrastantes, que nem um pintor genial seria capaz de imaginá-las para um mesmo quadro; tem a duração de eternidade no espaço de tempo de um susto e termina sempre uma com o mais belo sorriso de namorados.

Aquele Céu de VIANA DO CASTELO, pequenino como de brinquedo, pertence ao povo que soube ganhá-lo, que soube estimá-lo no devido valor, e talvez o venha a manter vivo e brilhante mais uma imensidade de séculos.





BARCELOS

Brasão insigne que simboliza fé nos seus
destinos e renome no seu trabalho...

«DE PEQUENINA TENS GRAÇA
SEMPRE CONTIGO ESTAREI...
ÉS A FLOR DE QUEM PASSA;
A MENINA A QUEM AMEI!...»

C.M.B.
Biblioteca

ENCLOSURE

BARCELOS — «Cidade-Jardim»

BARCELOS foi, como todos sabem, denominada a «NOIVA DO MINHO» pelo encanto harmonioso dos seus jardins de mil perfumes e pela transparência do seu parque denso de pinheiros mansos, cedros elegantes de troncos nodulosos e acácias de folhas penujadas.

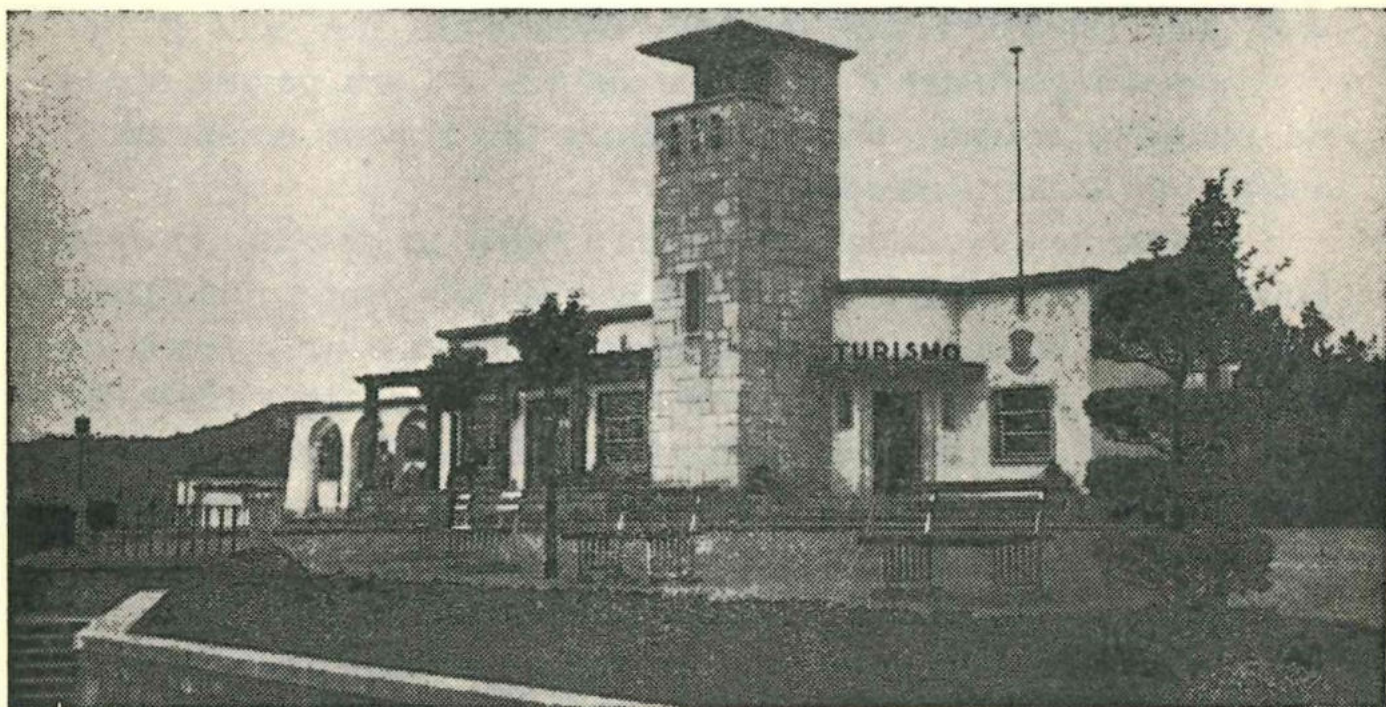
Realmente, a cidade toda é um cintilar de orvalho desde o pintalgado dos campos aos tons fulvos e sanguinolentos que esmaltam os seus solares e castelos, onde a beleza e exuberância da vegetação se retratam na quietude do espelho de água cristalina, que caminha dolente pelas margens do CÁVADO, parecendo que este, também quer ajoelhar, nas suas espumas, no rendilhado da História e rezar à maravilha da arquitectura medieva.

Também lhe chamam «CIDADE-JARDIM» pelo facto de possuir, aqui e além, canteiros exóticos, providos de plantas de variados matizes que, na exuberância da sua cor, soltam um grito de vida ante os nossos olhos deslumbrados e enfeitiçados. As suas áleas, caminhos, canteiros e aprazíveis recantos revestidos com a pujante e policroma floração alegra-nos a vida e dulcificam-nos os sentidos.

Muitas vezes ouço-lhe chamar «TERRA DOS ALCAIDES» e vem isto a propósito de, a 7 kms. da cidade, se ter instalado na Idade Média um CASTELO maravilhoso que possuía de sua guarda dois Alcaides, pai e filho, que, pela sua bravura, honraram a Pátria e deixaram nos anais da história a herança do seu carácter envolto no pergaminho da fé lusitana.

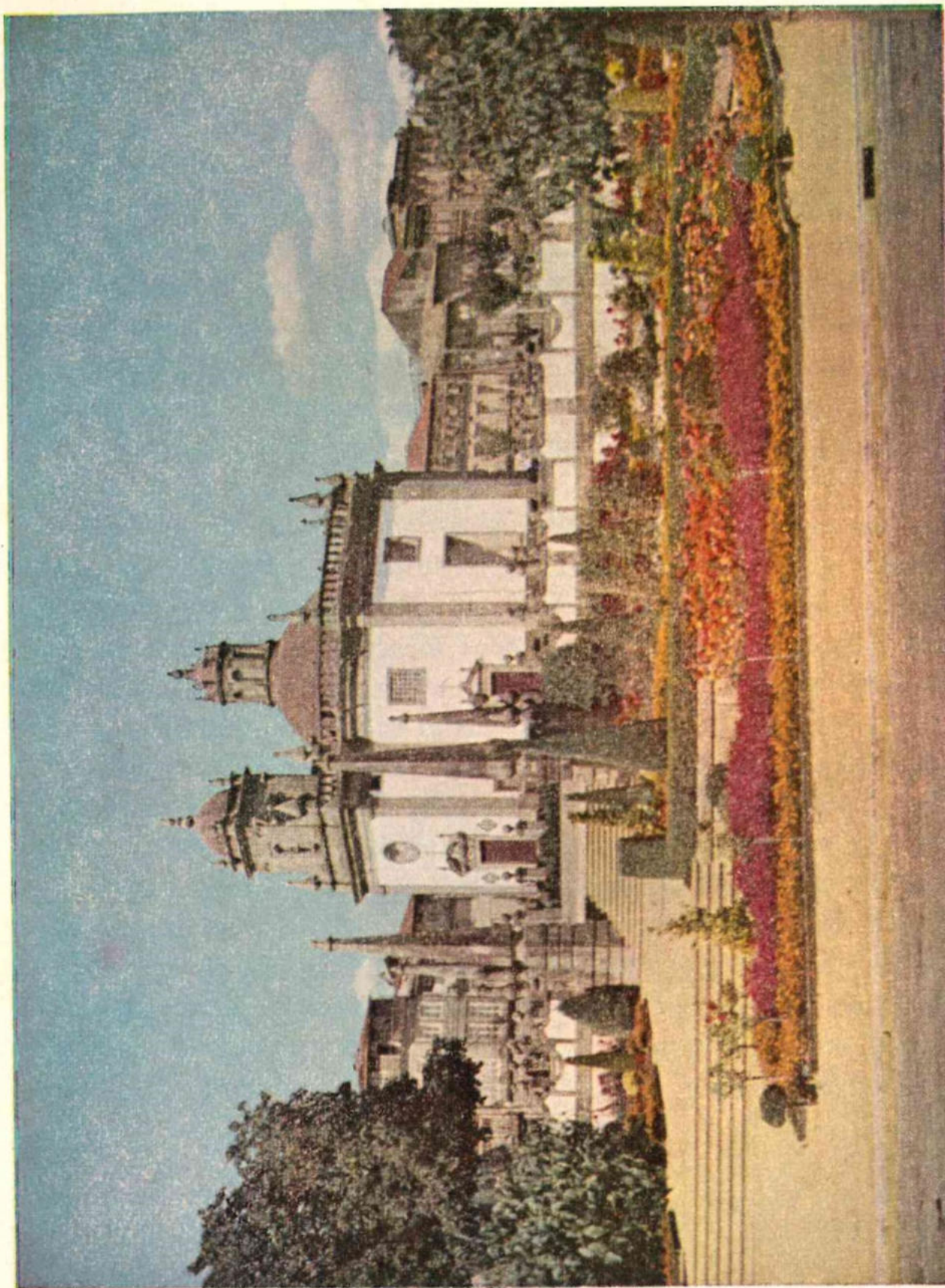
E por último a Europa a denomina, especialmente a França, berço dos «GALLOS DE PORTUGAL»...

— Galos de barro, modelados pela gente humilde, queimada pelo sol distante, Galos policromos de crista alta e bem talhada, que várias vezes o leitor adquire implantando-os na casa portuguesa, com silhueta mesquinha e garrida que felizmente nos preenche a existência, alheando-nos de preocupações, porque só assim podemos encontrar a verdadeira riqueza de tudo quanto nos rodeia.



ESPLANADA E TURISMO...

Zona jovem numa cidade
de cabelos prateados...



BARCELOS — (Portugal)

JARDIM, ESCADARIA E IGREJA EM BARROCO
JARDIN, ESCALIER ET EGLISE EN BAROQUE

C.M.B.

Bibli

54

C.M.B.
Biblioteca

O galo de Barcelos leva-nos a debruçar sobre o mundo das coisas simples, estranhas, no entanto, para quem vive afastado delas.

Se trocarmos o descritivo pela realidade e no princípio de Maio formos a BARCELOS, encontraremos, na sua feira-franca das Cruzes, um museu de arte regional difícil de igualar em qualquer recanto de Portugal: os jugos de artística talha, a infinidade de barros, desde os de utilidade doméstica aos de figurado ornamental; os linhos alvos, os bordados de crivo, as rocas e os fusos, as mantas de farrapos, as socas bordadas do formato das holandesas, tudo num primoroso cartaz que nos fica para toda a vida. «Oh! — Que extraordinário certame!...

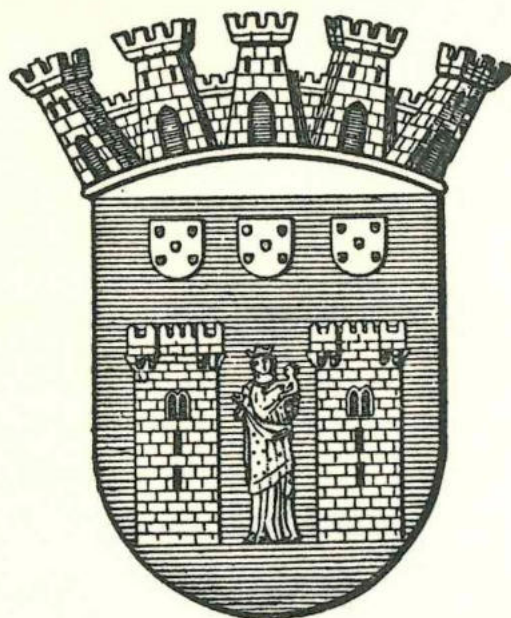
«—Quanto custa o Galo?! — Oh! merque freguês — só 15 mil réis e faz uma... (sopa tenrinha)».

São os diálogos puros que se ouvem, passo a passo, no terrado eterno da feira das Cruzes.

Mas não se julgue que só a cidade é o altar panorâmico, regional e etnográfico de Barcelos, pois os seus arrabaldes, onde o céu derrama anil e claridade, são a contemplação da paz; assim vemos perto de nós a APARECIDA em Balugães, ouro sobre azul a ilustrar a frondosa beleza da região cálida e fecunda onde se vivem quadrinhos virgilianos cheios de ternura.

A APARECIDA é uma circunferência pincelada de azul onde repousam tranquilamente as palavras «penitência e oração».

Mas a riqueza de BARCELOS não está apenas na sua história, arte ou paisagem, que vem desde as remotas fragas de VILAR, aos domínios de FARIA (que de si deixaram testemunho não só no majestoso do seu Palácio como nas altas torres do seu Castelo, bandeirante da autonomia lusitana) nem sequer no seu lema de hospitaleira e florida cidade, mas principalmente pelo seu brasão insigne que simboliza fé nos seus destinos e renome no seu trabalho.



BRAGA

A ninguém vende, a ninguém nega ou
retarda o direlto e justiça...

«BRAGA DA MOCIDADE
BEIJOS DE SONHO A VOAR...
TENS ENCANTOS D'SAUDADE
BELEZAS QUE FAZ PENAR!»

BRAGA — «Oásis do Minho»

OS amantes da paz poderão encontrá-la envolta de púrpura mística, nos aprazíveis campos e parques por onde se estendem entapetando as colinas verdes espessas, suavemente onduladas.

Os Bracarenses são um povo pacifista na sua vida quotidiana, mas, quando chamados pela Nação, são guerreiros, fortificados, prevenidos e numa eventualidade combatem até à última gota de sangue.

Todo o mundo pensa que BRAGA é principalmente uma melodia de Verdi, imaginando-a um canto de cisne: mas esta terra representa algo de mais notável em desenvolvimento intelectual, económico e social. BRAGA está estruturada em duas partes: a nova e a primitiva. A nova, símbolo da arquitectura moderna, é o selo que ficará a evocar irresistivelmente a pompa adolescente da nossa civilização, do brio discreto dos que encenaram representações de amor Pátrio e selaram compromissos de ordem ou liberdades de pensamentos.

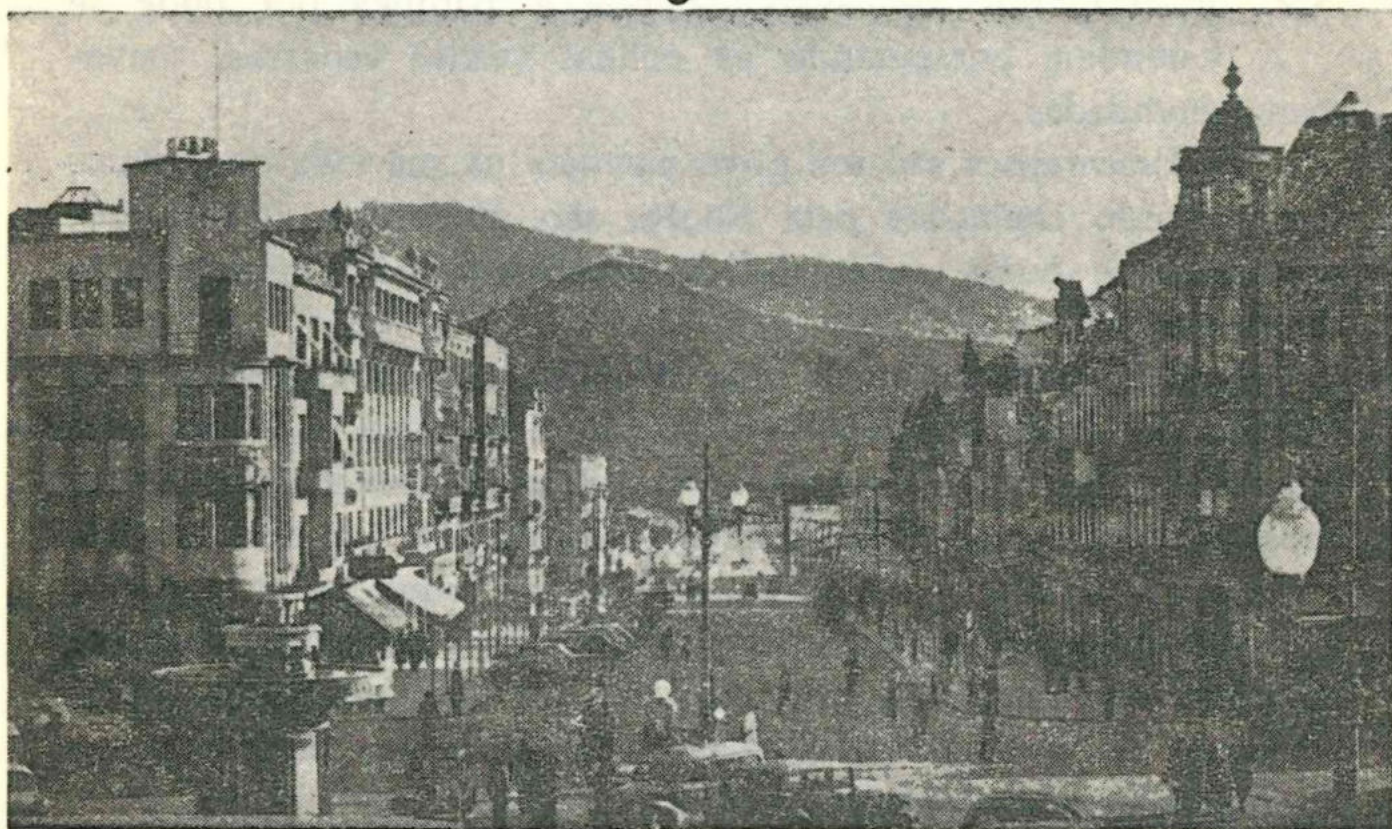
Aí renasceram amplos edifícios, destacadas avenidas e parques, plumosos jardins, comunidades industriais, igrejas de finíssima escultura, decorosos monumentos maravilhosamente esculpidos

acima dos quais tremula a sua bandeira querida e em cuja base se podem ler em vinhetas manuelinas e letras de ouro:

«BRAGA — a ninguém vende, a ninguém nega
ou retarda o direito e justiça»

Num rochedo extraordinariamente alto, erguem-se acima da cidade frondosamente polida, três repousantes maravilhas lendárias e reais envoltas em pedra: «SAMEIRO, BOM-JESUS, FALPERRA». Duvido que qualquer outra região da terra possa competir com a ROMA PORTUGUESA na variedade e opulência de cenários

A BRACARA AUGUSTA produziu tantos grandes homens quanto é possível esperar-se de uma grande cidade. E produziram a maior de todas as obras de arte — uma sociedade sem vaidade, sem rancores arreigados, sem miséria.



AVENIDA MARECHAL GOMES DA COSTA

Moderna e grandiosa artéria de Braga

Atravessando-se a Capital do Baixo-Minho, a luz do sol cria uma sucessão de círculos arco-irisados que parecem sair dos pulmões dos observadores. Não há nada sob o sol que se compare exactamente a BRAGA enormemente vigorosa, cristã e independente; representando um oásis de esperança, paz e civilização no sombrio mundo além fronteira.

«Todo o universo pertence a DEUS-Omnipotente surgindo assim numa concretização viva, conservando a religião que lhe fora legada, e a Sua autoridade é uma herança sagrada.» Assim BRAGA reincorporada nessa herança foi denominada a ROMA PORTUGUESA, concebida para vogar no mar da oração com os olhos nas ondas do infinito e com o rosário emaranhado nos confortes húmidos do SAMEIRO.

Sempre acreditei que a graça jovial conservada pelos Bracarense, reflete aquele sentimento cálido e cordial para com a vida, que orientam, objectivo indispensável para a posteridade do ser humano.

— O Minho causa admiração! É um todo alegre, com grande capacidade de recuperação e um amor apaixonado pela paz contínua.

O seu povo é na maioria lavrador, vive sol a sol, envolvido na lida dos campos, batalhando com a enxada, cravando-a na terra e puxando-a para si num vai-vem de plantação do pão de cada dia feito em migalhas de ouro. Aqui, vindo do solo fecundo, está o símbolo do que esta Província deve ser: o amor à vida, à cor e ao glorioso sol, a borbulhante trabalhadeira de ontem e do amanhã no amanhã penoso da terra: aqui está a alegria espontânea do movimento, melodia ruidosa com sorrisos de confiança.



GUIMARÃES

Burgo das mais curiosas tradições, Menina que vive adormecida no embalo manso das quinas de Portugal... e no murmúrio queixoso das folhas que ornamentam seu Castelo, e Moça bem vincada nas romarias...

«GUIMARÃES TÃO ORGULHOSA
MORENINHA SEM RIVAL!
EM TU'ALMA GENEROSA;
FOI QUE NASCEU PORTUGAL!...»

C.M.B.
Biblioteca



COPIES OF THE
PUBLISHED BY THE
LIBRARY OF THE
C. M. B. BIBLIOTECA

GUIMARÃES — «Terra de sorrisos e surpresas»

DANDO frente ao Baixo-Minho — GUIMARÃES é um dos maiores centros culturais, artísticos e industriais do norte. Cintilam sorrisos de hospitalidade, dedicação e camaradagem.

Surpresas agradáveis que o sol da Primavera beija e cada qual tem a sua lenda e tradição popular.

GUIMARÃES é uma pérola, onde os telhados vermelhos, «marrons» ou cor-de-rosa sobem pela encosta e se confundem com as ameias do Castelo e as torres de vigia com seteiras adornando-lhe os cantos, como lâmpadas em velhas caravelas.

A cidade mais velha e encantadora da nacionalidade lusa, com estreitas ruas medievais e tortuosas vielas curvando-se em torno do Palácio Ducal onde se vêem soldados de opereta, de sentinela, em uniforme de gala e pajens com detalhes de alta costura, de penachos perfilados para render guarda de honra aos turistas de todas as raças que queiram escalar esta famosa região.

A PENHA — rodeada de maravilhas é uma jóia de prata, perpétuamente cheia de música e de jovialidade; a água, a terra, o sol, o pesado e doce aroma das flores, tudo irrompendo de rebentos verdes, azuis e escarlates.

Fica-se fascinado não com uma visita apenas, mas com dezenas delas.

Meus olhos irradiantes de intensa alegria buscam apaixonadamente a inconfundível beleza da Penha, Paraíso da Europa.

Num penedo, junto da fonte de Santa Catarina, estão esculpidos uns deliciosos versos de BRÁULIO CALDAS, que dizem:

«Cada gota do seu pranto,
Que sobre esta penha cai,
É uma pérola de encanto
Que pela serra se esvai.

Murmura, fonte murmura,
Geme tranzida de dor:
Teu pranto — a própria doçura
diz saudade, diz amor...»



IGREJA DA OLIVEIRA

Poder-se-á admirar neste formoso relicário vegetal que fica situado a 617 metros acima do nível do mar; a gruta de N. Senhora de Lourdes, o monumento a Pio IX, o Santuário, o monumento a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, o Miradouro-Esplanada e o cenário rústico do seu frondoso parque.

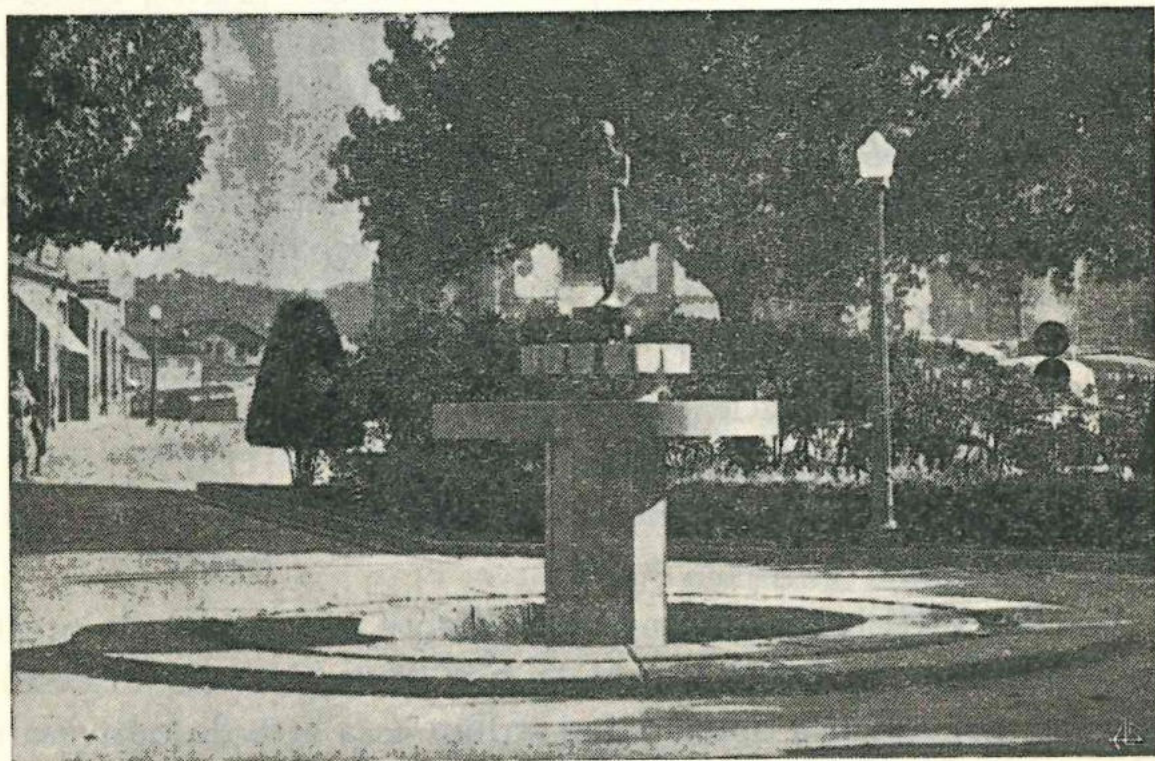
O verde de GUIMARÃES é o primaveril sangue dos seus campos e explica poeticamente o imperial ouro dos trigais e laranjais, símbolo de ordem e lema de progresso.

A ansiedade de notável arqueólogo. MARTINS SARMENTO prestou ao País valio-

sos serviços em considerados centros científicos estrangeiros e a quem a sua Terra lhe ergueu rodeado de trepadeiras e arvoredos um monumento para perpetuar as investigações venerandas, e talentosas legendas pré-históricas.

FRANCISCO MARTINS SARMENTO licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, nasceu em Guimarães, a 8 de Março de 1833, e morreu em 1899. Para celebrar o imortal sábio da arqueologia portuguesa um grupo de ilustres vimeanenses fundaram em 1882 a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, que teve na sua primeira Direcção o próprio Martins Sarmiento e os eruditos Abade de Tagilde e Padre António José Ferreira Caldas.

A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO condecorada em 30 de Dezembro de 1926 com o Oficialato da Ordem de S. Tiago de Espada, é o documento mais válido da constituição histórica portuguesa.



JARDIM PÚBLICO DE GUIMARÃES

Flores e poesia matizada

A par da sua notável e valiosa constituição, possui uma magnífica biblioteca; colecções admiráveis de numismática, assim como uma revista de divulgação cultural que se publica trimestralmente desde 1884.

GIL VICENTE o inspirado do Teatro Português, nascido em 1470 possivelmente na bela Cidade de Guimarães, onde permaneceu uma parte da sua existência.

As obras vastíssimas e eloquentemente belas de GIL VICENTE, rasgaram um sulco luminoso na confiante divulgação cultural, compondo-se de 44 peças teatrais. Só em língua Portuguesa é autor de 16, em Espanhol 11 e as restantes peças noutras línguas.

Será de importância, contemplar nas ripas deste quadrito onde se esfuma em tintas a exuberância minhota; alguns autos que apresentam na grandiosidade desmedida o cismar verdadeiramente dramático e histórico do grande Plauto Português, como o apelidou o mestre André de Resende.

Destaquemos os Autos da Feira, Barca do Inferno, Barca do Purgatório e Almocreves; assim como as cenas: Todo o Mundo e Ninguém na Farça da Lusitânia e o Auto da Alma, que recorda o Fausto de Goethe.

O Poeta saiu com o Auto da Alma do sentimentalismo e entrou na exortação patriótica.

OH FAMOSO PORTUGAL
CONHECE TEU BEM PROFUNDO
POIS ATÉ Ó PÓLO SEGUNDO
CHEGA O TEU PODER REAL...

Se GIL VICENTE foi ou não o célebre executor da prestigiosa «Custódia de Belém» é facto que muito se tem discutido, parecendo assegurada a opinião que atribui essa arte de ourivesaria, confeccionada com ouro das páreas de Quíloa ao erudito génio do TEATRO PORTUGUÊS. Sabe-se que, existiu um documento datado de 1513, mencionando GIL VICENTE como ourives da

Rainha D. Leonor e como mestre da balança da Moeda de Lisboa.

Um famoso literário intitulou-o até «GIL VICENTE TROVADOR MESTRE DA BALANÇA» documento eloquente a favor da sua verdadeira identidade.

Viemos falando das belezas, da hospitalidade, das surpresas agradáveis, dos Homens ilustres, do viçoso monte da PENHA e das suas jóias medievais e porque não descrever em traços breves

e condensados a venerável biografia do Santo que GUIMARÃES festeja como seu padroeiro.

«S. GUALTER, O ERMITA».

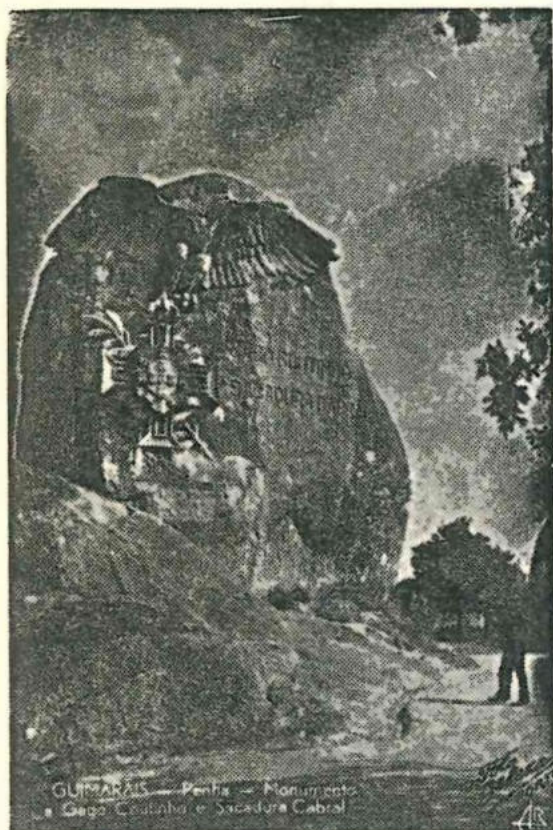
Tal como os nossos missionários, que se estendem através de África e Ásia na ânsia de converterem os povos de crenças e raças diferentes, para uma comunidade eficientemente privilegiada de dons civilizadores e cristãos; no século XIII também a Ordem Franciscana, resolveu começar a enviar sacerdotes, para as cinco partes do mundo.

Em Outubro de 1183, chegaram a Portugal os primeiros monges enviados pelo Patriarca de Assis.

Para GUIMARÃES, veio Frei Gualter, e o seu companheiro Frei Zacarias, estabelecendo um pequeno eremitério no lugar da

FONTE SANTA e aí exerceram durante alguns anos o seu activo apostolado.

—Nos meses estivais de 1206 declarou-se no burgo uma enorme epidemia, ceifando inúmeras vidas. Frei Gualter ao ter conhecimento da terrível calamidade, desceu à cidade e organizou



MONUMENTO NA PENHA

**A Gago Coutinho e Sacadura
Cabral**

uma imponente procissão de penitência, da qual munido de um relicário, abençoou todos os doentes moribundos, e em breve a crise foi debalada.

Em 1209, o fradinho pálido e santo, rodeado de uma falange de irmãos do mesmo hábito fundaram o primitivo CONVENTO DE S. FRANCISCO.

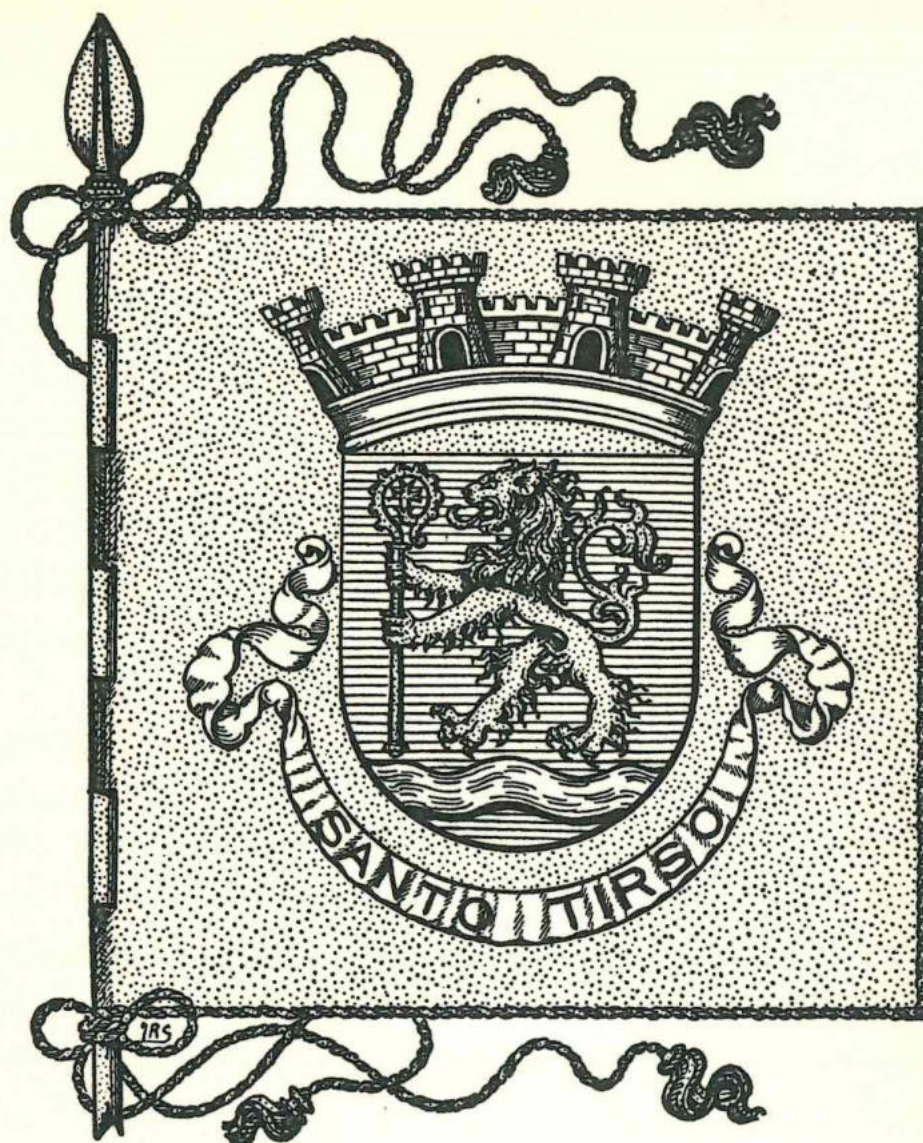
A 3 de Novembro de 1438 D. João I autorizou a construção da IGREJA e actual CONVENTO, onde se veneram os restos mortais do famoso taumaturgo vimaranense.

E em Maio de 1452, D. Afonso V, por provisão régia funda a FEIRA DE S. GUALTER, que duraria 10 dias, de 7 a 17 de Agosto de cada ano.

Conscientemente por tradição e bairrismo GUIMARÃES, presta todos os anos gratidão ao seu Padroeiro com maravilhosas e concorridíssimas Festas.

Gritam os forasteiros alegremente, voa o fogo de artifício em turbilhões cerrados, estendem-se as mãos numa união de fé e abrem-se os corações para compreender e amar S. GUALTER, O ERMITA.

Por enquanto, GUIMARÃES continua a ser uma terra de deslumbramento e actividade honesta — uma porta escancarada para um quase infinito mundo de mistério, beleza e poesia.



SANTO TIRSO

Terra de prosadores e trabalhadores honrados, que ilustram com seu vigor e andam ligados à alma da Nação pelos laços fortes de espírito...

«O TEU AVE DE LÉS A LÉS,
EM LENDAS MAIS VARIADAS;
VEM CANTAR ÀS BELAS FADAS
E AJOELHAR A TEU PÉS!...»

C.M.B.
Biblioteca



Q247 C719

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

SANTO TIRSO – «Glória do Trabalho»

UM famoso pensador suíço GONZAGUE DE REYNOLD escreveu que «a paisagem portuguesa é feita da colaboração do Homem com a Natureza». A experiência deste pensamento revela-nos um País, que acolhe nos seus braços, a definição da vida regional própria e proclama a glória de um trabalho humilde ou rico.

SANTO TIRSO, nos arrabaldes do Minho e nas biqueiras do povoado etnográfico; alinhado ao vento, hoje como há séculos, tem um certo significado económico e social numa região, no qual, além da vinha, e a cultura do trigo, há o valor industrial que predomina.

Se a lavoura constitui elemento essencial da paisagem pela variedade e cor campesina, pela beleza de viver, costumes e folclore, o seu íntimo quadro de trabalho também faz parte do conjunto.

SANTO TIRSO, de magníficas sombras aliadas às trepadeiras das janelas e portas que recordam aquela velha estância de D. JAIME, de Tomás Ribeiro, no «HINO A PORTUGAL»:

« — Jardim da Europa à beira-mar plantado
de louros e de acácias olorosas;
de fontes e de arroios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas,
onde num cerro erguido e requeimado
se casam em festões jasmins e rosas,
balsa virente de eternal magia
onde as aves gorjeiam noite e dia. — »

Deixa-me nesta telazinha infinda, de horizontes que pinteí na tonalidade do meu radiar de vida; falar dos arredores poéticos da Vila branca e rosa, edificada sob um verde luxuriante, do céu adotado de azul forte e branco da porcelana chinesa e da noite que apresenta um silêncio de ansiedade.

Deixa-me descrever os teus Homens Ilustres que foram tantos, entre os quais os arqueólogos ABADE DE SOUSA MAIA e o PADRE JOAQUIM PEDROSA, da tua História orgulhosa, cujo primeiro nome era o de SANTA MARIA MADALENA e depois por dedicação de El-Rei D. Manuel I a 1 de Outubro de 1513 ficaste sendo REFOJOS DE RIBA DE AVE, para vir a seres no século passado a austera e nobre VILA DE SANTO TIRSO, elevada a vila em 14 de Dezembro de 1863.

De livre e fácil acesso, tem SANTO TIRSO um imponente Mosteiro Beneditino, muito próximo do Rio Ave, cuja fundação é atribuída a S. MARTINHO DE DUME ou a S. FRUTUOSO; a Igreja de Roriz (monumento nacional) e a citânia de Roriz, que ocupa uma área bastante grande no cume de um monte, a que chamam de S. Romão; a Igreja românica de Vilarinho, em estilo arquitectónico de privilegiado corte ogival. Este templo é considerado ainda mais antigo do que a Batalha de Ourique. A Escola Prática de Agricultura e o Hotel Cidnay.

A uns 3 quilómetros da Vila, vamos encontrar emocionalmente envolta de remotos choupos, carvalhos e pinheiros, na suave distância azulada, um esplêndido e deslumbrante refúgio, que entra

na magnificência da excelente estância termal das CALDAS DA SAÚDE, rica em águas sulfurosas. Possui um confortável e elegante Hotel, assim como amplas instalações balneárias.



SANTO TIRSO

Convento e Mosteiro

— Foco da erudição e da arte

E característica portuguesa dispensar uma agradável temporada de recreio aos turistas que anualmente nos dedicam a sua cortesia e nos deixam amavelmente as suas economias em prolongado tempo de férias. As gentes minhotas são hospitaleiras, graciosas e delicadas, por isso constroem aqui e acolá extraordinários apartamentos com limpeza e óptima culinária no desejo de elevar acentuadamente o nome e a honra do País.

SANTO TIRSO orgulha-se de se intitular proprietária de um Monte reservado apenas para enfileirar na sumptuosa linha de beleza e recursos naturais, que se estende desde séculos por esta região.

Foi a este MONTE DE CÓRDOVA que o grande romancista Camilo Castelo Branco dedicou o seu livro «A BRUXA».

O Monte de Córdova situa-se a quinhentos metros de altitude, e o prazer da extensa mata acrescenta harmoniosamente a frase: — ali só deverá florescer a beleza, o deleite, a cultura e o amor...

Além de tudo isto vamos encontrar a tranquilidade impregnada de uma beleza doce e nostálgica através do parque, onde em vários ângulos precisos, correm arruados que convidam a um passeio sob cerrados e imponentes castanheiros, tílias e elmos, com os galhos mais baixos entrelaçados como uma muralha e os mais altos formando arcos por cima da cabeça.

À medida que o Homem se aproxima da terra, fiel ao seu ingênuo ruralismo, unem-se e confundem-se para sempre a rotina e a poesia.

SANTO TIRSO convida os amantes da paz e do romantismo a visitá-la e a escolher nela o seu ponto favorito de recreio, pois parece rediviva — e, em realidade, imortal.

PRAIAS E ESTÂNCIAS

ALGUNS portugueses dizem que DEUS, antes de criar a terra, fez primeiro o MINHO como paradigma de perfeição e provavelmente esqueceu o modelo.

Em verdade, o MINHO aparece situado numa região formosa pelos seus montes exuberantes e virgilianos e sobressai como um imenso oásis com frescas praias que nos recordam a velha Riviera. Não nos surpreendem ouvir as lendas e os cantares num retrato íntimo de um País interessantemente ligado a uma epopeia de há séculos.

Uma província assim, existe na extremidade norte de PORTUGAL. É o reino das canções, dos trovadores românticos, um mundo de paredes cinzentas e de telhados cor de rosa, de camponesas cuja beleza faísca como



SANTA LUZIA (Santuário)

as pedras de colar e em tudo isto há também os terraços floridos da beira-mar, cujas encostas banhadas de sol nos faz contemplar o espectáculo do Oceano.

Enquanto as uvas dos bons vinhos verdes amadurecem nas ramadas e os milheirais transcorrem num êxtase de dias dourados, a natureza derrama a sua cesta de flores nas areias das suas praias que brilham no espelho ao sol que emerge nas — ondas de cristal.

O Povo do MINHO sempre, pela sua valentia, andou ligado ao mar. Sempre deixou galgar os Oceanos quer nas Caravelas sobre as espadas maravilhosas do alabastro, quer nas canoas batilhando enfurecidamente para na boca de seus filhos não faltar o pão amassado com o calor da alma e o suor do rosto.

Em todas as terras existem camponeses e pescadores. Os primeiros, aliciados aos queixumes de uma época má, mas beijando o trigo dos palmitos de terreno que é a fronteira que melhor o defende e a abraçar amparado pelos horizontes as pérolas de ouro balouçando das ramadas; os segundos, embriagados, emergem vogando os mares na expectativa de dar às redes uma corbelha de peixe para saciar muitas bocas, quantas delas glorificadas, mas esbatidas pela fome.

— Mas o mar não serve só para navegantes, nem para celeiro de heróis.

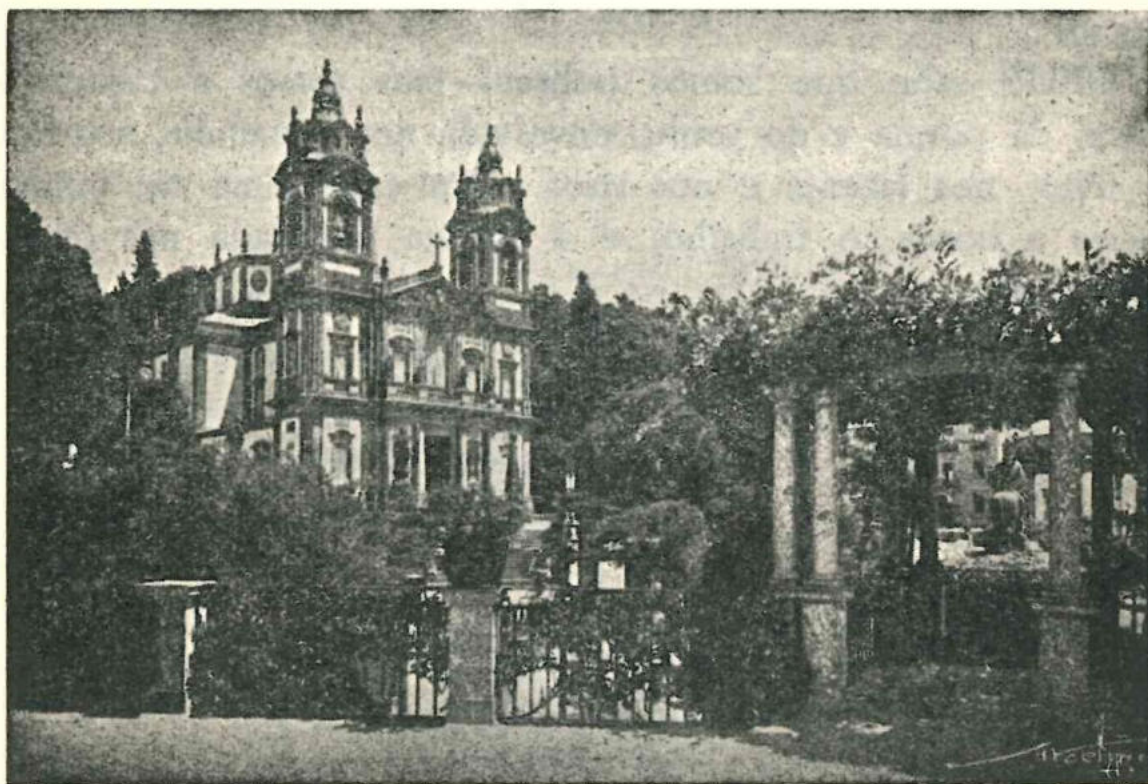
As praias do MINHO são ricas em iodo e ambientes repou-santes. O ar activa as vias respiratórias, cria oxigénio no sangue e favorece a nutrição despertando o apetite, por sua vez o clima temperado é óptimo para fortalecer convalescentes e curar várias doenças.

Além da orla marítima a província está frondosamente rodeada de estâncias turísticas que rivalizam em panoramas e conforto com as melhores da Europa. Podemos sitar a PENHA aureolada pelo valor arqueológico da cidade pré-histórica. SANTA LUZIA encastoadada em edénico ALTO-MINHO, a FRANQUEIRA implantada numa concha transparente, e o triângulo turístico formado por uma amenidade de características naturais, artísticas e etnográficas

— FALPERRA, SAMEIRO e BOM JESUS DO MONTE — mas, não deixam de vir no prefácio outras menos notáveis, mas onde se descobrem vistas misteriosas e nostálgicas que se desdobram dum filme multicolor — MADALENA, de Ponte de Lima, CALVÁRIO, de Âncora, ASSUNÇÃO, de Santo Tirso, SOAJO, CASTRO LABOREIRO, de Paredes de Coura, FACHO, de Barcelos e tantos outros.

Todas as praias do MINHO possuem fontes de saúde e riqueza natural e o público sabendo dos seus atractivos deixa-se cadenciar enamorado pelos seus caprichos, respirando a frescura das maresias, e o burilar monótono da ressaca.

FÃO, é a praia dos campistas que ao longo da Barca do Lago convidam os horizontes sanguinolentos a repousar à sombra dos pinheiros.



MOSTEIRO DO BOM JESUS DO MONTE

— Onde a terra mais se aproxima do céu...

ESPOSENDE, é a menina do mundanismo pacato que gosta da convivência familiar. S. BARTOLOMEU DO MAR, esplêndida para curar os nervos excessivos e os epilépticos. A praia que tem como tradição popular o franganito preto, ofertado ao padroeiro pelas crianças que desejam perder o medo.

CABEDELLO é das mais cosmopolitas da região, em seguida ÂNCORA, semi-mundana; MOLEDO e AFIFE; repousantes: e esta última possuidora das mulheres mais bonitas de Portugal; APÚLIA resguardada pelos sargaceiros de figurado inolvidável.

As praias e os montes penujados de rosmaninho fazem da terra a «Costa Azul» povoada de poesia de areal imenso, de barracas e guarda-sóis, de maillots claros e leves, da espuma saltitante, dos gritos das crianças traquinas, das recordações de namorados, um desfiar de contas matizadas uma esteira prateada de canções variantes que se desdobram nas gargantas rendilhadas do povo lusitano.

DEUS sabe que somos pobres—mas temos a riqueza da música, da poesia e do sonho envolvida nos rouxinóis, nos figos, nas uvas, nos lazeres e nos risos. Em cada alma de minhoto penetra a honra, o trabalho, e a justiça cultivada nas orações do dia a dia.

CZARDAS DO MINHO

BARCELOS,
Cidade-Jardim,
Onde, rumo ao Minho,
Se encontram rosas
E canteiros de alecrim...

Cidade de sonho,
BARCELOS,
Panorama belo...
Do Monte da Franqueira
Vi as romarias
As feiras, as danças,
E lindas Marias;

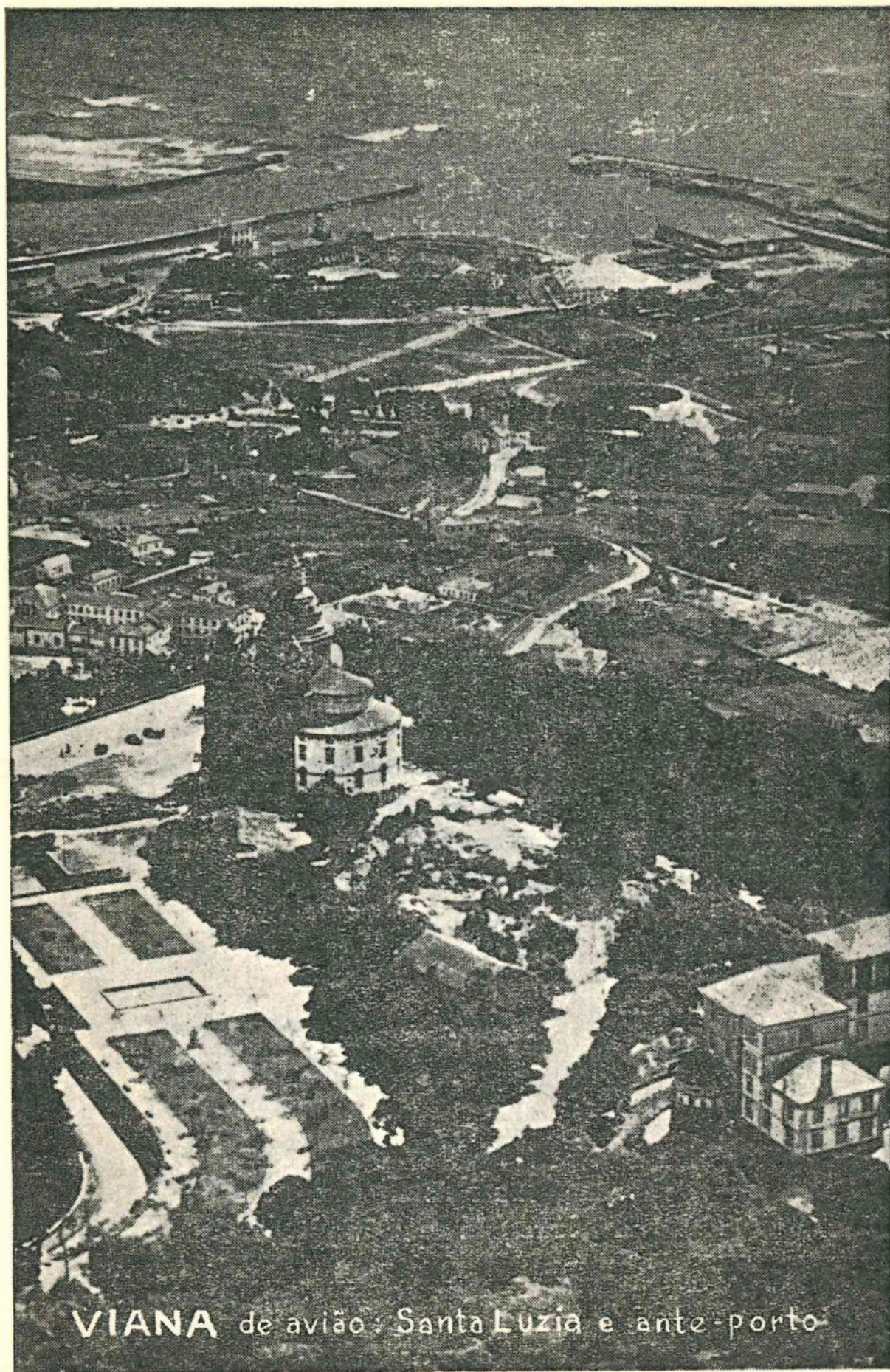
Da Serra do Facho
O mar alcancei;
Vi os campos, as casas,
Igrejas e castelos...
Que encanto,
BARCELOS!

Mais além,
Os horizontes olhei...
Rico painel,
Aparecida, Franqueira,
E o rio Cávado
A espelhar com o sol,
Maravilha e arminho,
Que beijei a rezar
(As velas do moinho)
Que me fizeram amar!

Terra de Portugal,
Cidade do Minho,
BARCELOS,
O Monte da Franqueira,
As feiras e as danças,
Os cantares mais belos
Num sonho ardente
— BARCELOS!

MONTE DE SANTA LUZIA

**AMBIENTE DE PAZ, AR PURO
E VEGETAÇÃO**



VIANA de avião : Santa Luzia e ante-porto

FESTAS E ROMARIAS

NO «Minho» as festas são mais alegres e têm mais colorido. Pelas largas e amplas avenidas, e estreitos caminhos vai o povo garridamente vestido, em direcção às remotas igrejas ou às velhas capelinhas, cumprir promessas e foliar entusiasticamente.

O sol e a alegria vai com o povo, povo escravo da terra, que passa os dias no trabalho árduo dos campos, encaram as festas e romarias como dias de libertação e pagode.

Canseiras, pesadelos, vida cara, desgostos, guerras e tudo que atormenta o nosso povo, é atirado nestes dias para longe, muito longe. Baila-se pelos caminhos adiante, no adro e ao redor dos coretos. Sobem ao ar



foquetes, cantigas e músicas características, que têm séculos de idade, mas que são sempre novas, com sabor a mocidade.

Atrás duma cantiga, outra cantiga, atrás duma dança outra dança.

MEU CORAÇÃO É CANDEIA,
AZEITE O TEU CORAÇÃO;
E, OS TEUS OLHOS, TORCIDAS,
QUE NUNCA CRIAM MORRÃO...

De todas as expressões de poesia, talvez que as cantigas das romarias não sejam para muitos as mais belas. Mas são, sem contestação, as mais espontâneas, as mais brincadas, as mais graciosas, e acima de tudo mais minhotas e genuinamente portuguesas. A gente deste típico «Minho» sabe as danças de cor e salteadas. Começa-se pelo «VERDEGAR» e o «VIRA» e termina-se no «MALHÃO» e nas «DESGARRADAS».

As danças das romarias enlaçam aldeias inteiras que vão em busca de folga e descanso. Às vezes um par de jovens afasta-se: «Gostas de mim, Maria? Ainda o perguntas Manell!»

E começa assim um namoro que termina em matrimónio que o senhor Abade abençoará numa manhã em que os sinos anunciarão felicidade em toda a povoação. As danças do Minho acabam geralmente em beijos e em pares de mãos dadas aos pés do altar. As raparigas vão para as romarias com os seios repletos de filigrana, saias rodadas e não faltando os sorrisos benignos que são tão afamados.

O povo do sul gosta imenso dos folguedos minhotos e por isso vem com frequência às «Festas das Cruzes» a (Barcelos), do «S. João» a (Braga), a «S. Gualter» a (Guimarães), à «Agonia» a (Viana do Castelo), etc., etc.

A romaria acaba no arraial, espectáculo maravilhoso de lumes, balões e fogos, mas as danças continuam aos domingos no largo das povoações.

ROMEIROS

Gente de PORTUGAL,
Que vedes o meu cantar
Que ouvis o meu trinar
Nesta página imortal...
— Vinde às Cruzes a BARCELOS!
Desfiar lindo rosário,
Comungar nas alegrias...
Fazer do peito um sacrário,
Um adro de ROMARIAS...

Gente do MINHO,
Do ALGARVE aos AÇORES,
Venham à noiva das flores,
À linda terra dos linhos,
Nesta Primavera perfumada!
Em matizes multicores,
Venham ver como está toucada
A terra dos meus amores!

Canteiro de Poetas e Barões,
De barros, jugos e rendas finas,
Que rezam bonitas sinas
À sombra dos seus brasões!

BARCELOS dum rio divinal,
Engalanada de filigranas,
És das terras lusitanas
— O JARDIM DE PORTUGAL!...

JUNHO É PORTUGAL A CANTAR

PORTUGAL vive o mês de Junho em festa castiça, pitoresca e popular.

Engalanam-se as ruas, as janelas, os postigos enchem-se com festões multicores, os foguetes povoam os ares acompanhados de balões grandes e coloridos emitando aerostatos, as crianças em volta das cascatas ou tronos ornamentados cantam pedindo a quem passa: — Senhor um tostãozinho para o Santo!...

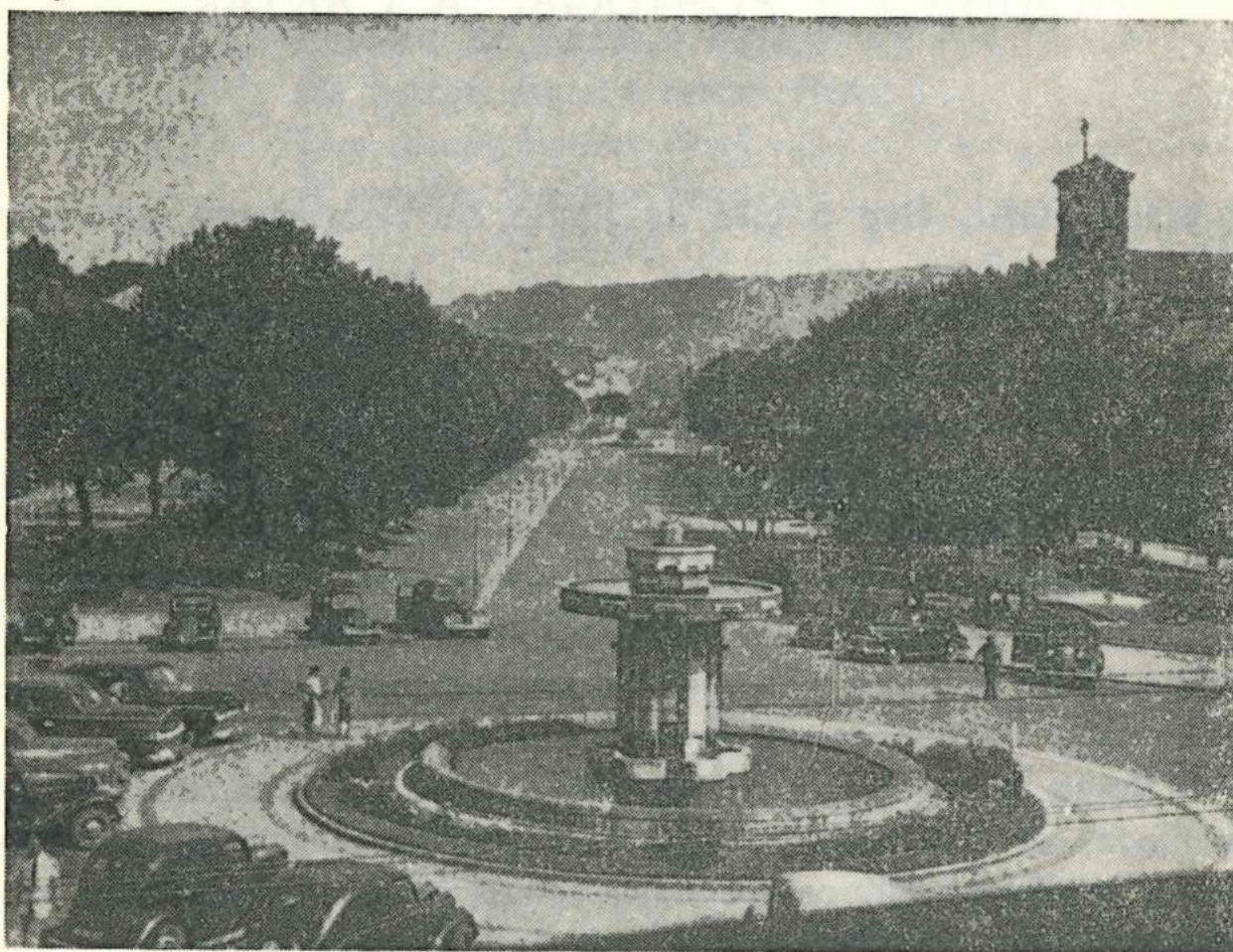
Os folguedos sanjoaninos agrupam-se em tons contrastantes intercalando alegria e cor na graça subtil delicada e linda de Junho, mês folgazão sem rigores severos, mas com a liberdade apropriada de clamor, de gratidão ou de sol misterioso e belo.

Braga, a «voluptuosa orquídea», vive, profusamente ornamentada, as suas festas na alta mansarda da música, envolvendo flores, mulheres formosas e trajes férteis de sonho, rasgando aos nossos olhos a sede fervente do amor adocicado e poético.

Que belas são as festas sanjoaninas em Braga, onde tudo são corolas preciosas, cheias de luz a iluminar o pergaminho de umas Festas que já vêm de longos anos enlaçadas nos anais da história e das lendas.

As marchas com o seu conjunto feérico e garrido são grupos de rapazes e raparigas com arcos luminosos e trajes velhinhos cantando ao som de músicas bizarras, levando ao povo, que os ouve e vê passar a alma do seu bairro. Levando, sim, uma alma simples, filha de uma terra simples, que é feliz quando canta, quando pode cantar.

Nas barracas dispersas pelos arraiais moças frescas como o alecrim vendem os manjericos de fresca verdura plantados em rubros vasos, juntos com cravos de papel com quadras de autores românticos e populares. As fogueiras são o principal cartaz, as



AVENIDA CENTRAL

— ... sugestivo trecho da «ROMA PORTUGUESA»
e Sala de Visitas nas «Festas Sanjoaninas»

alcachofras queimadas e as danças do alho no S. João da Ponte. São assim as festas dos três santos populares do mês de Junho, alegres e poéticas para os olhos de quantos as podem contemplar.

Venha à cidade de Braga, na luminosa manhã das suas festas de formosura clássica, ver a sua graciosidade que o sol, o movimento e a alegria empolgante pincelam a esmalte os tons fulvos e sanguinolentos. As Festas sanjoaninas na Roma Portuguesa são uma bela recordação que nos fica pelo tempo fora.

Realize este passeio ao Casal do Sameiro ou ao seu enamorado Bom Jesus onde se aspira um ar perfumado desse mosaico de panorâmica verdura na exuberância da sua cor, na beleza feiticeira das suas moças de saias pintalgadas e coletes de linho alvo fiado e tecido no tear caseiro, com os colos cheios de ouro filigranado e reluzente.

Junho canta e estende por PORTUGAL inteiro os seus arraiais, tão velhinhos e ricos como a alma do povo.

É Junho que passa pelas luarentas noites de bailaricos, são os pares de namorados que se encostam cheios de esperanças e radiosos de sonho...

«OH! ORVALHEIRAS, ORVALHEIRAS, VIVA O RANCHO DAS MULHERES SOLTEIRAS...»

SANTO ANTÓNIO ADORMECEU;
SÃO PEDRO ACORDOU,
— TU SERÁS MEU MARIDINHO
FOI SÃO JOÃO QUEM MANDOU!

«S. João das lapinhas — das capelinhas de melão,
Das rosas e dos cravos — do verde manjerição!»

E o Santo benevolente, estende as suas mãos cheias de promessas.

Os forasteiros animam-se nas tardes SANJOANINAS com o culto popular das Danças do Rei David, que, com o todo da sua majestade, e acompanhado por enorme séquito, dança pelas ruas e avenidas sendo um belo espectáculo público e um cartaz interessante para observar.

Braga é um grande museu de arte regional e etnográfico sem arrebiques oleográficos, mas com a projecção extraordinária de séculos. Por isso, os seus cantares, os seus folguedos e as suas romarias são feitas duma plangência solene, duma interminável evocação folclórica.

Assim a Cidade do Clero, cheia de sons fúlgidos e encantadores « não sorri para agradar, nem agrada para que a vejam... »

SÃO JOÃO RIDENTE E NU,
NO ALTAR DA SUA IGREJA;
CORDEIRINHO BRANCO A UM LADO
— E BANDEIROLA DO OUTRO!...

« QUEM CANTA SEU MAL ESPANTA »
DIZ O RIFÃO POPULAR...
NO CORAÇÃO DE QUEM CANTA
NÃO PODE EXISTIR PENAR!

BALÕES DE JUNHO

(MARCHA)

Há arraiais nas igrejas e estradas,
Tronos com lindas flores de jardim...
Garridos balões pendem das sacadas,
Dizendo a quem passa: «olhem para mim!»

Ó Braga do meu coração,
De alcachofras a florir,
Ó noite de S. João,
Com moças lindas a sorrir!

Enquanto Braga cantar,
Em festas e arraiais
Enquanto houver balões,
Braga não morre mais...

Pérolas macias caem na amplidão,
Guarnecidas de manjericos e florões,
É Junho o mês mais conhecido e folgazão
Das fogueiras, sonhos, ilusões...

Ó velha cidade de Braga,
Com estrelinhas a brilhar,
Deixai passar a marcha
Com devoção a cantar!

Enquanto houver alegria,
Na Braga, terra romeira,
Há uma canção romã,
Há uma moça trigueira!

Foguetes a estoirar, música e desejos,
E Braga passa na marcha, a cintilar,
Em sorrisos engrinaldados de beijos,
Parecendo que o santo também sabe amar!...

MADRIGAL

SOB o manto límpido do luar a terra adormecida.

Ergo-me resoluto num anseio que me domina inteiramente o íntimo. O manto diáfano, prateado, que a lua estende sobre a terra, parece reflectir sonhos belos, no meu bragal de esperança.

Belo arvoredado do pinhal ou da voluptuosa seiva do pomar, erguem-se ao Céu, e mansamente agitadas pela brisa suave elevam-se para nos aproximar do infinito.

Bem distante um gorjeio mavioso de rouxinol, canta a sua saudade, semelhante à minha, nesta noite de luar...

O místico murmurar das águas puras dos ribeiros, cobertos de hera transparente, repercutem além num só gemido.

Oh! Santo MINHO! Sinto a tua sombra amiga, penetrar lentamente na minh'alma (trazendo-lhe um sorriso quase maternal...)

Mas... quero acordar, quero despertar esta terra linda de trigais e vinhedos, para contar a todos a minha ventura, para ostentar perante DEUS a minha felicidade, que nesta hora me envolve numa euforia profunda. Extingue-me lentamente e embala-me pelas carícias da noite, deixa-me beijar a claridade da lua e faz com que, esta noite de luar, de magia, seja totalmente eterna...

Oh! Santo MINHO! Quero gravar-te na página mais diáfana
do livro da minha vida, quero esconder-te no recanto mais puro
do pensamento, onde todas as manhãs ao nascer do sol possa
formar de ti um sacrário e suplicar estas cantigas em rimas soltas...

ALDEIA dolente — sombria
— Igreja estendida sob o azul pálido;
Aureolada pelas agulhas brancas das torres!

Santidade da hora. Vibrante badalar,
Atenta ladeira prò caminho da fonte;
Salpicada de filtros de luar e perfumes de amor!
Na ALDEIA: « — São horas de levantar... »

Campos matizados. Parece tudo a rezar!
Retomam-se as charruas, os arados...
— Cantam ceifeiras pelos caminhos,
E enquanto paira alegria nos montados
— E as fontes namoram as ribeiras,
O CÉU transforma-se em altar!...
Celestialmente cantado pelos ninhos!...

As raparigas, capelas de jasmim no penteado,
Pés ligeiros e um borboletear de cantigas;
Vão geirar o PÃO das terras!
Vão ouvir as melodias!

.....
.....

« Não sei d'onde veio
este amor de te querer tanto!
— Guardo-o há muito no seio;
Como quem esconde um santo... »

— Minhas penas esvoaçam,
Andam no céu a voar;
Nasceram as minhas trovas
Pra não me verem chorar!

A tua face rosada
É duma pequenez bela;
Por isso é um regalo,
Os meus beijos pousar nela...

Ó frescas noites cheirosas,
Com sabor de mil cantigas...
Anda o calor das fogueiras;
Nos olhos das raparigas!

ALDEIA dolente — sombria!
Gemendo num dó, a nora do poço...
Dum poço que geme.

Houve alguém, certo dia
Que um pensamento escreveu. E dizia:
«Adeus, MINHO, Jardim da minha Pátria.
Quem, pertencendo tu a PORTUGAL, não
terá glória de ser português?»

.....
— Ó virgindade santa!
Sentiria um desejo louco por esse pensamento;
E retratá-lo-ia ao mundo pela vida inteira...
Mas... a minh'alma vogando tristemente só canta
Sonhos combalidos; agonizante tormento...
Nem por me queimar o fogo da fogueira!

.....
.....

Castanheiro de pé vão...
Deixa passar a cantada!
— As sombras do coração...
Têm a mesma orvalhada:

O MINHO à tardinha...
É um bragal de saudade
— Chora a gente velhinha.
Por ficar sem mocidade!

A alegria da vida,
Achei-a no paraíso...
Eu quando arranjo amores
É ao primeiro sorriso!

António Nobre, no seu livro «SÓ»
Página solta de primavera...
— Na soalheira sombra do caminho
Nos MANÉIS e nas MARIAS, viu tanta quimera,
Que foi cantando baixinho...

«GEORGES! anda ver meu país de romarias
E procissões!
Olha essas moças, olha estas Marias!
Caramba! dá-lhes beliscões!
Os corpos delas, vê! são ourivesarias,
Gula e luxúria dos Manéis!

BOM JESUS DO MONTE

Bom Jesus do Monte!
Teu Sangue a escorrer derramado,
Incensando esse esverdeado monte
De violetas e rosas perfumado!

A brisa fresca da Tua cerca,
As orquestras a tocar no Teu casino,
Moças esbeltas e gentis
E os toques sonoros dos sinos!

As grutas e lagos sombrios,
Um mundo de coisas diferentes,
Nos céus, luar e estrelas
E uns orvalhos reluzentes.

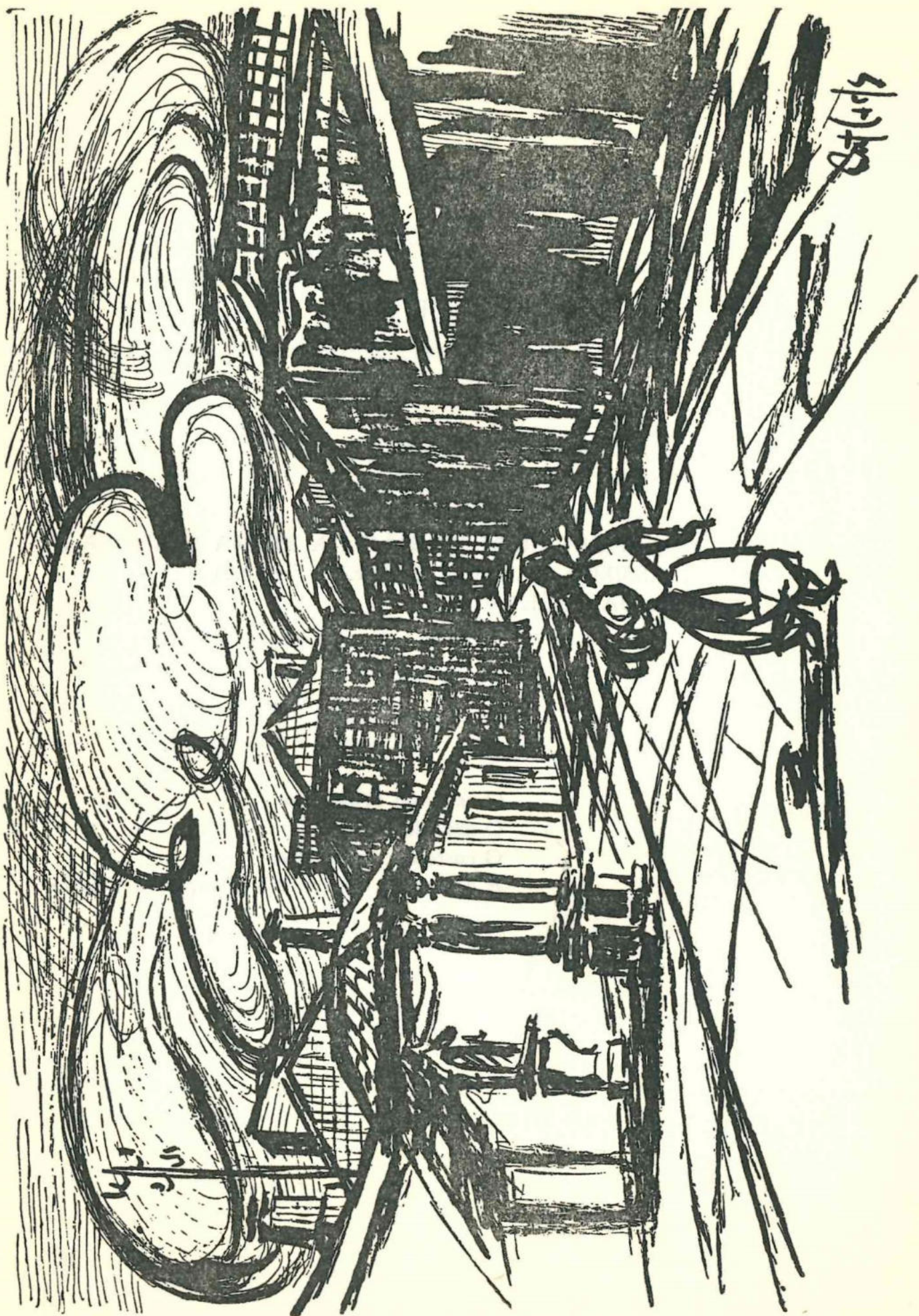
Não posso resistir a tal panorama,
Beijar esse solo, que tentação!
Aí ficarei eternamente,
Aí empenharei meu coração!

Mil vezes queria ser Camões,
Para nos Lusíadas Te historiar
E, nesse monte sagrado,
Viver, sonhar e amar!...

ASPECTO DE FÃO

«—AURIVERDE PENDÃO DA TERRA MINHOTA...
ASSIM A CANTOU O POETA DA TELA
E DA PALETA.»

O verde da Primavera
O azul do mar...
O castanho dos montes
E o amarelo do oiro das alianças de noivado



1/17/19

FÃO

Deixa Sonhar

FÃO... — varinas acima
— mar abaixo!
Sem meias e descalça, tão singela
Qual passarinho as asas ensaiando!
FÃO... — vejo-te crescer, gentil donzela
E a tua ausência me vai dilacerando...

Mulher do mar, virgem de coração,
Com saiote curto e sem maldade;
— Levando o cabaz pela mão...
Varina, qual formosura de cidade!

FÃO... — subtil os pés na água refresca
Tudo escuta, e sorri pois vem surgindo;
Para o peixe apanhar em franca pesca...
— Prateado ao azul do Céu tão lindo!

Nas tuas ruas estreitas d'ventura,
Deixo passar minha vida inteira!
— São gentis de imaculada alvura...
— São sonhos de uma ilusão fagueira.

FÃO... — palavra tão pequena, ansiedade
Teus canteiros coalhados de rosas!...
Lembram a bruma saudade;
Entre rezas amorosas...
E se as núvens se voltaram ao luar
Alguém confortado me dizia:
FÃO... — (olhar perverso no rijo das nortadas)
Vem dormindo em cima do mar
Como uma longa SINFONIA!
Visando em doidas gargalhadas!...

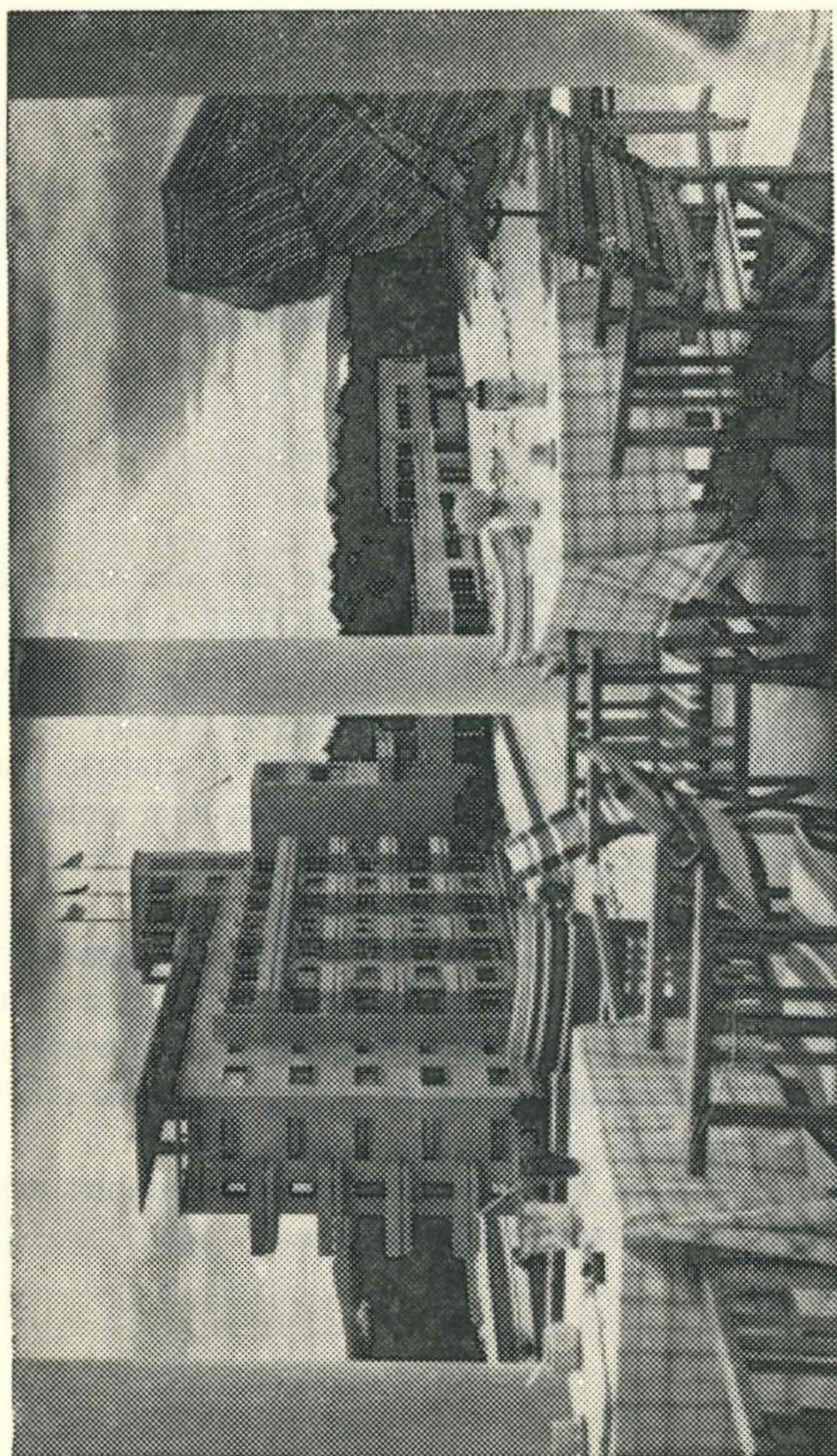
SOL, PAISAGEM E AREIA...

Situado a 700 metros de FÃO e servido por um troço de estrada magnífico — provido de um moderno HOTEL e RESTAURANTE — encontra-se um dos recantos mais aprazíveis e pitorescos do Norte.

— O OFIR é hoje um dos grandes centros de atracção para todos aqueles que buscam tranquilidade e diversão, num ambiente verdadeiramente paradisíaco, com as emoções violentas de praia, rio e pinhal.

Junto do RESTAURANTE e BAR do OFIR, avistam-se os maiores contrastes que caracterizam esta bela região; são: a planície serena do mar, pontelhada de velas brancas, o claro e escuro do bosque verdejante, os jardins floridos; — em suma, uma infinidade de belezas naturais.

FÃO e o OFIR são hoje, sem dúvida alguma, o cantinho mais carinhosamente apetecido do turismo português.



ASPECTO DO BAR-RESTAURANTE E HOTEL DO OFIR

Acenando aos que partem e agasalhando
os que ficam...

LENDAS POPULARES

PALPITA e flui em colorido — um colorido espontâneo, natural e simples. Assim a tradição popular, os costumes e as lendas da região minhota, são admiradas pela sua exuberância encantadora, embora com o seu habitual tipismo.

As lendas do MINHO, pela magnificência, variedade de formas por sua profusão de vida, tonalidade de expressão, eclipsaram todos os capítulos da história regional e etnográfica.

Vivemos leitor, numa das mais belas regiões de PORTUGAL, muito embora, todas elas sejam atraentes e extraordinárias, desde o MINHO aos AÇORES, e desta, à fidalga e régia província de TIMOR, onde o solo Pátrio, quente de verdade, nobre de pensamento, fiel de justiça, e livre para aqueles que a vejam ou que a queiram ver, nas noites de luar ou envolta no trabalho que é a melhor fronteira já que a paz e a liberdade não têm limites.

Os nossos campos matizados, correspondem com os meigos suspiros da flora, num abraço de ternura vegetal, a dizer-nos que as plantas também sentem, também são sensíveis ao bem e ao mal.

Dão-nos a impressão de montões de confeitos em dias de baptizado — rosa, laranja, verde-mar, lilás, carmesim, confundindo-se, por vezes, com o amarelo das espigas.

O prestígio das lendas portuguesas de interesse e invulgar beleza, revestem-se de um sabor característico, orgulho da gesta lusa. As do MINHO então, dulcificam-nos os sentidos tal é a realidade de maravilhas que evocam.

Guarneçam com as lendas, que vou contar, recolhidas no imaculado álbum de meus antepassados a auréola do vosso pensamento.



IGREJA DE VILAR DE FRADES

Jóia de pedra a iluminar o pergaminho
da História e a ilustrar a régia Província
do Minho...

Em VILAR DE FRADES, dentro dos limites de Barcelos e junto às águas mouro-encantadas do Cávado, vivia um homem, rico fazendeiro.

As suas terras eram fartas e nelas se cultivavam imensas especiarias agrícolas. Da sua bolsa abastada nunca saía uma moeda, nem dos seus celeiros uma nesga de farinha para saciar a boca faminta do povo pobre da aldeia. Na companhia de meia dúzia de cães, passava os melhores dias da vida, por montes e vales no prazer da caça.

Se os cães, que com ele viviam, eram os seus fiéis companheiros de caça, seriam também para eles todas as carícias e ternuras.

Na sua morte e ao verificar-se o testamento, tinha legado todos os haveres aos seus animais, enquanto que a pobreza além portas, rebentava de fome. O destino não querendo que se cumprissem tais formalidades, fez com que terrível trovoada desabasse no céu da aldeia e as águas do Cávado tanto crescessem, que inundaram os campos do avaro fazendeiro, tornando-os em imenso areal. E aqueles férteis campos são conhecidos hoje pelo AREAL DE GAÍDE.

(^a) FRADE DE TREZENTOS ANOS — Estando um monge em matinas com outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram àquilo do psalmo, onde se diz que: Mil Anos à vista de Deus são como o dia de ontem, que já passou, admirou-se grandemente, e começou a pensar como aquilo podia ser. Acabadas as matinas, ficou em oração como tinha costume e pediu afectuosamente a nosso Senhor se servisse de lhe dar inteligência daquele verso. Apareceu-lhe então, no coro um passarinho que, cantando suavemente, andava diante dele dando voltas, de um para outro lado, e desse modo o foi levando pouco a pouco até um bosque, que estava junto do mosteiro. Ali fez assento sobre uma árvore e o

(^a) M. Bernardes, *ibid*, II, 3.º

servo de Deus se pôs debaixo dela a ouvir. Dali a um breve intervalo (conforme o monge julgava) tomou o voo, e desapareceu com grande mágua do servo de Deus, o qual dizia muito sentido:

— Ó passarinho da minha alma, para onde foste tão depressa? Esperou; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro. Chegando ao convento, achou tapada a porta, que antes costumava servir, e aberta outra nova, noutra parte.

Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a quem buscava? respondeu-lhe:

Eu sou o sacristão, que há poucas horas saí, e agora volto, vendo tudo mudado!

Perguntando também pelos nomes do Abade, do Prior, e Procurador, ele lhos nomeou, admirando-se muito que o não deixassem entrar no convento, de que mostrava não se lembrar daqueles nomes.

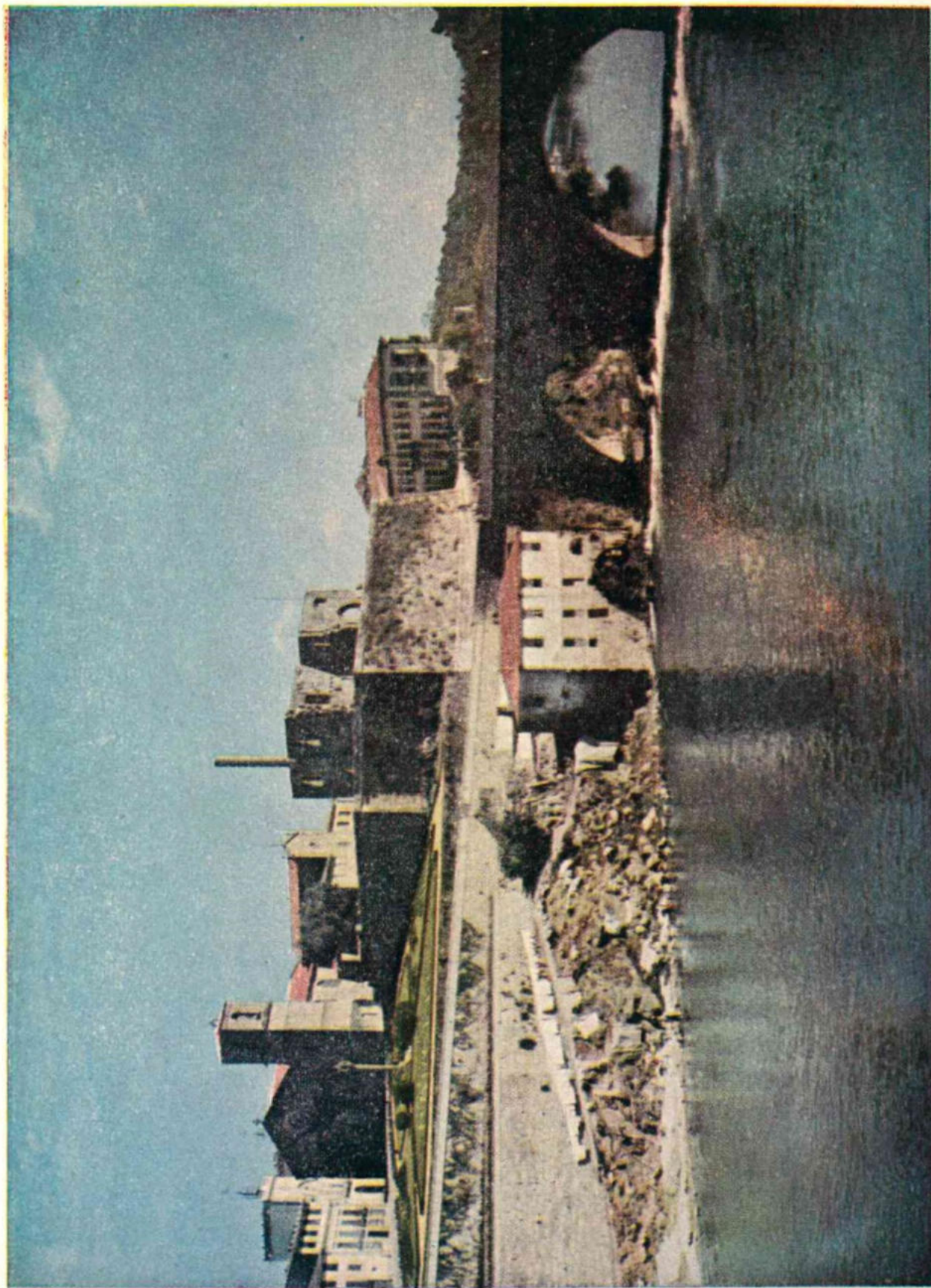
Pondo-se em presença do Abade não se conheceram um ao outro, estando apenas confuso, e maravilhado de tão grande novidade.

O Abade, então iluminado por Deus, mandou vir os anais, ou a história da ordem, onde buscando, encontraram os nomes, que o monge apontava, averiguando-se com toda a clareza, serem passados mais de trezentos anos, desde que o monge saíra do mosteiro até que tornara para ele.

Então este, contou o que se tinha passado e os religiosos aceitaram-no para irmão do mesmo hábito.

Considerando na grandeza dos bens eternos e louvando a Jesus Cristo tão grande maravilha, pediu os sacramentos e passou desta vida com grande paz no Senhor.

Todas estas afirmações lendárias inflamam a criatura humana para o alto ingénito e constante anseio da aproximação de Deus. Compreende-se porque: abrindo, encantado, os olhos para a vida, o homem de longínquas épocas, ao passo que estruturava e firmava sua personalidade, abria aspectos de beleza imortal que o conturbavam e comoviam.



BARCELOS — (Portugal)

RIO, IGREJA MATRIZ E MUSEU ARQUEOLÓGICO
FLEUVE, EGLISE MATRICE ET MUSÉE ARCHÉOLOGIQUE

C.M.B.
Biblioteca

O êxtase e o delírio, duas formas impressionantes da natureza minhota, estranha mistura de pureza e ardores de raça.

Quando os bárbaros ainda habitavam o MINHO, perto de Sistelo, Arcos de Valdevez, o homem tinha que aspirar a um consagrado poder físico. Era inteiramente forçoso possuir braços hercúleos para manejo de armas, peito longo para aguentar as corridas e nervos calmos para socorrer às necessidades sempre ingentes.

Enquanto que a vida se abria para a juventude, fechava-se para a velhice. E alquebrados pelos anos, fatigados e quantas vezes doentes, os velhos já não serviam para a povoação e os próprios filhos os levavam para o sítio do POÇO DE PORTO-CALES e aí os matavam impiedosamente.

Um belo dia, um filho seguia a caminho daquele lugar, levando às costas o velho pai, trémulo e gasto pela vida.

Fatigado da jornada que lhe parecia imensa, perguntou o ancião, se ainda faltava muito para o termo; retorquindo-lhe o filho com aspereza, que pouco teriam de andar. O velho então comentou:

« — Eu sei... meu filho! Levas-me onde eu conduzi teu avô e onde teu filho te há-de levar um dia... »

Ouvindo estas palavras, o filho voltou com o pai para trás, terminando assim o tradicional e bárbaro costume dos antigos lusitanos.

As lendas populares minhotas, esquecem os prementes problemas da época, encontrando-se nelas um acordo com a arte de sempre, criando não só um ensaio de importância fundamental para a moderna compreensão do espírito, como um documento humano do mais evidente significado.

Será uma peregrinação pelos lugarejos tradicionais e puramente populares que ressurgem empreendidos num processo que define o valor e revela inteligência e sensibilidade.

Uma terra como esta, cujo lamento agudo da viola mantém uma palpação insistente e se confunde com o burilar mágico dos

tamancos em rodopio de dança e com a nostalgia ainda maior das suas lendárias historietas dignas de realce e que constituem o elemento básico das seroadas ao redor das lareiras, dominando o barulho do vento no exterior.

O SENHOR DO GALO: — Certo galego foi condenado ao patíbulo, acusado pelo crime de ter tirado a vida, a um homem, para as bandas de Barcelos, por aquele ter travado pouco antes, acesa discussão.

Natural da Galiza de onde viera, na esperança de conseguir trabalho, e poder dessa forma elaborar vida feliz, foi parar inocentemente às grades de um cárcere, deixando atrás de si no azul-

-claro da terra natal a beleza do povoado e os beijos saudosos da sua mãe, que tantas vezes o tirou de partir para novos mundos.

Aí passava os dias olhando tristemente a limitada luz do sol irisada. Avizinhava-se a manhã em que subiria à forca para expiar crime que não cometera. E fazendo preces de mãos erguidas, entregou-se totalmente a **NOSSA SENHORA** e a **SANTIAGO** para que o salvassem.

Torturado pela ideia da morte que não merecia teve uma inspiração divina e pediu que o levassem à presença do Juiz.

Aconteceu que o Juiz, estava nessa altura a jantar um corado galo de luzidia carne. O galego voltou a mendigar clemência e a jurar que estava inocente, ante a incredulidade gracejante do



**PADRÃO DO SENHOR
DO GALO**

magistrado. Clamando cheio de fé que, para prova da verdade que afirmava, o galo corado que servia de manjar se levantaria e cantaria.

Sorriram de espanto os presentes, quando o galo se ergueu e cantou — conquistando assim o condenado a alegria da liberdade. Em memória do facto mandaram edificar um padrão, que se pode ainda hoje admirar no MUSEU ARQUEOLÓGICO DE BARCELOS.

Eis porque, o Galo de Barcelos conquistou um lugar de valor e decoração em todo o mundo livre.

O pequeno MINHO como vêem, tem personalidade característica, e íntimo parentesco com a verdadeira tradição popular.

Todo o minhoto por mais humilde que seja é fiel aos seus destinos e exprime nessa trindade de amores as inebriadas recordações velhinhas, extravagantemente esculpidas nas gigantescas trepadeiras que decoram a casa portuguesa.

Se existem poetas arrebatados pela imaginação e lendas apaixonantes como lenços de merino; também existem por toda a parte corações que nasceram para render culto à linda terra que Deus fadou como cérebro de Portugal.

ARTE E ESCULTURA

EXISTEM no MINHO obras de arquitectura, de escultura e arte que vislumbram nos seus mais miúdos pormenores.

O Romeiro, flama votiva homenagem às embriagantes e sonhadoras traças decorativas que emolduram a região.

A fim de assinalar a antiguidade e a grandeza de culto, os nossos primitivos povos imprimiram ao pensamento teológico o horizonte escultórico de arte medieva.

Assim vemos aqui junto de nós, a enrodilhar-se sobre a nossa frente, a fachada românica da Matriz de Abade de Neiva com a sua torre fortaleza. A Aldeia do mesmo nome fica situada em prodigiosa área e possui uma longa e meditativa narração histórica.

A Matriz de Abade de Neiva (Minho) foi fundada pela Rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques em 1152.

Afirma-se que a Torre Fortaleza em anexo, é do tempo de El-Rei D. Dinis, e os campanários foram edificadas em 1737, para lhes serem colocados os sinos.

A riqueza e o gosto pela majestosa e delicada arte escultórica que define o estilo, originou que, o púlpito da Igreja do Terço (Barcelos), aconchegue à sobriedade de composição a pujante

segurança da bela e muito portuguesa arte da «talha dourada». Possui também uma admirável colecção de azulejos, datando a Igreja de 1707.

A formosa Torre de Arquitectura manuelina do antigo Convento de Sant'Ana (Viana do Castelo) é uma sensação rara de riqueza e esplendor e um arrojo de renda trabalhada em pedra.



IGREJA MATRIZ DE ABADE DE NEIVA

O MINHO não é sòmente um relicário de lendas, um canhe-nho de folclore e romarias, mas também, uma integração no exemplo característico da escultura, reflectindo nas leis harmónicas que as geraram.

A Casa dos Arcos, em Viana do Castelo (estilo flamengo, do século XV) e que já serviu de sede ao INSTITUTO HISTÓRICO DO MINHO, constitui uma das construções mais interessantes — com graça simples e sólida.

A Igreja de Roriz (MINHO) contém uma delicada e valorosa escultura no seu portal (século XII) que a valoriza e integra-se pelo conjunto nos volumes da arquitectura.

Assim Viana, Barcelos, Braga, Guimarães e Santo Tirso, seja qual for a sua fé e crença, não podem deixar de se sentirem eternamente exaltadas ao erguerem-se sobre fulgurante obscuridade da fornalha cantada em pedra no silêncio da Idade Média.

Explorando a paisagem erguem-se de distância a distância, sulcando as ondas das searas, dezenas vastíssimas de obras; solares, museus e catedrais, magnificamente esculpidas em estilos manuelino, flamengo, bizantino ou alcandorado da ogiva e do arcobobante, a que hoje chamamos gótico. A par de todas estas relíquias, conhecidas e estimadas pelo homem e que anónimos e eruditos artífices rasgaram para glorificação de PORTUGAL, vamos encontrar uma luz cambiante que prevaleceu através de muitos séculos para desabrochar as grandes flores de pedra e madeira numa votiva promoção de paz.

— Em quase todas as povoações minhotas não é absolutamente difícil encontrar jóias artísticas e arqueológicas, nem tão-pouco evoluções do estilo românico.

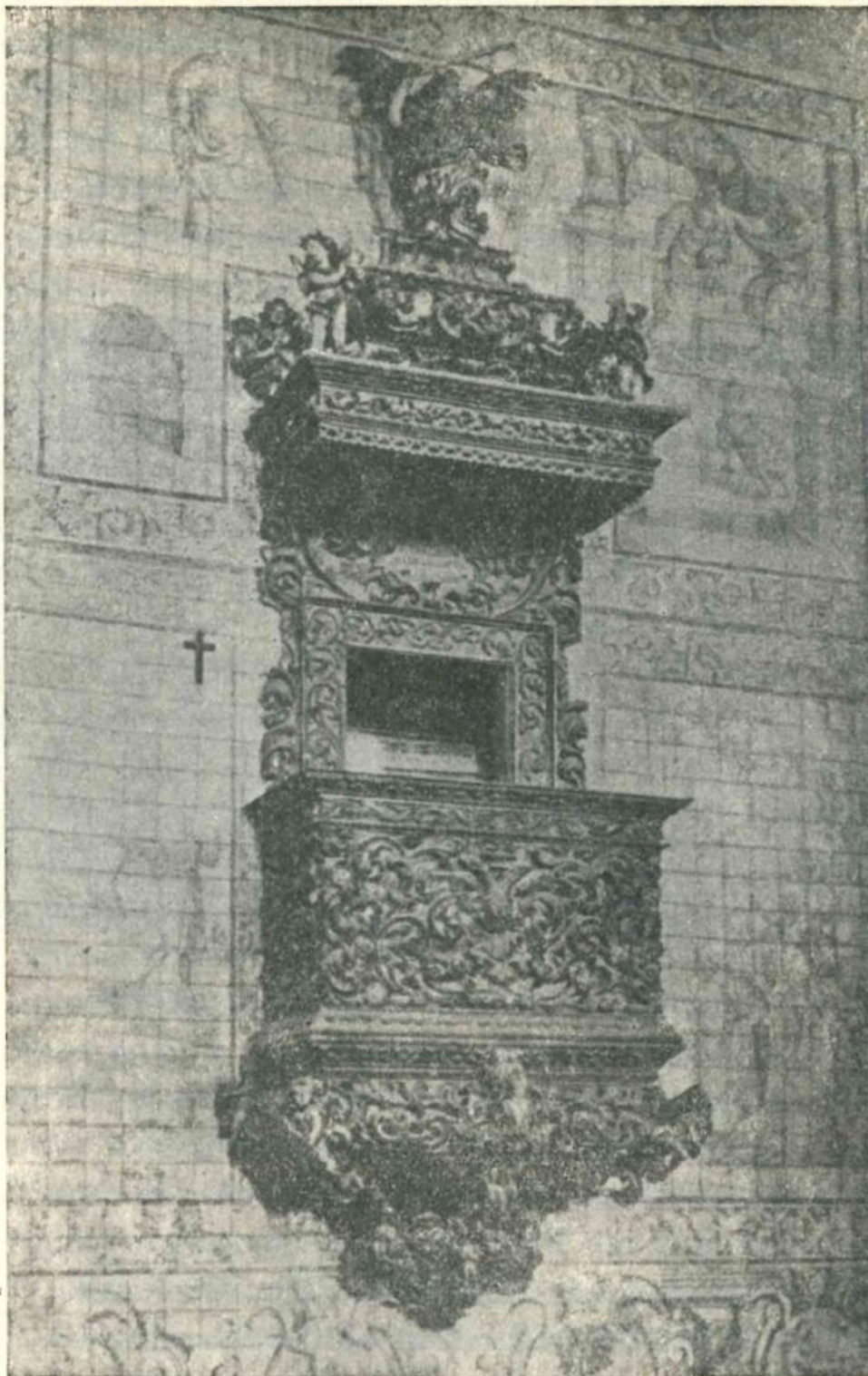
Em Braga existem preciosas relíquias neste originalíssimo traçado. Vamos encontrar nos subúrbios uma espécime rara de arquitectura pré-românica que é a Capela de S. Fructuoso do século VII (monumento mozarabe). A Sé, primitivamente era uma preciosíssima antiguidade histórica dessa arte em Portugal, mas as muitas reconstruções e modificações, tornou-a num estilo indefinido: assim podemos observar o românico desde as bases às torres, depois o gótico e o estilo pesado do século XVIII.

Este templo data do ano 44 da era cristã, em que o apóstolo das Espanhas pregou em Braga e ganhou muitos habitantes para a cristandade, entre os quais o mártir S. Pedro de Rates.

O primitivo templo teria sido edificado sobre as ruínas de uma catedral egípcia, dedicada à Deusa Ísis.

A lenda diz ser provávelmente este templo no formato de basílica o primeiro em construções românicas.

A Igreja do Convento de VILAR DE FRADES, situada a poucos quilómetros de Barcelos, é uma das jóias notáveis da



PÚLPITO DA IGREJA DO TERÇO

A arte portuguesa em talha dourada...

arquitectura existente em nosso País, especialmente em toda a província minhota.

Esta sumptuosa basílica (monumento nacional) erguida para transmitir por gerações sucessivas a convicção de nossos maiores, pena é, que não seja restaurada e amparada, pois possui no seu interior uma formosa colecção de «talha dourada» assim como painéis de azulejos encantadores, rubricados por eminentes artistas.



**NATIVIDADE, painel de azulejos de Bartolomeu Antunes (1742),
Igreja de Vilar de Frades (Barcelos)**

É de assinalar um pormenor de muita sobriedade, pela característica do estílo; a porta central constitui um belo conjunto escultórico da arquitectura manuelina e um portal ao lado com «alto-relevo» cheio de beleza e harmonia em estílo românico.

O Convento fundado por S. MARTINHO DE DUME no ano 566 da era cristã, foi destruído na invasão árabe, reedificado na restauração visigótica e depois enriquecido por D. SANCHO I que lhe fez couto.

O PARQUE frondoso de VILAR, com o areal de Gaíde e as margens do CÁVADO, adormecido a sonhar com a grandeza do seu passado velho e fidalgo de esplendor, faz-nos antever uma chuva de ternura vegetal, enleada em sonhos cor de rosa.

VILAR DE FRADES, timbrada e immortalizada por ARNALDO GAMA no «Sargento-mor de Vilar» será uma relíquia viva para glória da Terra Lusitana.

Disse BACON que a «arte é o homem identificado com a natureza, o homem com as suas forças morais».

As grandes obras escultóricas e artísticas simbolizam os grandes povos, as grandes Pátrias, e as maiores fases da história humana; assim a incomparável riqueza architectónica e a formosa concepção artística que ornamenta a região minhota é uma espécie de energia nova para a causa da civilização e do progresso, um idioma de língua universal, aberto a todas as crenças, a todas as ideologias, às mais rígidas convicções e nacionalidades, porque, as obras primas levantadas pela gesta-média só podem conciliar os povos e enobrecer os pensamentos.

A arquitectura venerada através de séculos, pelas nossas gentes, verdadeiramente clássica, imprime o selo da immortalidade em todas as suas obras.

O estílo gótico sucede ao romano, e os artistas desse período memorável em que reina uma variada harmonia social, são exclusivamente do clero regular. A partir do século XIII, os architectos tornaram-se laicos, e as preocupações estéticas dão ao espírito concepção de sabor puramente ogival.

O espírito poético e extraordinário dos nossos antepassados educou-se sobretudo nas reconstruções artísticas, desenvolvendo com intensidade o culto religioso e espiritual.

Nesse advento do renascimento da Arte renovou-se a civilização católica, distinguiu-se a política e estabeleceu-se a cultura. A beleza criada pelo homem sob a influência do culto e favorável à ascendência do sentimento resultou para a evolução estética, numa ânsia de perfeição e subtileza.

A ARTE e a ESCULTURA minhota, onde a ideia e a forma afirmam uma perfeita unidade, criada por magistrais épocas, são de importância fundamental para a compreensão do espírito e um documento humano e artístico do mais evidente significado.

II
PARTE

MINHO, CARTAZ TÍPICO

O MINHO, de astros azuis, pastelizados e diluídos, é das províncias que se dilatam no coração e na alma do turista, geralmente calmo, contraindo a vivacidade da sua beleza embebida de sonho e de amor. É um verde canteiro que se confunde com o céu de um azul violáceo, extenso e fino, a perfumar os campos com o todo colorido da folhagem, fazendo dos caminhos o recolhimento do povo da aldeia.

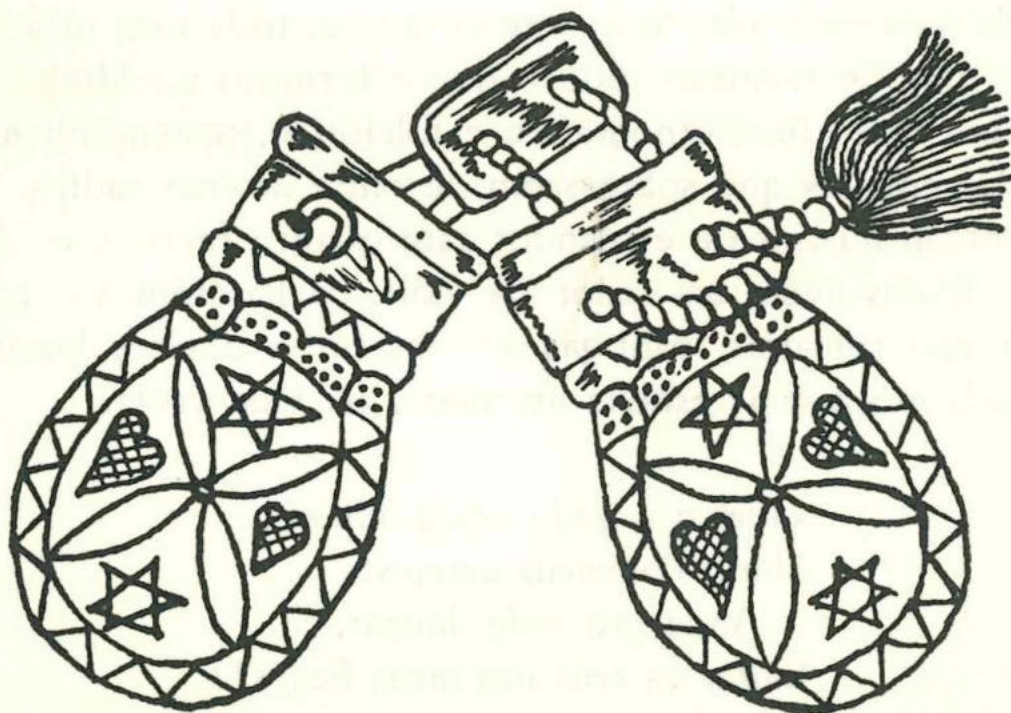
Seria o quadro mais deslumbrante, seria o óleo ou a aquarela mais bela para uma tela, todo este conjunto, toda esta urbe imensa, que faz unir de mistério tudo o que é formoso no Minho, debruçado sobre este painel etnográfico e folclórico, testemunhando com os tépidos enlevos que sobressaem de entre aromas sadios. Poderiam também ilustrar de esplendor este quadro feérico, os bailados que se desenvolvem ao redor da viola, da harmónica e pandeiro, haja ou não romarias, cantigas ao desafio e olhares bonitos lançados pela moça mais esbelta ao moço, ou vice-versa.

*« Deixa o gado, anda bailar,
Maria dos meus desejos...
— Anda prà roda dançar,
Juntar os teus aos meus beijos! »*

Realmente, a profusão do povoado, os caminhos movimentados de gente, a simplicidade da vida da aldeia, a romântica formosura das cachopas enfeitadas com os seus velhos trajos, sugerem-nos a ideia de estarmos às portas acaramanjunadas da sempre ridente província do Minho.

«Do Minho... moça boa,
Mais perfuma que a rosa
— Ó que coisa apetitosa,
Mais gostosa que a boroal...
Mais formosa que a rosa!»

Minho!... Onde se cantam as cantigas mais velhinhas, das mais longínquas gerações, êxtase do turista louco por conhecer a vastidão dos nossos povoados, a alegria das nossas gentes, os recantos deliciosos junto aos rios que correm, e, enfim, os tapetes verdes tenros a que a temperatura do ano empresta colorido, sobressaindo em brilhante maciço no doirado imenso dos campos.



Penetrar no Minho, ao sabor dos descantes populares, do Verde-Gaio, da Chula, do Malhão, da Lima de Góios, ou do Vira é a mesma coisa que entrar no Paraíso, ao som maravilhoso das arpas dos anjos. É por esse motivo que as romarias minhotas têm a beleza simples, a alegria roçante e são o certame mais rico em folclore que os nossos olhos podem glosar.

Seria bom, estimado leitor (em especial os que vivem fora desta província), vir ao Minho almoçar numa destas muitas pensões típicas da nossa região, e saborear o sarrabulho ou o cabrito assado com castanhas e o arroz do forno, sempre gostoso, regados pelos vinhos verdes capitosos, de que esta província é fonte.

*« A fonte do vinho verde...
Enlaça-se com os amores,
O vinho verde da fonte
Põe levianas as flores! »*

Espero que venha até nós, comungar com a alegria, encher as ruas, os largos, as cidades de colorido de festa, apreciar as danças típicas, envolver de carinho o povo puramente minhoto, aquele que passa a vida enleado no amanho da terra, cultivando o seu fruto, dando mais expansão à soberana riqueza nacional.

*« São as cadeias mais fortes,
As tuas tranças, Maria...
Elas prendem meu coração
Quando danço na romaria!... »*

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...
...the ... of ...

GUIMARÃES

GUIMARÃES... Céu azul de veludo,
Berço da nacionalidade lusitana
Tua História padrão que ufana,
Sobre um pedestal firme de granito...
Ávidos guerreiros em campo de batalha
Soavam de guerra um grito...
D'esplêndidos heróis não serás tu a mortalha?
D'um Afonso Henriques, de Gil Vicente,
Duma renascença de poetas divinos,
Que escreveram de boa mente
Tão largos e esplêndidos destinos...
GUIMARÃES, mui princesa enfeitiçada,
Leva-me como brinquedo por teus caminhos,
E deixa-me ficar preso aos teus linhos
Em ecos de epopeia. Ó terra amada!

Ébria de sol, cantante de corações,
Parece Menina e Moça sem vaidade,
Nos adornos que cobrem teus brasões!...
— GUIMARÃES donzela linda
És a mais linda cidade,
E a que mais se alinda ainda...

O teu CASTELO saudoso
— Gasto pelo roçar dos anos,
Pelo sangue, pelos desenganos!...
— Outeiros onde o sol descansa,
E a PENHA a brilhar já na certeza
Com o pendão cor da esperança,
Dizendo ser a ALMA PORTUGUESA!

JARDIM DE SONHO

O MINHO, de incomparável beleza, sorri dos seus campos a alvura das lindas flores campestres, que convidam o visitante a horas de emotiva beleza e sonho, juntando ao prazer que seus olhos bebem a comodidade dum maravilhoso sistema rodoviário, que os obriga a contemplar, demoradamente, esta sóbria paisagem minhota...

As mulheres, de rosto apergaminhado, debruçadas sobre o peso dos anos, lavam brancas roupas, tão brancas como os seus próprios cabelos.

Moçoilas, trajando à maneira minhota, descem, para a fonte, em grupos, rindo e cantando alegremente e segurando, na cabeça ou debaixo dos braços, os lindos, bojudos e graciosos cântaros de barro vermelho.

Nas feiras, moças graciosas e de seios fartos exibem grossos cordões de oiro com medalhões de filigranas. Dos seus lábios, ébrios de alégria, desprendem-se doces sorrisos... que nos encantam e nos fascinam.

De cintas delgadas, cabeças aureoladas com grossas tranças enroladas, chinelas pretas, muito justas aos pés, saias cingidas, com pregas ou rodadas, blusas muito frescas, elas, as mulheres do

MINHO, com as mangas arregaçadas, mesmo em pleno inverno... emprestam com o viço da sua mocidade, uma nota ála cre neste canteiro de PORTUGAL!...

A mulher minhota é fresca e sadia e, quando trabalha, leva tudo na sua frente, como se costuma dizer, e eu posso traduzir desta maneira:

*Estas moças cá do MINHO
Fazem os homens bailar...
Os seus seios... cachos d'uvas...
Díficeis de vindimar!...*

E aqui e acolá, Manéis atiradiços, com rubros cravos ao peito, vão dando penicões às moças nas romarias... Aproximam-se, como a medo, e vão chegando aos ouvidos delas palavrinhas quentes e ternas, na simplicidade castiça duma intenção interior... E elas, tontas de encanto, ficam com as cabecitas à roda...

Tudo é colorido... desde os bailaricos em volta dos harmónios, pandeiros e violas, às inúmeras desgarradas, que se cantam e se vivem juntamente com cantares ao desafio. Eis algumas quadras que ficaram, para sempre, nas memórias e nas almas:

ELE

*És par'cida a um vulcão,
Quando a meu lado estás...
Tua boca é o inferno...
És bem Maria-rapaz.*

ELA

*De canalhas estou eu cheia,
Desde o chão ao meu telhado;
Se meus olhos fossem pedras
Já te tinha apedrejado!*

ELE

Não estejas tão nervosa,
Põe-te mais doce Maria!...
Gosto de ti, serás minha,
Gozemos a romaria!...

ELA

Provocaste-me... atrevido!
Agora vens de mansinho...
És ainda muito novo
Para me sequires no caminho.

E o cenário continua, sempre pujante de encanto. O Sol, agora, ergue a sua face rutilante e esconde-se para além... Aqui, os pâmpanos frescos das videiras enlaçam-se nos frios esteios de pedra das ramadas... Uma chuva miudinha e vaporosa salpica a folhagem das árvores em redor... O efeito é mais belo ainda... a humidade da chuva deu mais beleza aos esbatidos verdes, que se perdem nas retinas dos meus olhos...

Por toda a parte a natureza grita o seu poema da multiplicação...

Campos emoldurados de ramadas e árvores, com fundas covas de terra acastanhada abertas pela força dos arados... é um calor escaldante... convida-nos a beber uma boa pinga do velho verdasco num grácil púcaro de barro. De quando em quando, uma papoula vermelha brilha na seara louca e dá a todo este conjunto de fartura uma nota rubra de encanto e de graça. É assim o MINHO! Belo, alegre, colorido, cheio de encanto e de frescura.

Lá longe, não muito longe, o velho campanário ergue, numa toada de sempre, as badaladas dolentes das AVÉ-MARIAS. Todos se descobrem num respeito natural, espontâneo, sincero... vindo da alma.

Aqui e acolá, vêem-se casitas rústicas, cobertas de hera e rosmaninho à volta... Mas dentro dessas humildes casas há limpeza, há amor e há esperança. Os lençóis são de linho alvo, fiado e tecido à porta da casa. As cobertas das camas são mantas de farrapos que a paciência e o engenho transformaram

em autênticas obras de arte...

Tudo convida, portanto, uma sesta merecida.

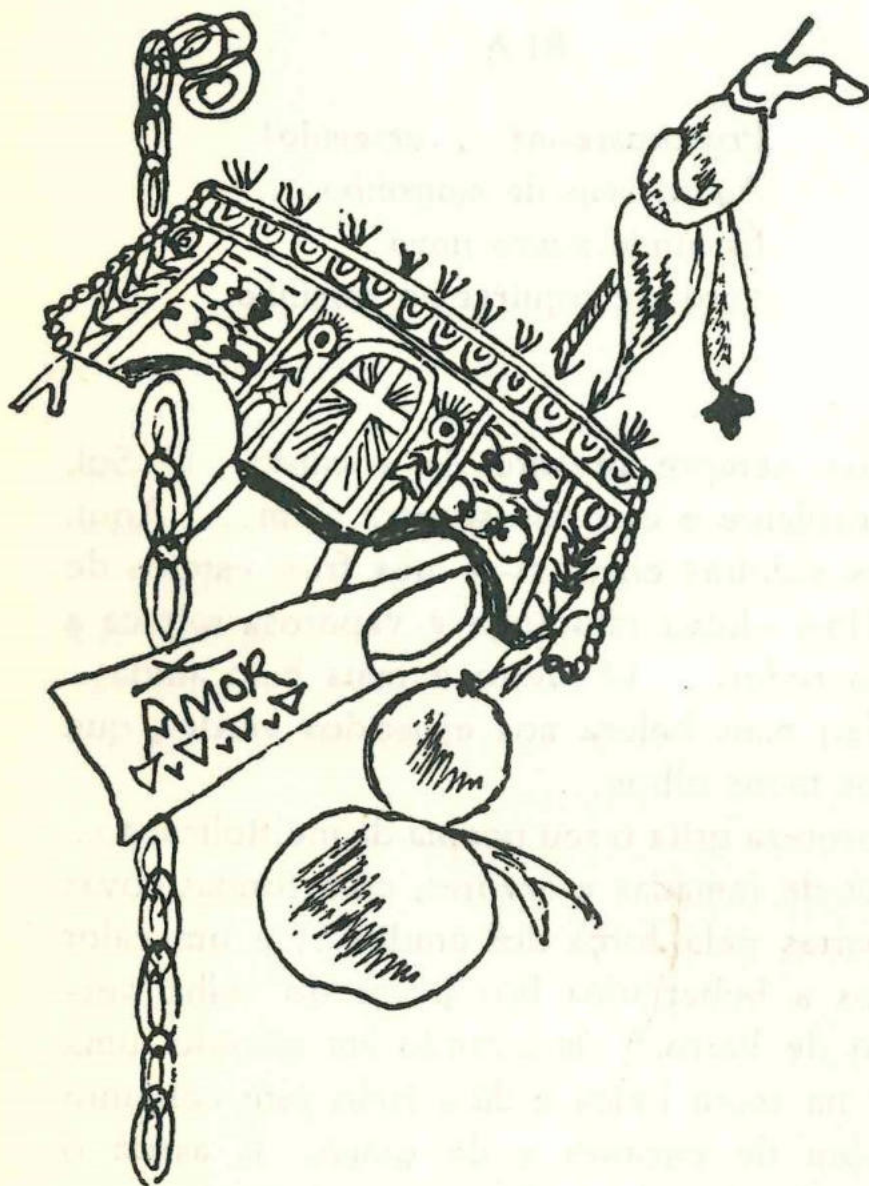
E os sarrabulhos?! São de comer e morrer por mais.

E as vindimas?! Oh! que alegria! Andam no ar as cantigas; há música, abundância... alegria.

Os cachos avolumam-se nos cestos e, por vezes, misturam-se com beijos e abraços.

O cenário do MINHO não fica por aqui. As esfolhadas iniciam um capítulo de graça... e de eterna poesia. De noite, à luz do luar, as espigas parecem rubros montí-

culos de ouro a desfazerem-se em mãos de fadas. Como são belas as desfolhadas! Quando, porém, no meio de tantas espigas aparece uma vermelha (a linhariça), é um rosário de beijos e



abraços... que se guarda, quase sempre, no nosso mundo das mais santas recordações.

A terra tudo dá, Santo Deus!

—Bendito seja a MINHO!...

Ó MINHO jardim eterno!
És a província mais bela...
Tuas casas... tuas moças;
Perduram numa aquarela!...

ROMA PORTUGUESA

BRACARA AUGUSTA, d'guerreiros e barões
— És medieva cidade,
Tens riqueza e humildade
Frescura nos teus pregões!
Braga, toda tu és um monumento,
Que canta no negrume da noite um madrigal
Rasgando canções no firmamento,
Mostrando ao mundo que és PORTUGAL!

Ébria de sol, recônditos de fé,
Escutam dia a dia singulares,
As badaladas do velho sino da SÉ
Já gasto pelo roçar dos séculos!
BRAGA, que gritas a euforia da tua luz,
Por terras de Portugal venturosas,
E convidas o povo a lançar rosas,
No MONTE, aos Pés do BOM JESUS!...

São um álbum de cromos multicores,
Os teus jardins onde o olhar descansa,
E vagueiam pelos campos resplendores
No pendão cor da esperança...
BRACARA AUGUSTA que arrebatas os corações,
Dos romeiros, torrão cristão...
O arminho que veste os teus braços!
É o manto da VIRGEM DA CONCEIÇÃO!...

BRAGA na graça de um derriço,
Abraça pelo S. JOÃO seus bailados,
— Manjericos e cravos encarnados...
Tudo isso é tão belo tão castiço!
Aquarelas de intensa alacridade,
Onde vive um sabor a ROMARIA...
Fogos, ranchos e poesia!
Vibrante de alegria mocidade!...

VINDIMAS

AS vindimas são uma espécie de concentração na vida e no sentimento do Minhoto.

— Com a mão direita seguram a escada; com a esquerda agarram bagos de oiro em migalhas e vão deixando atrás o reflexo do prado pintalgado de loiro-verde. Aqui, além, ainda os novos cantam; palestras e cantigas entrecortam-se-lhes quando o suor trespassa a saragoça das calças ou o linho alvo da camisa.

Cessam os cantares o fumado dos horizontes, passa à cor de sangue e bronze líquido e o repique das trindades regressa ao prado em revoadas. Entrecruzam-se cestas cor de lama, cachos em abundância que num choro de delírio se deixam concentrar na masmorra do lagar uniformizando-se na cor do vácuo; ardente, deslumbrante, irradiante.

Tudo crepita no burilar das adegas! O vinho verde...

— Louvado seja NOSSO SENHOR!

Fora, as parras como pés descalços completamente imóveis sentem saudades das meninas que brincavam em seus olhos e tornavam o silêncio dos campos em estrado feiticeiro de romarias banhadas de mil cantigas, forja de poemas populares.

Tempos idos e saudosos esses, em que, cada povoação encantadora do MINHO, desse MINHO que surge milagrosamente a nossos olhos, colhia em mestra devoção típica a faina das vindimas «para cada boca uma uveira, para cada coração um sorriso». Hoje tudo mudou, e as vindimas, decaíram como o fausto dos principescos solares.

Felizmente ainda temos costumes arreigados, sobretudo aqueles que foram legados pelos pais de nossos pais e são faculdades da nossa inclinação pelas coisas belas.

As vindimas são uma consagração às colheitas do Outono e o lavrador dedica-se tanto e tão profundamente às colheitas quer do vinho ou dos cereais que deita para trás das costas as preocupações da vida, resigna-se às calamidades quase cíclicas e sorri, de coração aberto qual manhã de rosas...

— MANEL, quando me levas à igreja?

— Para o fim da vindima, MARIA.

O MINHO, com as suas canseiras envoltas nas paletas infindáveis e realistas, transforma-se com os seus vinhedos em tintas de mil cores em baladas de galantaria popular em aromas de diferentes perfumes.

*A Senhora da Agonia
vai pelo Minho acima,
Com um cestinho no braço;
fazer a sua vindima!*

*Apartai-o S. Tiago,
o cacho preto do branco
Pois a mim me apartaram;
de quem eu queria tanto!*

A vindima Minhota, constitui uma festa que revive em cada época, a bênção dos lagares e a exibição solene das melhores cantigas. As aldeias enchem-se de matizes; as gargalhadas fulgurantes

misturam-se com os reflexos do sol bravio, arquejam os bois a puxar os carros repletos de dornas perfumadas, por poeirentos caminhos.

Por sua vez o Minhoto com a esplendorosa cerimónia das vindimas enriqueceu a flora portuguesa introduzindo-lhe grande variedade de plantas, entre as quais as videiras, que neste momento



VINDIMAS — Mulheres com cestos de uvas

são o cultivo mais rendoso e com produção mais activa na conjuntura agrícola.

As cenas típicas, cheias de graça e colorido desafiam os mais sisudos e à noite, quando o luar sucede ao sol, a alegria desabalada prossegue. Improvisam-se danças, afadigam-se mais os corações, estralejam cantigas e o malhão e o vira entram de permeio e enlaçam os namoriscos; fume-gam saborosas sardinhas que brilham policromas no regaço da boroa minhota, agigantada entre os dedos calejados de camponeses amantes da terra, da tradição e do trabalho.

Os homens não vestem, como nas outras regiões os luzidos trajes domingueiros que lhes consumiram as economias, mas engalanam-se com os pitorescos fatos de trabalho, que já de si, emolduram a expressão jovial dos seus rostos.

Afirmavam os antigos, que o vinho-verde da região Minhota só se podia beber de olho esquerdo fechado, pondo a boca à

banda e alçando a perna direita, como quem, ao bebê-lo, espera os efeitos de uma pedrada. No dizer de António Augusto de Aguiar, o vinho verde é fresco, áspero, agro, refrigerante, diurético, óptimo para o Verão, pouco alcoólico, com muito travo, muito tártaro, muito fermento, e tão carregado de agulha que lhe chamam até vinho picão. O melhor picão deixa a impressão de uma carta de alfinetes, afagando ao de leve o esôfago. Cria-se nas vinhas de embarrado, que sobem a grande altura acima do solo. Neste sistema de cultura, as cepas expandem-se em lançamentos e folhas, enroscam-se nas árvores em que vivem contíguas, amparando-se a elas; trepam aos castanheiros e choupos, enleiam-se como as serpentes do caduceu e formam festões e grinaldas que passam de uns para os outros, sem roubar o solo às culturas a que fazem roda, como as raparigas em torno do milho da eira, dando-se as mãos para a dança nas escamisas.

VINDIMAS

Sol brilhante...

Oh! companheira!

VINDIMA aldeã;

— Desferindo ao som vibrante

Quer no campo ou na eira,

— Pela manhã!

Para rir,

Folgar.

Tudo é labor

Cantam raparigas;

Suas cantigas

Em gotas de amor!

As LAVRADEIRAS

Esquecem canseiras

Esquecem fadigas...

São as latadas feiticeiras!

— Ninguém mais as lisonjeia

E de um bago que colhem;

(Há arraial na ALDEIA).

Ouço alguém passar,

Vejo escadas cruzando-se de luz

E fico curvado a cismar!

Cismo tudo, que me seduz

na vida dos campos.

DEUS me dê visão!

— Para ver sem pesar

As moçoilas a bailar

A rir,

A folgar

Na colheita do vinho

— E se um dia morrer

Quero ter o vil prazer,

Com voz forte e clara...

Entrar no CÉU inda a cantar

As VINDIMAS que tanto amara!...

HERÓIS DO MAR...

Homem do mar, ergue o braço,
Aos pés da espuma que te esmaga,
E deixa livremente no espaço
As ondas que a tua voz afaga.

Herói de gerações passadas,
Valente e indiferente como vil fera,
És o calor ardente das alvoradas
E não uma vã quimera!...

Leva-me também pelo teu mar inquieto!
E deixa-me fazer das ondas um ninho,
Longe vá a nova e crua vida,
Pois é belo, herói, o teu caminho!

Se o mar é um jardim perfumado
E tu és o Sol que o habita;
HERÓI DO MAR DE PORTUGAL...
Não curves a cabeça e medita!...

COMO VESTE O MINHO

Esta Província, bastante conhecida, encerra tesouros de gente estranha, costumes estranhos, crenças maravilhosas e uma beleza natural chave mágica para algumas das grandes dádivas da vida.

A O ver surgir diante de mim o aroma das flores embalsamando o ar, ao penetrar na linguagem e nos costumes estranhos da região minhota eu quero dar à estampa garrida deste cartaz o pensamento de um famoso romancista inglês H. M. Tomlinson: «HÁ NOMES E LUGARES QUE, QUANDO MURMURADOS ÍNTIMAMENTE, TÊM O EXTRAORDINÁRIO PODER DE TRANSPORTAR O ESPÍRITO PARA ALÉM DO SOL E DA LUA. NÃO OS PODEMOS VER IMPRESSOS SEM NOS EMOCIONARMOS».

Integrado este pensamento maravilhoso na moldura minhota dar-lhe-á beleza indefinível.

— O MINHO é das províncias portuguesas, no entanto, a que mais segredos encerra. O turista visita-o anualmente, mas fá-lo apressado, atravessando os seus montes e vales, as suas ruas e

e avenidas, correndo para uma igreja ou ermida, assistindo com pouco interesse a uma romaria com tradições ou tipicamente popular, comprando precipitadamente recordações e curiosidades.

Mas esta província não pode ser encontrada correndo-se atrás dela. Ela tem que vir ao encontro do turista, tem que abrir o coração e na transbordância desse franco e hospitaleiro abraço, derramar sobre ele as suas fosforescentes pedrarias, os seus cânticos regionais, a garridice dos trajos tão cheios de etnografia e folclore, as lendas e os costumes, os turbantes coloridos da beira-mar e os compridos cabelos negro-dourados da moçoila, esvoaçados ao vento.

— Alguma vez já se encontrou a felicidade correndo-se atrás dela?... A felicidade vem de dentro e de dentro vem também a beleza emotiva, que perdura na realidade do sonho e do pensamento.

*Laranjeira de pé de oiro
Deita raízes de prata,
O tomar amores não custa,
O deixá-los é que mata!*

No MINHO, as pedras dão pão e os esteios mel, desde que se reguem com o suor do rosto.

Quem o conhecer profundamente, não pode fugir a admirar os seus costumes velhinhos que começam e acabam assim...

— Conta-se que por tradição popular existe, nas proximidades do Baixo-Minho uma povoação denominada AREIAS, S. VICENTE freguesia que elegeu certo dia a Festa do Cabido e que ainda perdura anualmente a 2 de Fevereiro. Consiste por determinação a alma característica da nossa gente e talvez seja inédita na região de Entre-Douro-e-Minho.

«Em tempos bastante recuados só na Festa do Cabido ou Entrega da Cruz é que os homens desta ridente freguesia troca-

vam os velhos tamancos por sapatos e vestiam fraques e chapéus duros (cocos).

Há uns trinta e tantos anos para cá, esta festividade comemora-se com ornamentações, fogos e abundantes copos de água».

A Festa do Cabido principia por os mordomos, acompanhados por uma banda de música e por alguns convidados, irem buscar o Mordomo da Festa a sua casa e acompanharem-no à Igreja da terra. Dentro desta, o Snr. Abade, com a assistência de todos os mordomos e do restante povo da freguesia faz a reza da velha cruz que consiste na recitação de vinte padre-nossos. Esta reza é um legado da freguesia, obrigação imposta por que ofereceu a cruz paroquial.

Depois da reza dá-se cumprimento ao legado da nicha que é pago pelo mordomo do 3.º ano e pelo que sai. O legado da nicha é composto pelo seguinte: — (1 pão, 1 copo de vinho e figos) distribuído às mulheres, uma de cada família no largo da Igreja e aos homens e rapazes em recintos fechados. Só tem direito a receber esse legado os que forem irmãos do sub-sino ou melhor os que pagaram para o gasto da cera da Igreja. Faz-se um peditório no próprio



NOIVOS DE BALUGÃES (BARCELOS)

— Poesia de séculos transformada em dois sorrisos

dia da Festa, pelo Mordomo que entra e que também é alcunhado de « galego ». É obrigação dos casados contribuírem, pelo menos, com 1\$00 e os solteiros e viúvos, que possuam bens próprios com \$50.

Feita a distribuição da nicha, os mordomos, os habitantes e convidados da Festa voltam de novo à Igreja para se proceder à entrega cerimonial da cruz ao Mordomo da Festa. O Snr. Abade faz uma alocução exaltando o simbolismo da cruz; e o Mordomo que entrega a cruz pronuncia algumas palavras para dizer ao que recebe, que lha entrega como a Bandeira de Jesus Cristo e pedir-lhe que a guarde respeitosamente no melhor lugar da sua casa, o que ele promete cumprir fielmente.

Em seguida, o Mordomo da Festa conduz a cruz processionalmente para sua casa, acompanhado pelos mordomos, convidados e povo.

Depois de colocada em lugar de honra, na sua casa, o Mordomo oferece um « copo de água » aos convidados, e à sua porta, distribui pão e vinho a todas as pessoas, sem qualquer distinção.

São cinco os mordomos que fazem parte da festividade do Cabido em AREIAS S. VICENTE, andando cada um durante cinco anos.

Na da Entrega da Cruz, são seis os mordomos em virtude do que entra para substituir o que sai, tomar também parte nesta. O mordomo para tal fim é eleito do dia 22 de Janeiro, dia de S. Vicente patrono da freguesia, pelos cinco mordomos mas a eleição só se torna efectiva depois de aprovada pelo Snr. Abade. Os mordomos são sempre casados e só o poderão ser uma vez na vida. Lembro ainda que nesse dia em AREIAS paraliza-se o trabalho para se considerar dia feriado.

— Os trajos regionais desta província diferem em ornamento mas igualam-se em colorido. O minhoto do Alto-Minho é pitoresco, conservando excepcionalmente toda a pureza do costume tradicional.

A black and white photograph showing three women in traditional Bulgarian folk costumes. They are carrying a large, ornate, woven basket filled with flowers or foliage on a pole balanced across their shoulders. The women are wearing patterned dresses and headscarves. The background shows a hilly landscape.

- Cartaz vivo da romaria minhota

— Colete curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho ou preto, guarnecido com uma larga barra de veludo preto lavrado no estilo Utrechet pespontado por espiguiha de ouro ou prata.

(1) e (2) de Farpas, ed. 1887, I, 30 «Ramalho Ortigão».

O do Baixo-Minho não é menos característico e se por vezes varia nalgumas localidades, noutras iguala-se aos do Alto-Minho.

(³) A saia de sirguilha, como o avental, com a sua barra de cor preta o colete de rabos, preto com bordados a cores. Camisa de gola larga bordada, cruzando no peito o lenço de ramagens. Faixa preta rematando em renda, chinela preta de bico estreito e arrebitado, meias até ao joelho de renda branca e brincos compridos até aos ombros, cordão de ouro com cruz e coração de filigrana.

Os trajos típicos da região de GUIMARÃES diferem em beleza com os do resto do MINHO.



FIANDEIRAS DO LINHO

Dedilhando o oiro de Guimarães

(³) Descrição «Barcelos no Passado e no Presente» de Ernesto Magalhães.

Assim verificamos pela descrição de Alfredo Guimarães no «GUIA DE TURISMO» a graciosidade do vestuário vimaranense, que, diga-se de passagem, é inédito e admirável.

— O homem, de camisa de linho bordada, colete de «peluche», faixa preta, calça de casimira, chinela de bezerro; a mulher, de camisa e colete de linho bordados, várias saias, avental com vidrilhos, meias brancas, chinelas de verniz e lenço com ramagens.

Estes trajos ainda são usados em festividades oficiais, romarias típicas e pelos componentes da «FESTADA DE GUIMARÃES» que fiel à tradição, reza e canta com a alma e com a boca a beleza eterna do MINHO.

As canções Minhotas são eloquentemente sadias e cantadas por bocas radiosas de formosas moçoilas. Há uma infinidade de canções, todas elas como rosários que se desfiam por essas povoações ao som de instrumentos típicos.

Vamos leitor, cantar algumas, mesmo sapateadas:

CHULA-MINHOTA

*Ó chula, ó rica chula
Gostas de andar asseada
Bom sapato, boa meia
Boa fivela dourada.*

*Anda lá para diante
Que eu atrás de ti não vou
Não me pede o coração
Amar a quem me deixou*

*A chula bem cantadinha
Dançadinha ao desdém
Faz arrebentar os homens
Por quantas ilhargas tem.*

MALHÃO

Ó malhão, triste malhão
Ó malhão, triste coitado (repete)
Por causa de ti, malhão (repete)
Ando eu roto esfarrapado.

Ó malhão, gosto de ti
Eu gosto de ti, malhão (repete)
Contigo à minha beira (repete)
Trago alegre o coração

A LIMA DE GÓIOS

— Uma das suas quadras:

Cortei o bico à rola
As asas ao papagaio
Para que te livre amor
Das orvalhadas de Maio.

O SAPATINHO

NOTA: O sapatinho é uma dança própria das desfolhadas. Nas eiras os rapazes e as raparigas formam aos pares ou aos quatro. A sua marcação é bastante complicada. Esta dança, assim como a Lima de Góios é pertença de Barcelos da região do Baixo-Minho.

Os sapatinhos do Minho
São de todos os mais belos
Mas têm de ser usados
Pelas moças de Barcelos.

O sapatinho do Minho
É feito de pau de amieiro
Colhido na margens do Cávado
Por ser o mais brejeiro.

VERDEGAR-MINHOTO

(CHULA)

A moda do verdegar (repete)
É uma moda tão bonita (repete)
Ai, sapatinho repipio tau-tau (repete)
Menina de Braga sapato de pau.

Todas as modas acabam
Só o verdegar é que fica
Ai, sapatinho repipio tau-tau (repete)
Menina de Braga sapato de pau

Fui cantar o verdegar
Meu pai minha mãe deixou
Ai, sapatinho repipio tau-tau (repete)
Menina de Braga sapato de pau.

REGADINHO

Água leva o regadinho
Pela minha porta abaixo
Escorreguei e caí, mas ai
Quebrei o fundo ao tacho

(Snr.^a Maria, o seu gato deu
uma bofetada na cara do meu)

TAU-TAU «BIRI, BIRI»

(MODA REGIONAL DO BAIXO-MINHO)

Na quinta do meu amor,
Passa o rio pelo meio;
Nos braços do meu amor,
Assim, é qu'eu me balanceio

Coro: Tau-tau, ora biri, biri
Tau-tau, ora biri, bau

Rua abaixo, rua acima
Todo o mundo me quiere bem,
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

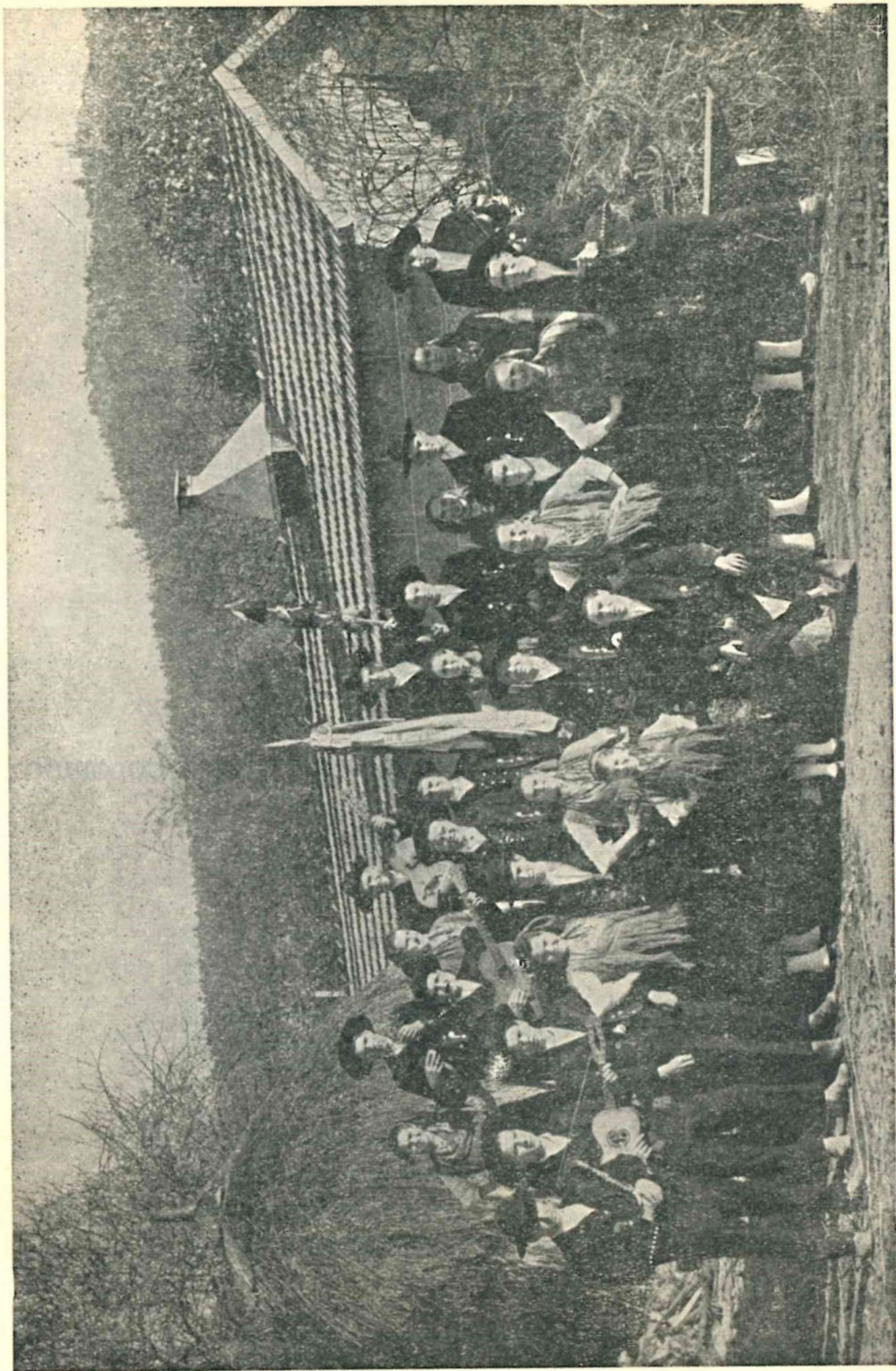
CANA VERDE

Ó minha caninha verde
Cana verde verdoega
Numa noite de luar
Um beijinho não se nega

Ó minha caninha verde
Ó minha verde caninha
Não faças a tua cama
Anda-te deitar na minha.

FESTADA DE GUIMARÃES

— FOLCLORE RICO, VIVO E COLORIDO...





PORTUGAL

ASPECTO DO FOLCLORE

Vianesa de Santa Marta de Portuzelo com traje regional (fato de luxo)

SCÈNES DU FOLKLORE

Femme de Viana do Castelo avec son costume régional (luxe)

C.M.B.
Biblioteca

VAREIRA

(DANÇA REGIONAL DO BAIXO-MINHO
RECOLHIDA EM BARCELOS)

Vareira, linda vareira,
Vareira, lari-ló-lela,
Vareira, linda vareira,
Vareira, da nossa terra

Hei-de amar o limão verde,
A erma do lavrador;
Não há casados sem guerra,
Nem solteiros sem amor.

Semear e não colher
É que atrasa o lavrador;
Eu também ando atrasado
Nas voltas com o meu amor.

VAREIRA-CHULA

(DANÇA REGIONAL, CANTADA NO BAIXO-MINHO
PELA FESTADA E RECOLHIDA EM GUIMARÃES)

CANTADEIRA:

Agora que estou cá dentro
adeuzinho, regalar,
deita o peixinho ao rio,
se o quiseres ver nadar.

Ando rouca do meu peito,
mal haja a rouquidão,
que me não deixa cantar
à minha satisfação.

Ó Chula-Vareira, Chula,
gostas de andar asseada,
vai levar a saia ao dono
que a trazes emprestada.

CORADINHA

(CANTADA PELAS RAPARIGAS ALEGRES E ACOLHEDORAS
DA INTERESSANTE «RONDA DE VILA-CHÃ» — ESPOSENDE)

ELE: — «Coradinha, coradinha
Ó minha branca flor:
Diga a seu pai que a case
E q'eu seja seu amor.
Ó Coradinha, olé, olé!
Olé, olé, ó Coradinha.

ELA: — Chamaste-me Coradinha,
Isto é do pó da eira:
Verás-me p'ra domingo
Como rosa na roseira.

ELE: — És garrida Coradinha
Vidaeira e tão lousã,
Que mesmo quando é noitinha,
Tens o frescor da manhã...»

Portugal é pequeno — apenas geograficamente, rico em recursos naturais. É densamente povoado. E contudo, tem invariavelmente atraído maior número de turistas entre qualquer outro país da velha Europa. Há motivos para isso. Desde os tempos antigos, que os portugueses dispersos pelas províncias de norte a sul se vêem atraídos pela fertilidade do solo e pelo clima, atractivos da natureza e do espírito. Que terão os Minhotos, que lhes dá um poder de atracção tão característico?

— Poderíamos talvez dizer que, assim como os durienses têm um jeito especial para a arte das vindimas, os transmontanos para a nostalgia, os beirões para o trabalho, os minhotos têm um dom para a vida. Mas será mais exacto afirmar que são um povo que vive intensamente, sem reservas e apaixonadamente para a prosperidade da terra lusíada. Sejam jovens ou velhos honrados, no trabalho defendendo a sua integridade ou no divertimento vinculando toda a alma pura, cuja dedicação aos costumes populares é ímpar.

O Minhoto produz, elabora, faz nascer alguma coisa digna de aplauso. Vejam-se os artífices trabalhando. Ou os agricultores no campo: podando, arando, plantando, colhendo; nota-se como eles de um povoado inerte desbobinam na alvorada um acolhedor jardim; alfobre de alimentos extraordinários. Vejam-se as crianças brincando, abraçadas à paz de Portugal e sobre o sol de carinho imaculado. Veja-se a mãe de família debruçada no berço beijando o filho louro e robusto, improvisando uma malga de caldo fumarento e umas lascas de presunto, criando uma refeição saborosa. Há ordem no trabalho e nas ruas, dedicação e respeito, acima de tudo, há um zelo apaixonado.

O povo Minhoto, cria terras e constitui boas obras. Para a glória de Deus, para a dignidade do homem, para o futuro dos filhos.

Assim o MINHO província encantada, tão velha como a cristandade, íman para quantos no mundo cedem ao belo e ao romanesco espera que a conheçam; poderão nunca a ter visto, poderão ir vê-la ainda como nós a vemos com intenso desejo. Como quer que seja, ela também é vossa como parte inolvidável que deve ser da grande herança da civilização portuguesa.

ESTA TERRA É MINHA

Tanta gente revoando em gargalhadas...
— Com o olhar à sombra d'um desejo
Ter um palmito de terra iluminada!
E na boca a doçura de um BEIJO!

Enxada às costas!
Porque andam nos caminhos?
De noite, aureolados de luar...
Para dar aos FILHOS o calor dos ninhos
A combater, a crer, a desejar...

Labutam e apenas uma alma existe;
Continuando a história do martírio
— Mas as ROMARIAS o envolvem em delírio
E passa a vida, mais alegre do que tristel

ESTA TERRA É MINHA, vejo-a na vidraça,
Abriga-nos, entre brumas almofadadas...
E julgo estar a vê-la quando passa;
Na moldura álaçre das estradas!...

Dormindo nos degraus de qualquer porta
Enquanto a seara se agita ao vento!
Peregrinando a alma quase morta;
Ao sonho do mau ano — o TORMENTO —

GOTAS DE TRADIÇÃO POPULAR...

PORQUE a tradição popular que flutua na planície é a mesma que, vagamente, como que através de um véu multicolor eu já ouvira em tempos de garoto... Ali está, em toda a pureza de sua glória a voz do povo inspirando-a ao belo e ao vivo.

As lendas, os costumes, os adágios, os provérbios e as quadras soltas são um início da alvorada na tradição portuguesa, fresca como o orvalho da manhã.

Quando perfuramos a vastidão de ouro do povoado matizado a verdes tenros e nos embrenhamos pelo interior das cercanias rígidas das nossas aldeolas minhotas, verificamos ainda, tanto prazer primitivo, chave de um mundo íntimo e imperecível, são: — as medas de palha com a corucha ou bispa, a ferradura como símbolo da felicidade, presa a um canto da porta, a cruz pintalgada na porta do forno, para que o pão seja abençoado, o alho porro colocado à entrada da casa para afastar dali o mau olhado e a inveja, os amuletos e o sempre verde, metidos no seio das mulheres, nos jugos dos bois e no cesto da hortalíça quando vai para o mercado e que também corta os maus olhados.

Certo escritor relatou um dia, que o minhoto gosta imenso das «botas rancheiras», não por vaidade, mas porque tem o seu

ouvido educado ao ei, ei, do aboiar, à música dos pardais, ao canto das desgarradas e ao pesado e lento chiar dos eixos dos carros, quando seguem do trabalho.

CHADEIRO DE SALGUEIRO,
COUCÃO DE AMIEIRO,
CANTADOIRA DE GIESTA
TODO O CAMINHO É FESTA!

O povo tem dizeres que nos encham a alma e nos permite o beijo do êxtase: são os adágios tão engraçados e de elevada celsitude.

«O sacho até Santa Marinha cheira a morrinha; até Santa Marta cheira que mata; até S. Tiago cheira a diabo, ou ainda: em dia de S. Pedro fecha o rego de lavrar e abre o rego de regar; a mulher no campo (pelo sacho) pela Santa Marinha parece uma galinha e pelo S. Tiago parece um diabo. O centelo—semeia-me no pó e de mim não tenhas dó; o trigo—deita-me na lama que me deitas em boa cama; a couve—esterca-me uma vez e sacha-me cada mês.

Eu admiro com vivo interesse a credice popular do povo minhoto, e acho maravilhoso o seu devotado entusiasmo.

Com uma habilidade insuperável inventam chás que por valor ou sugestão facilmente melhoram as variadas características dos sofrimentos humanos.

Assim os chás mais adoptados e que não resistimos à tentação de mergulhar nesta toalha de tradição popular são: da macela, contra o fastio e que tem a sua quadrinha palpitante:

*Ó que lindo luar faz
Para colher a macela,
Vamo-la colher ambinhos,
Faremos a cama nela.*

Os chás de alfavaca de cobra ou mais vulgar, erva dos muros, para combater a ureia. O chá de carqueja, aconselhado para a tosse. O chá de erva das sete sangrias, para acalmar a febre, o de hortelã pimenta, óptimo na cura contra os vermes. O chá de pontas de silva tem virtudes curativas nas diarreias; a cidreira acalma temporariamente a tensão nervosa; e os cozimentos de serradela amaciam a garganta, etc., etc.

Diz o povo, e devemos encarar com realidade que as plantas para meios curativos e dons milagrosos entram com a sua fisionomia esplendorosa na tradição popular portuguesa.

Se não, vejamos: — a erva pinheira é extraordinária para os namorados, pois que, posta à cabeceira do leito, reverdece, se os amores são correspondidos. A erva de N. Senhora, deixa-se no telhado para saber notícias dos ausentes, etc.

O povo envolve em mistério as coisas vivas, e descobrindo beleza, compõe alegres melodias que bailam ao seu compasso.

Conceberam ao azevinho, que se queima nas trovoadas uma cantiga admirável, que nos convida a conhecê-la:

Azevinho, meu menino,
Aqui te venho colher,
Para que me dês fortuna
No comprar e no vender
E em todos os negócios
Em que me venha a meter.

Agora, lá vai a novidade: — Um costume engraçado e muito pitoresco é aquele invocado contra a peçonha dos bichos e mordeduras venenosas. A talhadeira coloca uma faca de aço no sítio afectado e vai dizendo:

— Eu que corto?

— Corta bicho — responde a enferma.

Dizendo isto a talhadeira começa a fazer cruces com a faca diante da parte afectada, acompanhando com a seguinte ladainha:

— Bicho corto,
Bicho, bichão,
Saramela, saramelão,
Centopeia, centopião,
Sapo, sapão
E toda a qualidade de bicho;
Corto cabeça, rabo e coração
E toda a parte do corpo,
Por poder de DEUS e da VIRGEM MARIA.
Reza um Padre-nosso
E uma Avé-Maria...

Ficou no povo minhoto por inúmeras gerações uma tradição que consta nem mais nem menos no uso dos defumadouros, de incenso, alecrim e sal, e que são recitados todas as vezes que a doença bate à porta.

A fórmula é simples:

« ASSIM COMO NOSSA SENHORA DEFUMOU O SEU BENDITO E AMADO FILHO, PARA CHEIRAR, ASSIM EU TE DEFUMO PARA SARAR. EU TE BENZO TAMBÉM EM LOUVOR DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO QUE TE DEITE OS MALES PARA FORA E OS BENS PARA DENTRO.»

Para os que sofrem de hérnias, há uma receita muito usada em Viana do Castelo e que tem de ser rigorosamente seguida na noite da véspera de S. João. Consta do seguinte: «Ao dar a primeira badalada da meia noite, corta-se um vime que seja direito de alto a baixo sem o retirar da terra.

— Enquanto dois Joões pegam cada um em sua metade e se afastam, o terceiro agarra na criança quebrada e pergunta à primeira Maria que encontrar:

— Que fias, Maria?

Esta responde:

— Fiado

Para ligar o vime

Do menino quebrado.

Um dos Joões vai passando o doente pelo meio do vime, continuando com a mesma reza, às outras Marias que se vão aproximando. Depois, as duas partes do vime são juntas e atadas com o fio que as Marias foram fiando durante a cerimónia. Ao fim de um mês se o vime se tiver soldado, a criança vê-se com o padecimento curado.

Esta província é de todas a mais pitoresca no sentido e no espírito da sua tradição. Vejamos o que fazem para os lados de Guimarães as raparigas que desejam saber se determinado rapaz casa ou não com elas:

«Fazem dois flocos de linho muito fofos, representando cada floco o moço e a moça. Põem-se os flocos e pega-se-lhes o fogo ao mesmo tempo. Se os dois a arder se levantarem ao mesmo tempo, casamento certo; se um se desvia, não acompanhando o outro, a pessoa que ele representa não gosta da outra ».

Na véspera do domingo de Ramos, em Vizela, os namorados costumam pôr à porta das conversadas: ou sementes de couve ou pinheiros ou ainda coroas de ervas cheirosas, correspondendo elas, mandando amêndoas. Traduzindo uma tradição antiga e ainda uma promessa de amor...

Será absolutamente difícil pretender qualificar toda esta tradição do minhoto numa espécie de entendimento psíquico, pois as frases, as palavras, os pensamentos não passam de uma viveza natural, simples que se erguem numa frase espiritualmente bela e melodiosa.

Encontramos aqui e acolá surpresas inesperadas que pela sua variedade nos emocionam excepcionalmente.

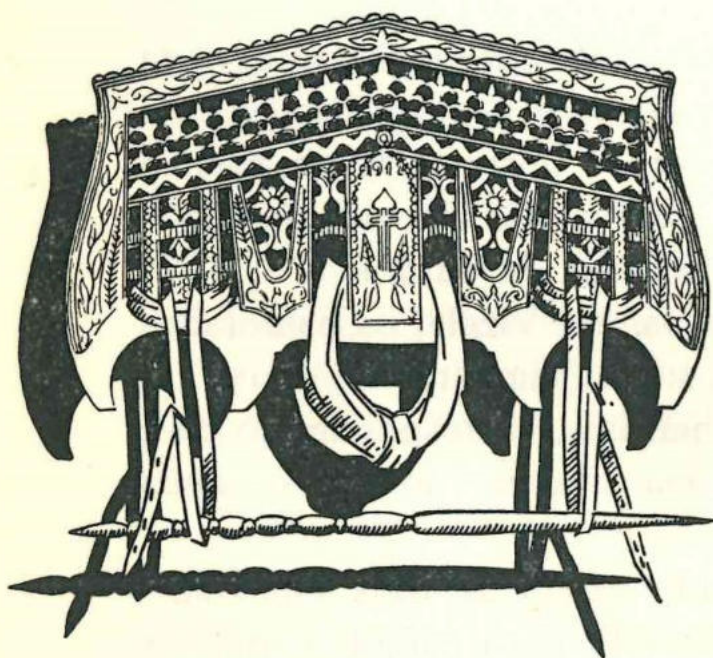
— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. — Para sempre seja louvado; palavras estas balbuciadas junto das alminhas ou dos cruzeiros que se abrem nos lugarejos que devotamente se erguem pelo seu esforço de amor térreo num tronco de granito polido servindo de despojo aos que, de joelhos, dobrados em postura de oração e de peito inclinado, levantam as gerações que mourejam noutros mundos.

O homem do Minho revela-se em segredo, constitui família modesta e cria os filhos nas terras do seu amanhã. Ama a natureza com uma ternura tão estranha, com um amor tão doce, que ela lhe revela dia a dia, passo a passo, novos segredos e o dom misterioso de criar novas plantas. Assim o minhoto dá à humanidade embrenhada no ódio tumultuoso, uma lição de carinho, dedicação e trabalho. A batata que amanhou é mais succulenta, maior. A erva é mais verde e tenra para que possa alimentar

o gado; as flores, para ele, florescem mais formosas e rebentam perfumadas numa chama alegre; os frutos encontram uma fragrância e desabrocham com mais sabor; o leite alimenta mais; o vinho rascante é mais fresco e capitoso.

Tudo porque o minhoto compreendeu o segredo da natureza que adormece no seu regaço.

A verdade deste crer cultivado pelo homem do Minho é simples: assim como o fruto e as flores são livres e vivem a grandeza do céu azul, o minhoto é supremo porque vive no generoso solo da liberdade.



JUGOS DO BAIXO-MINHO

— Arte cantada em madeira
pelo artesão popular

FAMALICÃO...

Terra enamorada...

— Depois das belezas que avistas:

Os teus olhos de luz, me afaga,

FAMALICÃO dos artistas

Dos bairristas,

Sinfonia que embriaga!

FAMALICÃO...

Alma gentil que se espalha,

E vem da brancura das casas

Do coração das herdades,

— Em tintas de oiro e carinho

Do sol do rosmaninho;

Do perfume das saudades,

Do calor das suas brasas

Em DEUS confia e trabalha!

FAMALICÃO...

Alma do Minho

Vigorosa,

De melodias escritas,

És minha vida amorosa

De extensões infinitas.

O ar...

Desfruta,

Escuta

E faz vibrar!

FAMALICÃO...

Voz imprevista:

— Meus olhos pasmados!

Ouvem falar,

E repisar

Os inspirados

Na tela de artista!

Por isso,

Sem vaidade

Mereces FAMALICÃO

O nome de CIDADE!

BARCELOS E OS SEUS ENCANTOS...

BARCELOS imensidade do poente!
Oh! Príncipe por Deus amado!...
Em trono de sonho ardente
Entre brasões imortalizado.
A teus pés nobres de soberana!
Vive o feito de FARIA.
Cidade amada simples e lusitana
Tua história não é mera fantasia!

As colinas e horizontes são um hino,
Que emprestam vida e beleza,
E que se elevam de amor divino
Entre as asas brancas da pureza,
Que em dia alegre de seu noivado,
D. António Barroso Santo d'amor e luz
Com seu sorriso perfumado,
Vai curando os que sofrem, com JESUS!...

Dispersas capelinhas pelo monte,
Onde o povo choroso vai ajoelhar
Lágrimas lhes caem como fonte,
Em gratas romarias a rezar,
Às Senhoras da FRANQUEIRA, FACHO e APARECIDA
E as rosas se avolumam no altar,
Em louvores a DEUS no seio da Vida
E no adro cantigas a bailar!...



CAPELA DA SENHORA APARECIDA (BALUGÃES)

— Abrigo maternal de amor e esperança...

E BARCELOS entre torres e castelos,
Beijado por loiras espigas,
Com penhor d'alma doces anelos
Onde folgam encantadas raparigas,
Vendendo em feiras os galos regionais!
E que cachopos fortes se seduzem
Fitando as ancas roliças, e troncais
Que essas moças lindas traduzem!

A tua dama inamorada BARCELINHOS!...

Relicário onde canta o rouxinol,

Leva a alma pelos belos ribeirinhos,

Às cachopas de manhã ao pôr do sol!...

Terra de tricanas, folclore e alegrias,

Do Malhão e do Vira em tocatas

BARCELINHOS fulco das romarias,

Jardim do Minho e das serenatas!

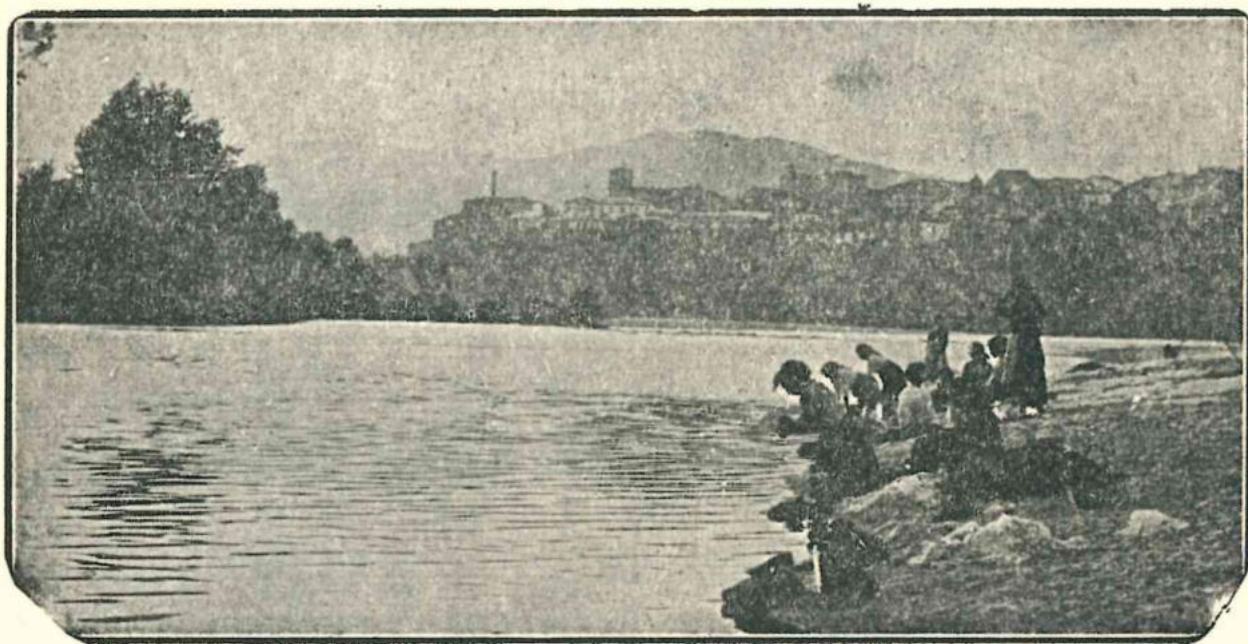


VISTA GERAL DE BARCELINHOS

BARCELOS ninho de Felgueiras Gayo,
— Genealogista de gema imortal,
E de tantos outros, cujo o raio...
De acções foram de nobreza sem igual
E Miguel Ângelo maestro,
Cândido da Cunha, pintor
Almeida Ferraz... do resto...
As inúmeras figuras dão-te cor!...

Teu CONVENTO DE VILAR,
Perfumado de sangue vegetal,
Lembra as conquistas de sonho e luar,
Deste luar que cobre PORTUGAL!
— Tuas FESTAS DAS CRUZES,
De arraiais fogos e danças,
Na noite encastoada de luzes
Moças vistosas com lindas tranças!

Teu Cávado de águas finas,
Entre brumas altaneira,
Os castelos e as cinco quinas
À sombra da tua bandeira!...
Nas quentes tardes de Agosto,
Sobre lençol de denso areal,
Com alegria em seu fresco rosto
As lavadeiras de olhar leal!



LAVADEIRAS DO CÁVADO

— qual manhã doirada de primavera

JUGOS

caudal
de riqueza
típica



A olaria os tapetes e os jugos,
Na policromia pitoresca,
Os rodeiros, os bordados e os fusos...
Ecoando redondilha romanesca,
— Os líricos japónicos e suaves
Jardim de flores em cores radiosas,
Os cantares enfeitados das aves
Entram nos pomares de frutas apetitosas!

Poema que mais parece encanto d'fada,
E resplandece junto do coração,
Quando ao longe se avista a ESPLANADA;
Em frente ao velho Solar do Barbadão,
Múltiplos encantos nos penedinhos
Como montículos d'chocolate castanho,
É SUA MAJESTADE BARCELINHOS —
Numa cascata grande em seu tamanho!

CACHOPAS
DE
BARCELOS

— Trajo regional



— BARCELOS, cidade mais ditosa,
Algoz de tanta nauta em glória
E que o turista afoga a sede angustiosa,
Nos pergaminhos carcomidos da história;
TERRA, onde brilha o sol por teus montes
A ti, canto estrofes mais uma vez,
As cristalinas águas das fontes
Num gentio amor português!

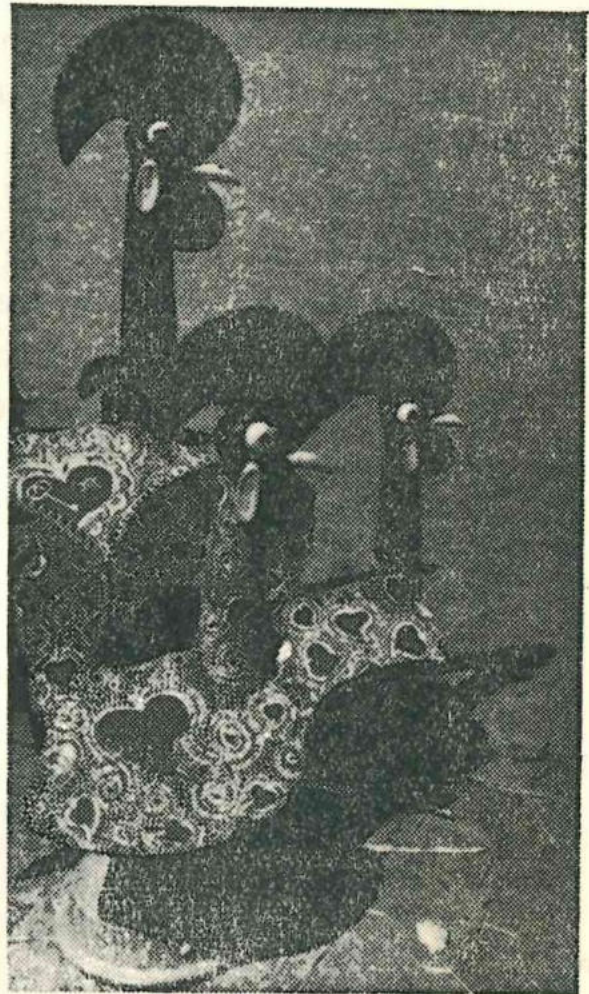
CALDAS DO EIROGO, que beleza encerra...
Horizontes variados de muitas cores,
Onde se deitam nossos males por terra,
Como as sementes dos lavradores.
São estas as belezas singulares,
Que saem cantadas do nosso rude peito,
E que a vós impera se julgares
Nos mais nobres e santos feitos!...



CALDAS DO EIROGO

GALOS DE BARCELOS

— Orgulho e
admiração nacional



A Indústria que te rodeia,
Os braços abre em amizade fraternal,
E o povo com amor te teia,
Elogios mais lindos de Portugal.
E o teu Comércio altivo e fecundo,
— Diz ao turista que se avizinha
Seres a CIDADE, com o Galo adorna o mundo,
E o cofre prateado... Ó TERRA MINHA!

No Desporto de ilustre relação,
Impera um CLUBE com fé ardente
Nos pelouros da assombrada geração,
E que honrado se chama GIL VICENTE.
— Há ainda no ALEM-CÁVADO o condão;
Cujos atletas de peitos reluzentes,
São bravos campeões da natação
No altivo dizer das nossas gentes!

A Igreja Matriz com os sinos a tocar,
O Bom Jesus da Cruz com bondade a sorrir,
É Deus que chama para se orar
E ilumina a esperança do seu provir,
Que as bênçãos da Virgem desçam sobre ti,
Ó terra franca dos seus vinhedos,
E que TU ó terra onde eu nascil...
Sejas a infinita glória dos meus enlevos!



IGREJA MATRIZ E PELOURINHO

Duas grandezas prà vida das gerações

É ASSIM O NATAL!

A EMPOLGANTE festividade natalícia é uma adoração fiel e agradável em qualquer parte do mundo civilizado.

A exemplo das outras regiões, o minhoto criou há vários anos a sua noite de NATAL.

Arde em cada alma uma inextinguível vitalidade religiosa de paz e fraternidade, símbolo de esperança.

Como parece inócuo, por vezes, acreditar que o amor e a boa vontade possam triunfar sobre o ódio e a força do mal que campeiam em nosso mundo. Em face da realidade como podemos encontrar ainda neste meio século, esperança na encantadora história do NATAL!

O minhoto abastado ou humilde, participa obedientemente ao culto da Natividade. Esquecem-se ódios, calam-se ambições, suavizam-se dores, lembram-se os ausentes e as pessoas queridas que DEUS orgulhosamente chamou para a Sua divina companhia: ambos têm os seus lugares à mesa de Consoada, em volta da lareira maravilhosa de ornamentos e cuidados, na roda dos familiares, enfim, no fundo dos corações.

Por pouco importantes que possam parecer, por pouco preparados que possamos ser, por impossível que o problema se possa mostrar, adquiridos uma esperança, uma fé renovada, um orgulho de sermos cristãos.

Ainda não se apagaram da mentalidade humana as palavras que compuseram uma inteligente frase de SALOMÃO:

«Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças.»

Assim o minhoto não brota só de sonhos, realiza, constrói, embora humildemente mas com acção e o NATAL no MINHO é todo ele um poema esculpido na neve fria dos campos e montes e retalhada nas opulentas iguarias dispersas pelas mesas, guarnecidas pela toalha de linho branco bordada a cheio, decoradas com raminhos de azevinho e pinheiro manso. Iluminadas pelos castiçais com velas irradiando luz mortíça, reflectida na face morena do bacalhau fumegante, com troços e batatas, que aparece em todas as mesas como prato comum.

Também há rabanadas em fatias douradas, temperadas com canela, limão, açúcar e vinho. Os fios de ovos, os bolos de mel, o arroz doce, e a característica aletria doce; são favoritos para sobremesa.

Enquanto os sinos do campanário distante não se erguem para as badaladas da MISSA DO GALO o povo recolhe-se em volta da lareira, aquecendo-se em torno do fogo acariciador, e jogando o rapa com os pinhões apartados da cinza ardente.

Depois da MISSA DO GALO e no regresso, a boa gente do MINHO, antes de se deitar nas fofas camas de lençóis alvos e macios, bebem para aquecer o vinho quente com mel.

O lar na noite de consoada é uma verdadeira purificação, uma completa luz que abrasa de simbolismo a vida tradicionalmente pura e ávida do minhoto.

Todos os dias de NATAL nasce uma esperança, uma esperança que cintila em todos os corações, embora alguns possam parecer sombrios ou ignorantes, mas são sempre estrelas que brilham para iluminar o futuro. São esses os valores espirituais que significam mais, alcançam mais alto, duram mais tempo, e, no fim da vida tornam a morte memorável.

NATAL

Pelos caminhos sulcados de neve,
— À luz fria de seu olhar,
Vai o CAMPONÊS, enxada aos ombros,
Depois de labutar o pão de cada dia!
— A casita campestre espera-o...
Solta-lhe à entrada gritos d'euforia
Em acres cheiros a pinhas mansas!

Na típica lareira saltita o pote
Com inesperadas maravilhas?
Não! apenas o bacalhau e loiras batatitas,
— Que nesse dia são tradicionais...

A mesa coberta com toalha d'alvo linho,
E baixela do vidrado mais luzente
Onde se distingue a boroa e bom vinho
Na nesga luz da candeia!...
— Tocam os sinos no campanário d'ALDEIA,
São horas d'ajoelhar e dar louvores a Deus!...

A FRANQUEIRA

BARCELOS, a Barca-Coeli fundada pelos gregos 1150 anos antes de Cristo, a Cidade do Galo, tornou-se célebre e é uma das mais antigas da Europa. Ao visitá-la pelas FESTAS DAS CRUZES, admirem-se as suas torres altíssimas e seus palácios solarengos, não esquecendo as suas igrejas e catedrais em trabalho perfeito da arquitectura grega, cilena e romana.

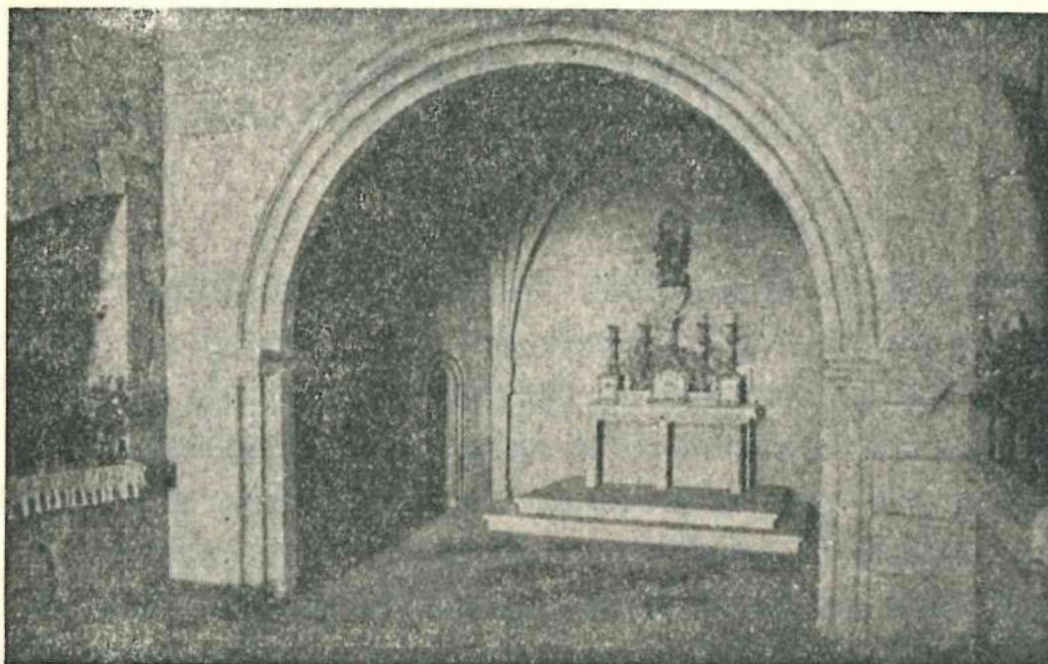
A Cidade do Galo é um poema de granito cantando belas estrofes, cujas sonoridades eternas parecem despertar a alma dos séculos, a fim de que jamais se esqueça, a beleza medieval que envolve a Barca-Coeli e com ela o seu bom povo hospitaleiro e amigo.

Do Alto do Tamel ou de Abade de Neiva, as paisagens são o cartaz vivo da ternura vegetal.

Vai-se por essas aldeias em fora, onde sobressaiem S. Miguel da Carreira, com os seus *bordados*, que têm corrido mundo e que são dos mais belos que se fazem na península; Carvalhal, com o característico dos jugos e rodeiros, parecendo trabalho manuelino; S. Vicente de Areias e Galegos de Santa Maria, com os galos de barro colorido e louças vidradas cuja fama é mundial; Barqueiros, com a telha e a pirotécnica afamada; Milhazes, com os *fusos* e

rocas; e Barcelinhos, com o seu folclore, com as suas cachopas alegres e sedutoras a cantar e a bailar levando à frente toda a beleza emotiva da enamorada terra do Cávado, nessas aldeias, bordadas de vinhas e campos matizados de milheirais.

Julgo conhecerem a atraente e bucólica montanha da Franqueira, onde tudo são matizes variados, na paisagem imponente, ao arfar idílico do mar que se avista ao longe, nos campos que se perdem na nossa retina.



CAPELA DA FRANQUEIRA

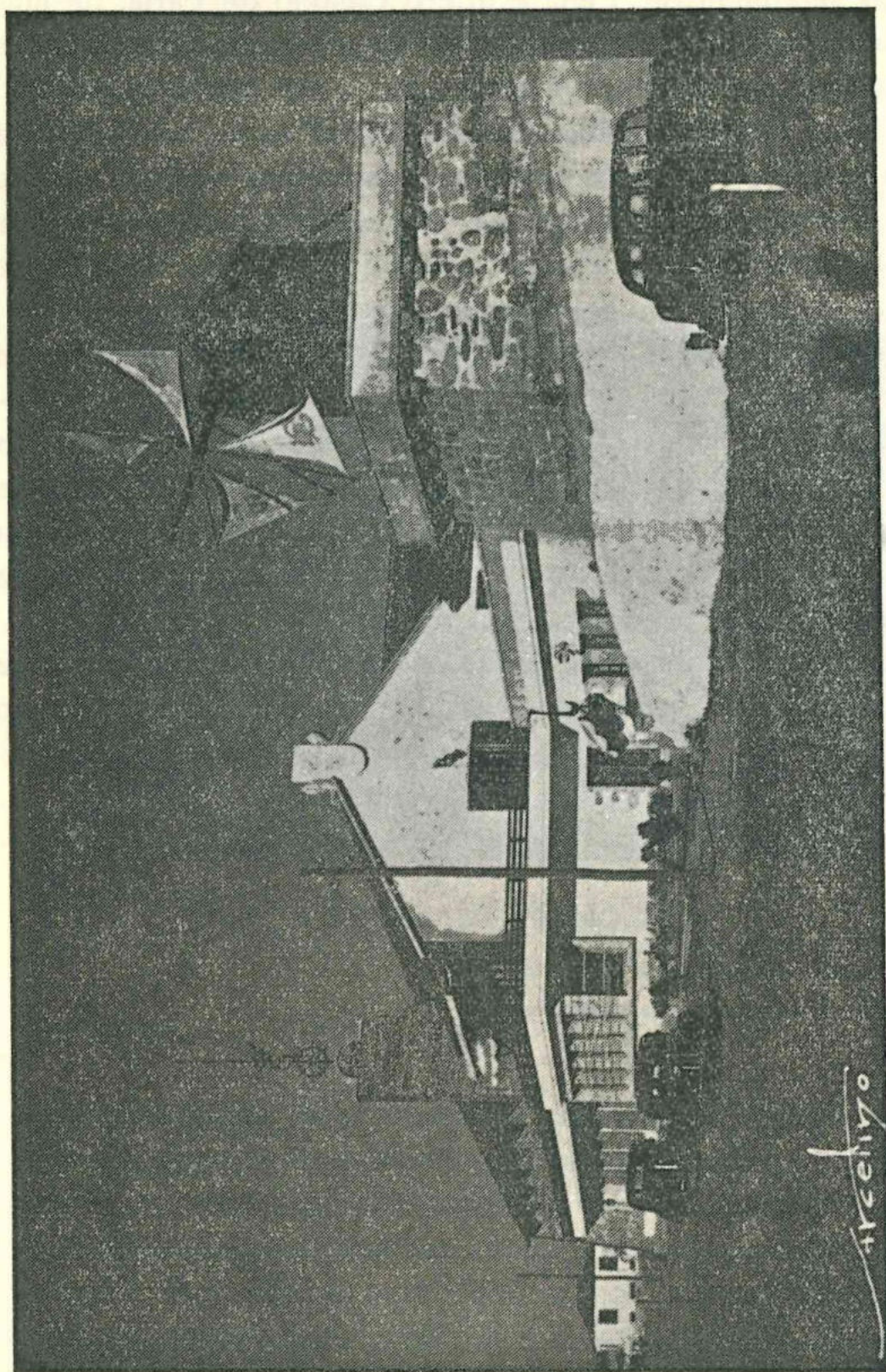
Estilo gótico, altar de jaspe...
«símbolo da conquista de Ceuta»

A Franqueira fica situada a sudoeste da cidade de Barcelos e distante desta sete quilómetros, poema sublime, na absorvente plenitude da vida, maravilhoso halo de inspiração, na sinfonia de verdes e tenros contornos suaves da colina que o regaço da fresca e virginal flora soube enternecidamente afagar. Foi aí que se julgou, em manifestações de amor à Pátria, a vida do bravo guerreiro Alcaide de Faria; foi nesse solo que os portugueses de

antanho acenderam a chama viva da Pátria, que vidas voaram à eternidade deixando sublime o nome bravo dos Farias, alcaide de privilegiados sentimentos. Pena é que o Castelo de Faria, de elegância lapidar no seu estilo, no seu culto à memória das grandes figuras, vitorioso no génio português, não esteja restaurado como outros por esse Portugal fora, para emoldurar toda esta frondosa epopeia de festões aromáticos aureolados de sangue vegetal. É um importante Castelo da Idade Média esquecido dentro dos muros da «Sempre Eterna, Mui Hospitaleira e Histórica Cidade de Barcelos».

A régia capela, onde reina a Senhora da Franqueira, eleva-se ao Céu como uma prece de união religiosa, tradicional e arreigada na alma da nossa raça, em cujo altar-mor se encontram as colunas de jaspe trazidas de Ceuta. É a única capela que existe na península, onde aos pés da Virgem e como trofeu se encontra o jaspe mais puro coberto de loiros que foi o da conquista daquela praça moira.

E deixamos a Franqueira onde se aspira o suave perfume do alecrim, colina de panorama irisado e cristalino, vogando no sombrio dos campos e nos maciços do arvoredos.



HOTEL DO SUAUE-MAR

Arte do urbanismo moderno na clareira feérica
da deslumbrante Vila de Esposende.

REZA DO CAMINHEIRO

Beijo-te assim, ó MINHO perfumado,
Porque és o morno e perfumado ninho
Onde os horizontes escondem a mão nevada;
Ao redor da terra aberta de mansinho!

Possuis porte fidalgo e noite escura...
Pelas seivas dos caminhos, matagal florido
De alfombras deleitosas a frescura;
Lançando vagamente o olhar «SEMI-PERDIDO»

Gargantas d'oiro cantam, a vela azul ascende,
— As asas do moinho, rico de pedraria,
E as searas d'loiros belos se estende,
Sobre o SOL aberto ao novo dia!

— «Que és tu, ó paisagem? (pergunta a terra)
Sou a chave deste MINHO eterno amante!
Que dos campos à ermida muito encerra;
Dentro do bragal: — Horizonte distante!...

O MINHOTO, por toda a eternidade...
Trabalha sol a sol! — Em seu sorriso palpitante;
— Quer puxando para si a velha enxada,
— Quer erguendo-se à tenaz amarra.
Acarinhando o pão pora saciar a HUMANIDADE
Ampliando o mar na heroicidade de NAVEGANTE!



BARCELOS — (Portugal)

CASTELO DE FARIA (Feito Heróico de Alcaide)
CHÂTEAUX DE FARIA (Fait Héroïque de Alcaide)

C.M.B.
Biblioteca

Enquanto dura a luta entre leme e vela
— Há uma pobre mulher que treme ajoelhada;
Suas lágrimas envolvem a capela
« — Do SENHOR DOS AFLITOS — »
E cinge contra o peito, uma cabecita doirada:

Eu vou beijar teu rosto de cristal
Oh! MINHO tela fina já gravada...
És uma lágrima, uma pérola pendurada
nas quinas ondulantes de PORTUGAL!

VIANA DO CASTELO, por esse azul distante,
Seria capaz de atravessar mundos...
E cheio de pó a MONÇÃO como caminhante
Percorrendo ESPOSENDE em seus olhos profundos!

FÃO — seio de mar, rio e pinhal.
APÚLIA — salpicada de redes e boninas
Agitando-se o mar entre os olhos meus;
Com os SARGACEIROS envoltos em conchas finas
Em seu regaço levando-as para Deus!
BARCELOS, és um jardim a culminar em flor
E um parapeito que me absolve a existência
E se me arrasa o peito ver-te com dor...
Mais em mim se enrosca sem clemência!

BRAGA, que em Junho parece um roseiral
E assombra a terra em versos meus...
És a Roma querida a Bracara de Portugal
Que vive na terra para os CÉUS!

GUIMARÃES, sorri tão cheia de nobreza
Lembrando ao peregrino um tesoiro...
Além um prado abraçando a natureza
Aquém jóias de HENRIQUE em manto de oirol

FAMALICÃO, em teu regaço Jesus adormeceu
E fez de ti no MINHO um farol d'esperança...
Toldou-se o Céu e a Terra escureceu
Para voltar ao dia na frescura d'criança!

SANTO TIRSO, deixa-me adormecer no teu regaço
E dá-me piedoso, um pouco de carinho;
Pois em percorrer-te enchi-me de cansaço...
Não me deixes: satisfaz meu desejo!
Já que vim mendigando por todo o MINHO
SANTO TIRSO dá-me a esmola do teu beijo!...

CACHOPAS DO MINHO

És uma rosa
Que me delira,
Moça formosa
Vamos ao viral

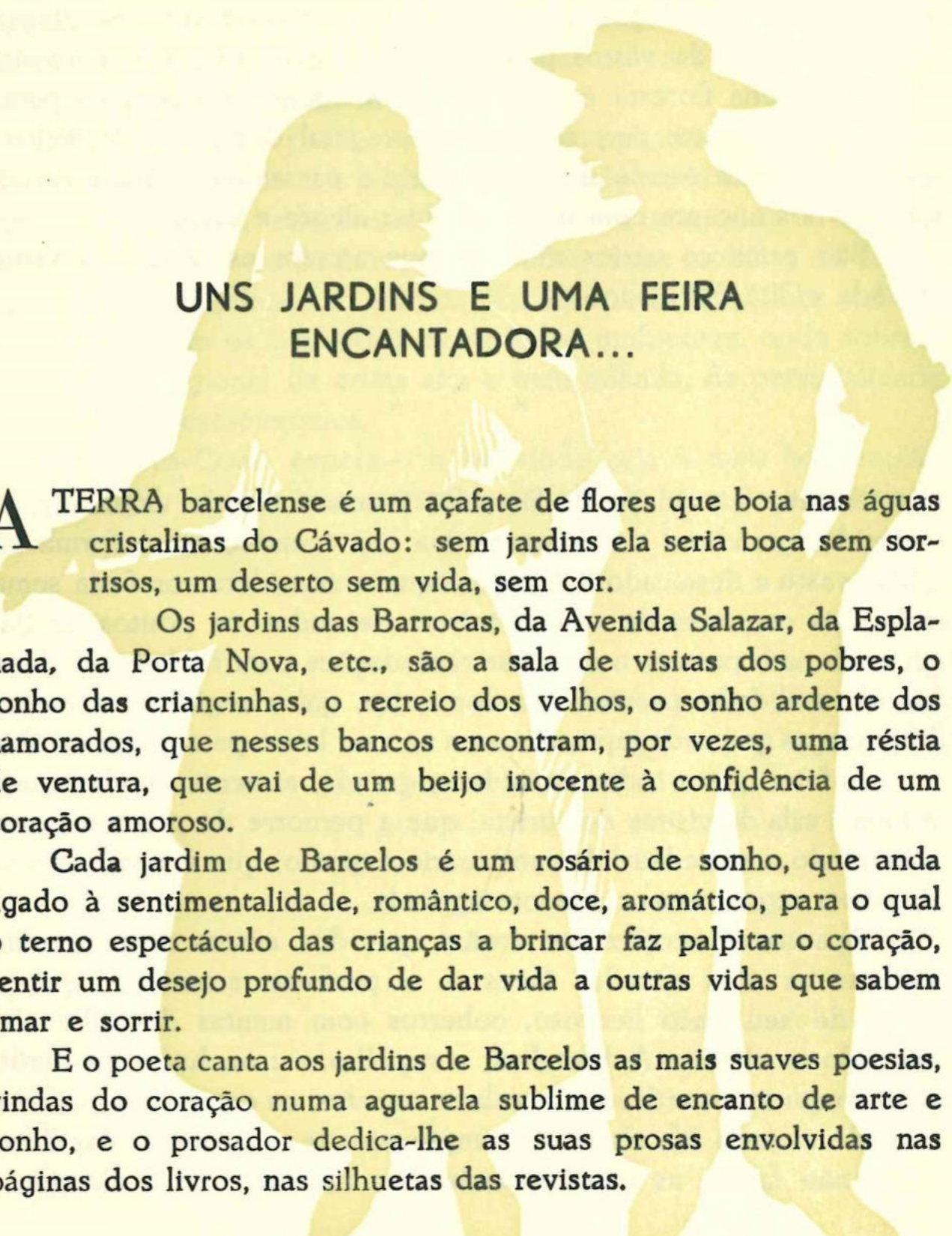
Saia rodada,
Renda de arminho,
Blusa encarnada,
Tudo lindinho!...

Chinela bordada,
De coiro preto,
Na dança afamada
Rainha do ceptrol

E na romaria,
Saiote apertado,
Teu corpo, Maria,
É bem modelado!

Coração d'ouro,
Em filigrana,
É um tesouro
Que não m'engana!...

Levas ao mundo
Tua riqueza,
Dizendo fundo
Que és Portuguesa!



UNS JARDINS E UMA FEIRA ENCANTADORA...

A TERRA barcelense é um açafate de flores que boia nas águas cristalinas do Cávado: sem jardins ela seria boca sem sorrisos, um deserto sem vida, sem cor.

Os jardins das Barrocas, da Avenida Salazar, da Esplanada, da Porta Nova, etc., são a sala de visitas dos pobres, o sonho das criancinhas, o recreio dos velhos, o sonho ardente dos namorados, que nesses bancos encontram, por vezes, uma réstia de ventura, que vai de um beijo inocente à confidência de um coração amoroso.

Cada jardim de Barcelos é um rosário de sonho, que anda ligado à sentimentalidade, romântico, doce, aromático, para o qual o terno espectáculo das crianças a brincar faz palpar o coração, sentir um desejo profundo de dar vida a outras vidas que sabem amar e sorrir.

E o poeta canta aos jardins de Barcelos as mais suaves poesias, vindas do coração numa aquarela sublime de encanto de arte e sonho, e o prosador dedica-lhe as suas prosas envolvidas nas páginas dos livros, nas silhuetas das revistas.

Dos jardins, passa-se ao parque da cidade por longa praça, onde semanalmente se realiza a feira, que nos abriga por alongada fila de árvores.

A beleza deste pequeno mundo vegetal é enriquecida pelos espelhos de água, lagos sombrios, grutas feitas de verdura, elegantes miradouros de vastos panoramas. O mais surpreendente sítio desta pequena floresta é o rink de patinagem, de curioso aspecto.

Contudo, este pequeno mundo vegetal dentro de Barcelos é uma verdadeira escola de canto, onde a passarada da mais variada origem nos encanta com o seu chilrear alegre e vivo.

São estes os vários motivos que atraem os turistas a visitar a linda «Cité del Gallo».

* * *

A feira na cidade de Barcelos é uma fonte de vitalidade, de colorido, grandiosa no aspecto, rica nas transacções, e forma um plano vasto e destacado. E eis porque a consideramos festa semanal, pois centenas de excursionistas de todos os pontos do País ali caem para passear e comprar recordações contituídas por objectos de utilidade pessoal, ou doméstica, galos regionais e mesmo bugigangas que nada representam, a não ser lucro para quem vendeu.

A feira que a todos envaidece, grande, atraente, modernizada, é bem a sala de visitas do turista, que a percorre de ponta a ponta, admirando a variedade do mostruário exposto, que é o cartaz vivo da nossa região essencialmente agrícola.

Aparece a secção dos frutos que dos cestos deixam transparecer as suas coradas faces e o perfume aromático que se esvai de seu suco licoroso, cobertos com mantas de linho alvo bordado a cheio. A hortalíça, o repolho, a tronchuda, os limões num conjunto esverdeado, os rubros tomates, os compridos pepinos, ao lado e numa fila cheia de sumptuosidade, o cantinho das flores onde não faltam as rosas, a malva em mistura com o alecrim, o

manjerico, a salva, a erva cidreira e os cravos. Aqui, perto de nossos pés, vêem-se as rendas e os bordados parecendo obra manuelina, pela sua delicada perfeição. Mais além, as rocas e os fusos, lembrando-nos as nossas avós quando, ao lado de nossos berços, fiavam como fadas os fios da lã e do linho, e que ainda na nossa vida vemos atarefadamente fiar as suas camisolas quentinhas para os rigores do Inverno.

Os chapéus de palha, os jugos que, trabalhados em madeira, nos dão a impressão de filigrana, enlaçando todo aquele aspecto em arte e poesia, envolvendo em poesia e arte toda a tradição popular. Os tapetes de farrapos, os rodeiros, as mobílias de feição típica, os tamanquinhos ao lado da chinela bordada, a louça vidrada em mistura com os bonequinhos de barro multicores, onde sobressai o Galo regional de crista alta e bem talhada, de personalidade humilde mas característica.

A Barca-Coeli espera-o e benvindo seja à mais bela região de Portugal, à mais característica do mundo, à mais hospitaleira da Europa!

O ESTIO

No MINHO!

O ESTIO, palpita no próprio ar...

E morrem os ventos desvairados

Enquanto a fé dura em meu olhar;

Os orvalhos agitam-se nas brumas dos telhados!

No ESTIO!

Os cachos a pintar pelas latadas,

As procissões nas terras maneirinhas...

E as cantigas, as desfolhadas,

Além as casas branquinhas!...

No MINHO

A frescura dos pinheirais,
Com a graça do SENHOR a terra sã...
O loiro e macio dos trigais
A beleza de mil e um cruzeiros
— Que são símbolos verdadeiros;
Da nossa fé bem cristã!

ESTIO e OUTONO azul; (Florida)
De madrugadas cheias de oiro ardente
E os pássaros nos beirais a dizerem presente
E a fazerem do seu chilrear uma só vida...

No MINHO!

Com voz dolente o homem a rezar,

Deixando atrás de si os risos sensuais!

Das fontes as lágrimas e os ais...

Que NOSSO SENHOR cria pra nos dar!

Há vibrações de sol e mocidade,

Há rotineiras canções de ironias

Há hinos de vida e claridade;

Há beijos no sorriso das MARIAS!

ÍNDICE

Diálogo	9
Rota de Prodígios	11

I PARTE

Breves Apontamentos	21
Viana — «Beldade em apuros»	25
Barcelos — «Cidade Jardim»	31
Braga — «Oásis do Minho»	37
Guimarães — «Terra de sorrisos e surpresas»	43
Santo Tirso — «Glória do Trabalho»	51
Praias e Estâncias	55
Czardas do Minho (verso)	59
Festas e Romarias	63
Romeiros (verso)	65
Junho é Portugal a Cantar	67
Balões de Junho (Marcha)	71
Madrigal (prosa e verso)	73
Bom Jesus do Monte (verso).	77
Fão deixa sonhar (verso)	81
Sol, Paisagem e Areia...	83
Lendas Populares	85
Arte e Escultura	93

II PARTE

Minho, Cartaz Típico	103
Guimarães (verso)	107
Jardim de Sonho	109
Roma Portuguesa (verso)	114
Vindimas.	117
Vindimas (verso)	121
Heróis do Mar... (verso)	123
Como Veste o Minho	125
Chula-Minhota	131
Malhão	132
A Lima de Góios	132
O Sapatinho	132
Verdegar-Minhoto	133
Regadinho	133
Tau-Tau «Biri, Biri»	134
Vareira	137
Vareira-Chula	137
Coradinha	138
Esta Terra é Minha (verso)	141
Gotas de Tradição Popular	143
Famalicão (verso)	149
Barcelos e os seus encantos (verso)	151
É assim o Natal	167
Natal (verso)	169
A Franqueira	171
Reza do Caminheiro (verso)	175
Cachopas do Minho (verso)	181
Uns Jardins e uma Feira encantadora	185
O Estio (verso)	188

CORRIGENDA

PÁG.	LINHA	ONDE SE LÊ	DEVE LER-SE
21	5	vida mundanos	vida mundana
39	12	emaranhados nos confortes	emaranhados nos contrafortes
53	4	E característica	É característica
127	18	por que ofereceu	por quem ofereceu
167	21	adquiridos uma esperança	adquirimos uma esperança

biblioteca
municipal
barcelos



8606

Minho